UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E
ÁRABES

PAULA DA COSTA CAFFARO

**PARA UMA PADRONIZAÇÃO EM PORTUGUÊS DA
TERMINOLOGIA MORFOSSINTÁTICA DO VERBO
ÁRABE**

VERSÃO CORRIGIDA

“De acordo” do orientador:

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Safa Alferd Abou Chahla Jubran

SÃO PAULO

2012

PAULA DA COSTA CAFFARO

**PARA UMA PADRONIZAÇÃO EM PORTUGUÊS DA
TERMINOLOGIA MORFOSSINTÁTICA DO VERBO
ÁRABE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Árabes.

Área de Concentração: Estudos Árabes

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Safa Alferd Abou Chahla Jubran

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Instituição: USP – FFLCH

Presidente

Prof^ª Dr^ª Paola Giustina Baccin

Instituição: USP – FFLCH

Titular

Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens

Instituição: UFRJ – Faculdade de Letras - Externo

Titular

DEDICATÓRIA

A Deus, por me sustentar nos momentos em que minhas forças já não eram mais suficientes e por estar sempre ao meu lado.

A minha amada mãe, por seu apoio incondicional e por suas ternas palavras que acalentam meu coração.

A minha querida irmã, por sua presença amiga em minha vida.

A meus avós, Juarez e Pedrina, pelo acolhimento e por serem um exemplo para mim.

AGRADECIMENTOS

Começo estes agradecimentos, louvando a Deus pelo fim de mais esta importante etapa em minha vida acadêmica e profissional. Agradeço ao Senhor por toda capacitação, inspiração e graça concedida durante este árduo período de estudos.

Agradeço a minha orientadora, Dr^a Safa Jubran, que me aceitou sem nem mesmo me conhecer. Obrigada por ter confiado em mim e ter me dado uma oportunidade de desabrochar academicamente. Agradeço sua hospitalidade genuinamente árabe, por me acolher e me guiar nos momentos em que eu não conseguia perceber o melhor caminho a seguir. Obrigada por me ajudar a lidar com a ansiedade, um desafio para mim, e a me ensinar que a pesquisa precisa ser gerada dentro de nós até que floresça. Obrigada por sua amizade, incentivo e carinho.

Agradeço aos membros da banca examinadora, porque mesmo de longe, acompanharam meu desenvolvimento.

Agradeço aos meus colegas e amigos “uspianos”, tão comprometidos com a pesquisa e o saber. Obrigada pelo exemplo, companheirismo, simpatia, amizade e apoio. Agradeço, em especial, à Rita de Cássia Gomes, Amanda Aziz, Wafa Hage, Elias Mendes, Rafael Minussi (e aos colegas do DL), a todos os colegas do Departamento de Letras Orientais e aos amigos do Grupo de Orientalismos na História.

Aproveito o ensejo, para agradecer a Mamede Jarouche, Michel Sleiman, Mona Hawi, Miguel Attie Filho, Arlene Clemesha, caríssimos professores dos Estudos Árabes da USP. Obrigada pela disponibilidade nos momentos de dúvida, pelo empenho e amor à causa. Muito aprendi com vocês.

Não poderia deixar de mencionar meus amigos e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, minha primeira casa. Agradeço ao Monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh, nosso *Abuna*, por ser nosso referencial e mestre incansável na busca pelo saber. Com 93 anos de idade, ainda encontra disposição e ânimo para novos projetos conjuntos. Realmente, nosso maior exemplo.

Agradeço ao Prof. Dr. João Baptista, por me acompanhar em toda minha trajetória acadêmica, desde a época da graduação, passando por Damasco, Rio de

Janeiro, São Paulo, Itaboraí, Tanguá, Rio Bonito. Sua presença tutorial e amiga me traz segurança e confiança de que sou capaz, de que posso ir além.

Obrigada Sueli Lima, Geni Harb, Cristiane Duarte, Bianca Graziela pela amizade, companheirismo, orientação, incentivo. É muito bom ter vocês em minha vida.

Agradeço aos professores Hani Hazime e Ibrahim G. Khalil por me convencerem a não abandonar o curso de árabe ainda no princípio da graduação.

Agradeço a Rafael Lopes, caro colega e técnico de TI, por me ajudar e orientar quando as ferramentas tecnológicas falharam e o desespero de perder todo meu trabalho tomou conta de mim.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo suporte financeiro para realização desta pesquisa.

Agradeço ao apoio irrestrito da minha família e de meus familiares, vocês são minha base. Agradeço, em especial, a meu primo Vitor Caffaro, que antes de mim cruzou a Dutra rumo a São Paulo e fixou moradia. Obrigada pela acolhida e pelo cuidado quando eu também fui cidadã paulistana.

Agradeço aos meus verdadeiros amigos, por compreenderem minhas ausências por causa dos estudos, por me incentivarem mesmo admirados com minha escolha, por se orgulharem de mim e de meu trajeto.

Obrigada a todos que compõem minha história e contribuem para quem sou hoje.

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.”

Charles Chaplin

“Tudo tem seu tempo. Há um momento oportuno para cada coisa debaixo do céu: tempo para plantar e tempo para colher (...)”

Eclesiastes, 3, 1.

CAFFARO, Paula da C. **Para uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe**. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RESUMO

Este trabalho consiste na investigação da terminologia gramatical árabe, visando à padronização em língua portuguesa. Tendo em vista a grande quantidade dos fenômenos linguísticos, a análise restringiu-se às denominações da classe verbal. Dez termos principais e dezesseis termos secundários foram investigados em três *corpora* constituídos de gramáticas árabe-árabes; gramáticas árabes elaboradas por arabistas e de obras de referência cujo tema é a terminologia gramatical árabe. O objetivo principal desta pesquisa é propor uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe que seja aparente aos leitores especializados brasileiros, *a priori*, e aos pesquisadores lusófonos cujo objeto de estudo seja a língua árabe. Elabora-se ainda um glossário terminológico Árabe-Português/ Português-Árabe.

Palavras-chave: Língua árabe, Verbo árabe, Língua portuguesa, Terminologia Gramatical.

CAFFARO, Paula da C. **For a standardization in Portuguese of the morphosynthetic terminology of the Arabic verb.** 158 f. Thesis (Masters Degree) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ABSTRACT

This work consists of an investigation of Arabic grammatical terminology, aiming at the standardization in Portuguese language. In view of the great amount of linguistic phenomena, the analysis was restricted to the verbal class names. Ten principal terms and sixteen secondary terms were investigated in three *corpora* constituted by Arabic-Arabic Grammars; Arabic Grammar elaborated by Arabists and other reference works on Arabic Grammatical Terms. The main aim of this search is to suggest standardization in Portuguese of the morphosynthetic terminology of the Arabic verb which can be understandable to Brazilian skilled readers, at first, to Lusophone searchers whose study objective is Arabic language. It is elaborated a Terminological Glossary Arabic-Portuguese/ Portuguese-Arabic.

Key Words: Arabic language, Arabic verb, Portuguese language, Grammatical terminology.

توحيدُ مُصطلّحاتِ الفِعلِ العَرَبِيِّ النّحويّةِ والصّرْفيّةِ في اللّغةِ البرتغاليّةِ. CAFFARO, Paula da C. 158 f. بَحْثُ المَجَسْتِير – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

الاختصار

هذا العمل هو تحقيق للمصطلحات النحوية العربية، ويهدف إلى توحيد المصطلحات في اللغة البرتغالية. نظرا لكثرة الظواهر اللغوية، يقتصر الدرس على أسماء الأفعال. عشر مصطلحات أساسية وستة عشر مصطلح ثانوي. وكان التحقيق في ثلاثة مجاميع مكونة من "كتب قواعد عربية-عربية؛ كتب قواعد ألفها مستعربون ومراجع هدفها المصطلحات النحوية العربية". أما الهدف الرئيسي لهذا البحث هو الإشارة إلى توحيد المصطلحات النحوية الصرفية للأفعال العربية كي تكون مفهومة بدنيا من قبل القراء المتخصصين البرازيليين ومن ثم من قبل الباحثين الناطقين باللغة البرتغالية المهادين لدرس اللغة العربية في اللغة البرتغالية. وقام البحث أيضا بوضع معجم مصطلحات عربية-برتغالية وبرتغالية-عربية.

الكلمة السريّة: اللّغة العَرَبِيّة، الفِعلِ العَرَبِيِّ، اللّغةِ البُرتغاليّةِ، المُصطلّحاتِ النّحويّةِ.

A TRANSLITERAÇÃO ADOTADA NESTA DISSERTAÇÃO¹:

Grafema árabe	Transliteração	Transcrição Fonética
ا	ā	/a:/
ب	b	/b/
ت	t	/t/
ث	<u>t</u>	/θ/
ج	j	/ʒ/
ح	ḥ	/ħ/
خ	ḫ	/x/
د	d	/d/
ذ	<u>d</u>	/ð/
ر	r	/r/
ز	z	/z/
س	s	/s/
ش	š	/ʃ/
ص	ṣ	/s/
ض	ḍ	/ɗ/
ط	ṭ	/t/
ظ	<u>ḍ</u>	/ð/
ع	ʿ	/ʕ/
غ	ġ	/ʁ/
ف	f	/f/
ق	q	/q/

¹ As palavras árabes transliteradas que aparecerem nas citações ao longo deste trabalho serão adaptadas segundo a convenção acima adotada.

ك	k	/k/
ل	l	/l/
م	m	/m/
ن	n	/n/
ه	h	/h/
و	ū (vogal longa)	/u:/
	w (semiconsoante)	/w/
ي	ī (vogal longa)	/i:/
	y (semiconsoante)	/j/
ى	à	/a:/
ء	,	/ʔ/
ة	t (quando pronunciado entre duas vogais ²)	/t/
ُ	u (vogal breve)	/u/
َ	a (vogal breve)	/a/
ِ	i (vogal breve)	/i/

² Quando não pronunciado, ao final de palavras, não será transliterado.

LISTA DE TABELAS

NÚMERO	DENOMINAÇÃO
Tabela 1	Níveis de atualização da língua
Tabela 2	Campos das fichas terminológicas
Tabela 3	Termos investigados
Tabela 4	Conjugação do verbo جَلَسَ <i>jalasa</i>
Tabela 5	Tabela ilustrativa do paradigma <i>fāʿala</i> <i>yafʿilu</i> , cujo <i>wāw</i> é a primeira radical
Tabela 6	Tipologia das raízes verbais árabes
Tabela 7	Conceitos de tempo, aspecto e modo verbal
Tabela 8	Semelhanças e diferenças entre a voz ativa/ passiva árabe e portuguesa
Tabela 9	Semelhanças entre <i>ʾaḥāl nāqiṣa</i> , verbo defectivo e verbo de ligação
Tabela 10	Raiz, radical e afixo em árabe e português
Tabela 11	Características principais dos verbos <i>muqāraba</i> , <i>rajāʿ</i> e <i>šurīʿ</i>
Tabela 12	Verbos <i>madḥ</i> e <i>ḍamm</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: DA TERMINOLOGIA, DA TERMINOGRAFIA, DA LEXICOLOGIA, DA LEXICOGRAFIA.....	04
1 Da Terminologia e seus objetos de estudo	04
1.1 O termo	06
1.2 A fraseologia	08
1.2 A definição terminológica	09
2 Da Terminografia	11
3 Da Lexicologia	12
4 Da Lexicografia	14
5 Obras de referência: dicionário de língua, dicionário terminológico, glossário	14
5.1 Dicionário de língua	16
5.2 Dicionário terminológico	17
5.3 Glossário	18
6 Neologismos terminológicos	19
CAPÍTULO II: DA METODOLOGIA DE TRABALHO	23
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TERMOS	33
1 الفِعل الصَّحِيح والمُعْتَل <i>alfi'l aṣ-ṣaḥīḥ wa almu'tal</i>	36
1.1 صَحِيح <i>ṣaḥīḥ</i>	39
1.1.1 سَالِم <i>sālim</i>	42
1.1.2 مُضَعَّف <i>muḍa^{cc}af</i>	45
1.1.3 مَهْمُوز <i>mahmūz</i>	48
1.2 مُعْتَل <i>mu'tal</i>	51
1.2.1 مِثَال <i>miṭāl</i>	54
1.2.2 أَجَوَف <i>'ajwaf</i>	58

1.2.3 ناقص <i>nāqiṣ</i>	62
1.2.4 لفيف مقرون <i>lafīf maqrūn</i>	66
1.2.5 لفيف مفروق <i>lafīf mafrūq</i>	69
2 O tempo, o aspecto e o modo verbal: um panorama	71
2.1 الفعل الماضي <i>alfiʿl almāḍī</i>	77
3 الفعل المضارع <i>alfiʿl almuḍāriʿ</i>	80
3.1 المضارع المرفوع <i>almuḍāriʿ almarfūʿ</i>	83
3.2 المضارع المنصوب <i>almuḍāriʿ almanṣūb</i>	86
3.3 المضارع المجزوم <i>almuḍāriʿ almajzūm</i>	89
3.4 المستقبل <i>almustaqbal</i>	92
4 فعل الأمر <i>fiʿl alʿamr</i>	93
5 Os verbos <i>lāzim</i> e <i>mutaʿaddin</i> e a transitividade verbal	94
5.1 الفعل اللازم <i>alfiʿl allāzim</i>	97
5.2 الفعل المتعدي <i>alfiʿl almutaʿaddī</i>	100
6 A voz do verbo árabe e português: categorias correspondentes?	102
6.1 الفعل المبني للمعلوم <i>alfiʿl almabnī lil-maʿlūm</i>	107
6.2 الفعل المبني للمجهول <i>alfiʿl almabnī lil-majhūl</i>	109
7 الأفعال الناقصة <i>alʿafʿāl an-nāqiṣa</i>	113
8 الفعل المجرد والمزيد <i>alfiʿl almujarraḍ wa almazīd</i>	120
8.1 مجرد <i>mujarrad</i>	126
8.2 مزيد <i>mazīd</i>	129
9 أفعال المقاربة والرجاء والشروع <i>ʿafʿāl almuqāraba wa ar-rajāʾ wa aš-šurūʿ</i>	131
10 أفعال المدح والذم <i>ʿafʿāl almadḥ wa aḍ-ḍam</i>	137
CAPÍTULO IV: GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA VERBAL MORFOSSINTÁTICA	141
1. Glossário Árabe-Português da Terminologia Verbal Morfossintática	143

2. Glossário Português-Árabe da Terminologia Verbal Morfossintática	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

INTRODUÇÃO

A importância de se estudarem as terminologias gramaticais foi observada ainda em sala de aula durante a graduação, quando o ensino da gramática árabe causava quase um desconforto entre professor/aluno, não devido aos pontos gramaticais apresentados, mas pelas denominações, em língua vernácula, atribuídas aos processos linguísticos. Uma linguagem hermética e pouco aparente não favorece a compreensão para quem não é “iniciado” ou apenas iniciante no assunto (Krieger & Finatto, 2004, p. 67). Como exemplo da afirmação acima, tem-se o termo árabe *’idāfa*, referido comumente em português pelo termo “anexação”. Esta terminologia não evoca nenhuma associação de ideias ou de estruturas existentes na língua portuguesa que guie o entendimento do aluno.

A fim de desenvolver o estudo das terminologias, pensou-se em focalizar as denominações do verbo. Devido à grande quantidade de fenômenos linguísticos da língua árabe, assim como de qualquer língua, foi necessário que se restringisse o escopo, e, para esta primeira fase de pesquisas, o mestrado, procuram-se discutir as terminologias aplicadas à classe verbal. A escolha foi motivada, também, pelo interesse pessoal da pesquisadora, que possui por esta classe maior interesse.

Ao reunir todos os termos verbais, verificou-se que estes foram elaborados em bases que versavam majoritariamente sobre a morfologia e a sintaxe dos verbos. Há, contudo, termos ligados à semântica e à fonética dos mesmos. Esta mistura de critérios tem origem na classificação depreendida pelos primeiros gramáticos árabes, os quais sistematizaram e compilaram as regras gramaticais e sua terminologia em fins do século VIII e princípio do IX, sendo Sībawayhi¹ (morte em 793) o principal ícone deste processo. Ao longo dos séculos, os gramáticos árabes optaram pela simplificação de certos aspectos gramaticais e de sua terminologia, em relação ao Árabe Clássico (objeto de estudo e descrição dos primeiros gramáticos), dando início ao Árabe Moderno Padrão (objeto deste trabalho), no entanto, tal mistura de critérios classificatórios

¹ Conhecido como “o pai da gramática árabe”, Sībawayhi escreveu o primeiro tratado gramatical árabe de valor imensurável para a tradição linguística. Publicado apenas após sua morte e, por isso deixada sem título, ficou conhecida como *Alkitāb*, “O Livro”.

permaneceu, sendo exaustivamente reproduzida nas gramáticas modernas escritas por árabes e não árabes.

Dez termos verbais foram selecionados para esta pesquisa, os quais se desdobram em outros termos secundários também considerados, totalizando uma lista final de vinte e seis itens a serem investigados em três *corpora* principais. O primeiro *corpus* é formado por quatro gramáticas árabe-árabe; o segundo compõe-se de sete gramáticas árabes elaboradas por arabistas de nacionalidades e épocas diferentes, e o terceiro, por três obras de referência cujo tema é a terminologia gramatical árabe.

O objetivo desta dissertação é investigar os vinte e seis termos nos três *corpora* supracitados e verificar:

1. o comportamento gramatical de cada item, observando a coerência com a terminologia adotada pelos gramáticos árabes;
2. as opções terminológicas de cada gramático não árabe para designar, em suas línguas de chegada, os termos estudados, averiguando se foram provenientes de traduções literais ou fruto de reflexões linguísticas;
3. se há padronização entre os termos adotados pelos gramáticos não árabes e se esta é pertinente ao leitor especializado brasileiro;
4. se é possível estabelecer algum paralelo biunívoco entre o processo gramatical árabe e português, a fim de se buscar termos correspondentes em ambas as línguas².

Quando for constatado que a padronização terminológica existente não é aparente ao leitor brasileiro ou quando não houver correspondência gramatical entre termos árabes e portugueses, são sugeridos novos termos que deem conta do item em estudo.

Assim, este é um exemplo de trabalho terminológico cujo objetivo principal consiste em instrumentalizar a comunidade especialista deste domínio do saber, a fim de garantir que o fluxo comunicacional seja preciso e isento de ambiguidades. Portanto, o propósito central deste trabalho é auxiliar o leitor especializado brasileiro na compreensão dos termos gramaticais do verbo árabe e propor uma padronização destas

² A pesquisa sobre os processos linguísticos portugueses será extraída de um quarto *corpus*, composto por cinco gramáticas e um dicionário de linguística e gramática portuguesa.

terminologias as quais serão sistematizadas em um glossário Árabe-Português/Português-Árabe.

Destarte, o Capítulo I traz uma revisão da literatura quanto aos conceitos da Terminologia, Terminografia, Lexicologia e Lexicografia e suas interseções conceituais. Enfoca-se, ainda no primeiro capítulo, os objetos de estudo da Terminologia, a diferenciação entre três obras de referência, a saber, o dicionário de língua, o terminológico e o glossário, seguida da justificativa pela escolha deste último tipo para sistematizar o produto da análise, e um breve resumo sobre os neologismos terminológicos devido à necessidade de criação de novas palavras ao longo da pesquisa.

O Capítulo II ocupou-se em explicar a metodologia adotada neste trabalho. Antes de delinear os caminhos metodológicos, os seguintes aspectos técnicos foram esclarecidos: o objetivo, o público alvo, os limites da pesquisa, a delimitação da nomenclatura e a organização interna do glossário. Ainda neste capítulo, foram apresentadas as justificativas de escolha das sete gramáticas não árabes, as três fichas terminológicas e os critérios de tratamento dos termos.

No Capítulo III, dá-se a análise dos vinte e seis termos. Cada item é analisado segundo as determinações previstas pela metodologia. A padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe, fruto deste trabalho terminológico, será sistematizada no glossário Árabe-Português/Português-Árabe, presente no Capítulo IV, e por fim, tecem-se algumas considerações finais.

CAPÍTULO I

Da Terminologia, da Terminografia, da Lexicologia, da Lexicografia

Fazer terminologia repetimos, continuamente, não é, por exemplo, traduzir. A unidade de tradução não é, de forma alguma, a unidade terminológica, e, portanto, fazer uma pesquisa terminológica bilíngue não é partir de uma nomenclatura preestabelecida em uma dada língua por um dicionário e traduzir para outra selecionando palavras semanticamente equivalentes. **A qualidade de um trabalho terminológico pressupõe a descrição de uso e só, posteriormente, a avaliação da conveniência da denominação.** - (nosso grifo)

Maria Teresa Cabré³

1. Da Terminologia e seus objetos de estudo

A **Terminologia** é a disciplina que estuda cientificamente o léxico de natureza técnica, científica e especializada (léxico temático ou especializado) que constitui as linguagens de especialidade⁴.

A Terminologia, compreendida como o estudo científico, teve suas bases estabelecidas na segunda metade do século XX, pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster⁵ (1898-1977), que a introduziu na Universidade de Viena em 1972, contudo, o uso das terminologias não é um fenômeno recente. Este remonta ao tempo em que o homem começou a utilizar a linguagem para expressar conceitos dos mais variados domínios de conhecimento e a denominá-los (cf. Krieger & Finatto, 2004, p. 16).

Especialistas apontam para a já conhecida polissemia do termo *terminologia*, que, nas palavras de Maciel (2001b, p. 40) “paradoxalmente contradiz o ideal de univocidade perseguido por sua própria teoria tradicional”, uma vez que pode expressar

³ Fragmento extraído do prefácio do livro *Curso Básico de Terminologia* (Barros, 2004, p. 17).

⁴ Segundo Pavel & Nolet (2002 *apud* Barros, 2004, p. 42), linguagem de especialidade constitui um “sistema de comunicação oral ou escrito usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento”.

⁵ Eugen Wüster, considerado o fundador da Terminologia moderna, lecionou na Universidade de Viena de 1972 a 1974, como professor honorário ligado ao Departamento de Linguística Geral e Aplicada, onde ministrou o curso *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica*. (Barros, 2004, p. 54)

tanto a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado do léxico especializado como indicar o conjunto de termos de uma área específica⁶.

Em seu artigo *Terminologia: conceitos e aplicações*, Augusto Dias (2000, p. 90) apresenta a seguinte citação de Sager (1998) que resume, de maneira sucinta, o que é Terminologia em sua perspectiva poliédrica. Sager afirma que:

[...] como teoria, terminologia é um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessário para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados; como prática, é um conjunto de métodos e atividades voltado para coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulário, de determinada área.”

O objetivo principal da Terminologia, a nosso ver, está em instrumentalizar a comunidade especialista de determinado domínio do saber a fim de garantir que o fluxo comunicacional seja preciso, conciso, adequado e sem ambiguidades. Para tal, estuda-se cientificamente o léxico especializado, organizando e harmonizando as noções (conceitos) ou conjunto de noções dos domínios específicos do conhecimento (Cintra *et al.*, 2001, p. 21). Por isso, a Terminologia tradicional, também conhecida por Teoria Geral da Terminologia (TGT), formulada por Eugen Wüster, empenhava-se no estudo terminológico com o objetivo de normatização⁷, sendo seu princípio motor a busca pela univocidade entre o conceito e o termo. Com o avanço das pesquisas terminológicas, um paradigma alternativo surgiu, tendo como base a visão comunicativa da linguagem em domínios de especialidade. Nesse sentido, a sinonímia, a homonímia, a polissemia e a variação linguística passaram a ser previstos.

O objetivo, nesse novo e alternativo paradigma (ou a Teoria Comunicativa da Terminologia)⁸, deslocou-se da prescrição de termos anterior para a descrição formal, semântica e funcional das unidades linguísticas que podem adquirir o valor

⁶ A fim de evitar ambiguidades, será observada a seguinte convenção: um *T* maiúsculo para referir-se ao campo de estudos e um *t* minúsculo para designar o conjunto de termos.

⁷ O termo “normatizar” será adotado no sentido prescritivo, da imposição de formas caracterizadas pelo conceito fluido de “bom-uso”, requerida pelas autoridades organizacionais que tratam da Terminologia em seus documentos prescritivos. (Demai, 2006, p. 72) A diferenciação entre “normatizar” e “normalizar” advém de conceitos extraídos da Socioterminologia que considera a língua como fato histórico-social. Tal diferenciação assume função didática no texto. Pretende-se com isso discriminar entre o caráter prescritivo e descritivo.

⁸ Este paradigma alternativo foi proposto por Maria Teresa Cabré, chama-se Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

terminológico, suas relações sógnicas com outras unidades da língua e como fazem progredir o conhecimento especializado (Cabré 1999b *apud* Barros, 2004, p.59).

Ressalte-se que, nessa nova perspectiva da Terminologia, importa normalizar, isto é, fazer uma descrição prévia do uso terminológico seguida da padronização e sistematização dos termos, levando em conta a variação linguística, conforme salienta Faulstich “um dos parâmetros para a normalização é a variação” (1999 *apud* Demai, 2006, p. 72).

Observa-se que, mesmo com o amadurecimento das teorias terminológicas, a preocupação com a padronização, sistematização e harmonização das terminologias manteve-se constante, visto ser esse um dos mecanismos que garantirá a eficácia da comunicação entre os especialistas. Demai (2006, p. 42) declara que “a Terminologia tem o poder – e o dever – de normalização dos termos, [...]”. Vale à pena ressaltar que, qualquer tentativa de normalização das terminologias não deve ser artificial ou imposta, ao contrário, deve ser refletida por especialistas que, em situação ideal, trabalhem em cooperação com o terminólogo.

A Terminologia possui três objetos de estudo, a saber, o termo, a fraseologia e a definição terminológica. Krieger & Finatto (2004, p. 22) afirmam que tanto a descrição e explicação destes objetos quanto o conjunto de diretrizes metodológicas para o tratamento dos mesmos configura a identidade da disciplina em foco.

1.1 O termo

O termo é a unidade padrão de análise da Terminologia. Trata-se das unidades lexicais técnicas com as quais o leitor se depara em um texto técnico, científico ou de alguma área de especialidade. Os termos revelam a especialização do campo de conhecimento e caracterizam a linguagem de especialidade. A função do termo é essencialmente referencial dentro de um sistema de conceitos (Maciel, 2001, p. 276).

Devido à diversidade de definições encontradas para a unidade terminológica que varia de acordo com a perspectiva teórica de cada autor, decidiu-se apresentar três visões do que venha a ser um termo a fim de se chegar a um denominador comum.

A primeira é a versão registrada pelos organismos internacionais de normalização, definindo o termo como uma “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito, definida em uma língua de especialidade” (ISO 1087 *apud*

Barros, 2004, p. 40), é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um campo específico.

A segunda trata-se da definição de Wüster. Esta afirma que “uma unidade terminológica consiste em uma *palavra* à qual se atribui um conceito como seu significado (...)” (Wüster, 1998 *apud* Krieger & Finatto, 2004, p. 76). Para o autor, o conceito é o componente responsável pela atribuição do estatuto de termo a uma unidade lexical. O termo, na TGT, é uma unidade de conhecimento. A diferenciação entre palavra e termo está fundamentada no conteúdo especializado de sua dimensão conceitual.

A terceira visão reflete a perspectiva da Teoria Comunicacional da Terminologia (TCT), que define o termo como sendo uma palavra “ativada singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação” (Cabré, 1999a *apud* Barros, 2004, p. 41). Isto quer dizer que as unidades linguísticas só se tornam termos quando são empregadas em textos de especialidade, o que ratifica o argumento de que os termos são unidades lexicais das línguas naturais. Assim, é o contexto especializado que seleciona o conteúdo específico das unidades lexicais.

Observando as três proposições acima, nota-se que o fator determinante para o estatuto terminológico é sua dimensão conceitual (Krieger, 2001, p. 122). Mesmo na consideração da TCT, é a acepção específica selecionada que faz de uma unidade lexical um termo, integrando-a a um campo de especialidade.

É importante chamar a atenção, também, para a dupla dimensão dos termos, que compreendem tanto uma dimensão cognitiva, por expressarem conhecimentos especializados, quanto uma dimensão linguística, por constituírem o léxico temático ou especializado das línguas (Krieger & Finatto, 2004, p. 16). Dupla também é sua função, pois, ao mesmo tempo em que representam os conceitos e sua estruturação – função cognitiva, eles transmitem os conteúdos próprios de cada área do saber – função comunicativa. Os termos podem ter estrutura simples ou sintagmática (sintagma terminológico).

Os termos em estudo nesta dissertação, cuja área de especialidade é a morfossintaxe verbal árabe, serão enfocados na perspectiva textual-discursiva desenvolvida a partir dos estudos de Maria Teresa Cabré. Para esta visão, os termos compõem o léxico geral da língua, tendo seu conteúdo específico selecionado de acordo com o contexto discursivo em que estão inseridos.

1.2 A fraseologia

As fraseologias são expressões recorrentes tanto nas comunicações gerais, quanto nas especializadas. São estruturas complexas que podem ser definidas como “conjuntos de unidades pluriverbais lexicalizadas e frequentes na comunicação” (Ettiger, 1982 *apud* Krieger & Finatto, 2004, p. 84) e representam os compostos, os provérbios, as expressões idiomáticas e as locuções, por exemplo.

O interesse da Terminologia pela fraseologia especializada pode ser considerado recente, como afirmam Krieger & Finatto (2004, p. 84), manifestando-se, principalmente, devido a sua frequência nas comunicações especializadas e a seu vínculo semântico com os conteúdos em voga. Coexistem com os termos num sistema de complementaridade de expressão e conteúdos de uma área específica.

Há duas tendências principais quanto à conceituação de fraseologia, cuja descrição encontra-se em Krieger & Finatto (2004, p. 86-90). A primeira define as unidades fraseológicas como colocações, isto é, combinações pluriverbais fixas ou semifixas, formadas basicamente por duas unidades léxicas, como, por exemplo, *anulação de contrato*. Nesta tendência, em que se sobrepõe o critério formal de prevalência sintática, a fraseologia aproxima-se do sintagma terminológico. A segunda as define como fórmulas ou frases feitas, próprias de determinado campo de especialidade, por exemplo, *para efeitos da lei*, sendo também chamada de extralinguística, pois importa mais as relações com a área de conhecimento do que os aspectos morfosintáticos dos elementos formantes das estruturas fraseológicas.

Observa-se a preocupação, nas pesquisas atuais, quanto à delimitação das fronteiras entre termo, do tipo sintagmático (o sintagma terminológico) e a fraseologia devido à semelhança de configuração, como, por exemplo, expressa na estrutura com elemento deverbal *absorção de energia*. Há estudos hoje, que buscam identificá-los e descrevê-los, apesar da complexidade do tema. A título de exemplificação, cita-se o trabalho de Borges (2001, p. 430) “Identificação de sintagmas terminológicos em Geociências”, no qual a autora relata que “a grande maioria dos termos identificados para a composição de um dicionário bilíngue em Geociências apresentava a estrutura sintagmática do tipo (...) nome + preposição + nome e nome + adjetivo”. Seus resultados levaram-na a comprovar a hipótese de que a criação dos sintagmas terminológicos é motivada por categorias semânticas próprias dos diferentes domínios

do conhecimento. Outra conclusão a que a autora chegou refere-se à predominância da constituição morfológica dos sintagmas. Segundo ela, predomina a forma *nome + adjetivo*. Da mesma maneira, dentre os termos investigados nesta pesquisa, há a predominância das estruturas sintagmáticas *nome + adjetivo* e *nome + preposição + nome*, assim como há fraseologias especializadas, porém, em menor número.

Não constitui interesse, deste trabalho, delinear os contornos mais profundos da fraseologia especializada, importa-nos apenas conceituar e justificar sua inserção no quadro dos objetos de estudo da Terminologia.

1.3 A definição terminológica

A definição terminológica, doravante DT, constitui o último objeto de estudo da Terminologia. Particulariza-se por sua função delimitadora do enunciado-texto, que procura dar conta dos significados de termos e expressões especializadas, transmitindo os conceitos de uma área de conhecimento em situação comunicacional. Conforme afirmam Krieger & Finatto (2004, p. 93), para haver uma boa formulação da DT, é imprescindível que tanto o gênero próximo⁹ como a diferença específica deem conta, juntos, da delimitação e singularidade do conceito expresso, de modo que tal definição seja aplicada apenas àquele conjunto de entes.

A DT é um elemento fundamental na formação e veiculação do conhecimento técnico, científico e especializado, por isso, passou a ser um foco de interesse das pesquisas terminológicas. Krieger & Finatto (2004, p. 95) atestam que

[...] pela definição é possível observar tanto a linguagem quanto o conhecimento especializado num processo de evolução e alteração, evidenciando a DT como elemento de sustentação tanto para as terminologias quanto para as linguagens especializadas em geral.

⁹ Tanto o gênero próximo quanto a diferença específica são categorias aristotélicas, sendo a primeira definida como “[...] a parte da definição que expressa a categoria ou a classe geral a que pertence o ente definido”, e a segunda descrita como “[...] a indicação da(s) particularidade(s) que distingue(m) esse ente em relação a outros de uma mesma classe.” (Krieger & Finatto 2004, p. 93)

Finatto (2001b, p. 288-292) expõe como é concebida a DT em duas escolas com perspectivas diferentes, a primeira possui uma visão mais linguística, é representada por Sager, A. Rey e Cabré, e, a segunda, com uma visão menos linguística, representada por Wüster e seus sucessores.

Na primeira escola de pensamento, Sager afirma que a DT é a descrição linguística de um conceito que dá conta de seu significado; Rey, por sua vez, acrescenta que a DT difere das demais definições por reunir a definição lexicográfica e a descrição enciclopédica, evocando o conceito; Cabré endossa que a DT é um enunciado que descreve uma noção dentro de um sistema nocional, diferenciando-a de outras noções. O ponto de encontro entre esses autores é a aproximação entre a dimensão linguística e a dimensão do conhecimento especializado. No mesmo texto citado, Finatto destaca a posição de Rey, afirmando que a DT, em sua expressão linguística, apenas evoca o conceito, sem representá-lo diretamente.

Wüster considera a definição como uma descrição de um conceito, a descrição do significado de uma designação (o termo). Este autor justifica a interferência de estudiosos em favor do desenvolvimento consciente das terminologias, daí, prevê uma descrição prescritiva, diferenciando-a da primeira, da seguinte forma: “as definições descritivas mostram como as coisas são, e as prescritivas, como deveriam ser” (Finatto, 2001b, p. 290), no entanto, este posicionamento gera problemas quanto à fidelidade na representação dos conceitos da linguagem natural.

Outro representante desta visão citado por Finatto é Weissenhoff, para quem “a DT *deve* oferecer uma delimitação estrita e uma definição precisa do conceito para tornar a comunicação tão eficiente e tão sem ambiguidades quanto possível” (Finatto, 2001b, p. 290). Weissenhoff reconhece que, longe do imobilismo lógico-matemático, a DT é fortemente condicionada pela natureza do domínio em que se insere.

Nesta visão menos linguística, segundo Finatto (2001b, p. 291) há a tentativa de isolar o processo definitório¹⁰ do processo de conceituação¹¹, como se fosse possível encontrar conceitos expressos ou representados fora de uma representação linguística.

¹⁰ A definição pertence ao nível semiótico, resultado da análise e descrição das grandezas sógnicas, da interpretação das unidades lexicais; definir, por sua vez, consiste na análise e descrição do semema linguístico para construir o mundo mental, partindo da estrutura linguística (processo semasiológico). (Barbosa 2001, p. 77)

Em outra pesquisa acerca das definições terminológicas, Finatto (2001a, p. 434-435) evidenciou que, desde os estudos clássicos da Filosofia, Retórica e Lógica, a constituição e estrutura da DT tem sido apreciada em função da presença ou ausência das categorias aristotélicas de *gênero próximo* e *diferença específica*. Esses padrões foram sendo reinterpretados na literatura, deixando de ser grandezas referenciais, passando a valores lógicos essenciais.

Ao longo de nossa pesquisa, não será necessário formular definições terminológicas para cada termo selecionado, posto que todas serão extraídas do *corpus* em estudo, a saber, as gramáticas árabes e não árabes relacionadas.

2. Da Terminografia

A **Terminografia** constitui a face aplicada da Terminologia, é a chamada “prática de elaboração de vocabulários”. Ela compila sistematicamente termos que figuram no universo de uma área especializada e cria uma obra onde os mesmos ficarão registrados, disponibilizando informações linguísticas e conceituais. A aplicação prática da Terminografia volta-se à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e banco de dados.

Silva (2009, p. 51) destaca alguns objetivos práticos da Terminografia:

- (a) A identificação de terminologias, (b) reconhecimento da variedade de suas formas, tanto no plano linguístico e semiótico, (c) os princípios de análise do funcionamento dos termos com intenção de serem registrados como instrumento de referência especializado.

Ainda segundo Silva, os estudos terminográficos auxiliam na produção dos fundamentos teóricos e metodológicos para a aplicação prática nas obras de referência. Os estudos terminográficos buscam verificar a funcionalidade da obra produzida, a adequação das definições terminológicas, a pertinência das informações gramaticais, entre outras.

¹¹ O conceito pertence ao nível pré-linguístico, é resultado da interpretação dos fatos naturais e culturais; conceituar, portanto, constitui o processo de construção de um modelo mental seguida da estrutura léxica, o ponto de partida é o universo. (processo onomasiológico). (Barbosa 2001, p. 76)

3. Da Lexicologia

Se a Terminologia é o estudo científico do léxico especializado, a **Lexicologia** define-se pelo estudo científico do léxico comum, especificamente, das palavras de uma língua. A Lexicologia, portanto, apresenta um escopo mais amplo que a Terminologia visto ocupar-se do componente lexical geral não especializado das línguas.

A unidade padrão da Terminologia é o termo e a da Lexicologia é o lexema¹², caracterizada pela inseparabilidade entre significado e significante, assim como proposto por Ferdinand Saussure (2006). Na teoria defendida por Wüster, a unidade terminológica não segue o modelo de Saussure. Na TGT, o conceito pode ser tratado independentemente de sua expressão, a prioridade de análise é do conceito, para, apenas em seguida, buscar uma designação correspondente (Barros, 2004, p. 60).

Refletir sobre os níveis de atualização da língua auxilia na compreensão sobre o estatuto científico da Terminologia e da Lexicologia. Os fundamentos para essa reflexão remontam à dicotomia saussuriana *langue* (língua) e *parole* (fala), em que língua é “o produto social da faculdade da linguagem, e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2006, p.17). *Parole* (fala) é a parte individual da linguagem, constitui-se de atos individuais, sendo assim múltipla e imprevisível. Esses atos são ilimitados, por isso não formam sistema; trata-se da concretização em discurso da língua.

Louis Hjelmslev (1968) retoma a dicotomia saussuriana língua/fala, opondo-a à outra: sistema/processo. Para o autor, a teoria da linguagem deve verificar a existência de um sistema subjacente a um processo, em suas palavras “a todo processo corresponde um sistema que permite analisá-lo e descrevê-lo por meio de um número restrito de princípios” (Hjelmslev, 1968 *apud* Barros, 2004, p. 62). O sistema corresponde à língua e o processo constitui as realizações individuais e concretas da língua.

Eugênio Coseriu (1979) constata que a formulação de Hjelmslev não foge à dicotomia saussuriana e inova ao introduzir o nível da *norma* no modelo precursor. Assim, Coseriu define sistema como o nível mais abstrato de atualização da língua

¹² Lexema, ou lexia, é a unidade de conteúdo de uma língua, de acordo com a classificação de Pottier (Demai, 2006, p. 38) pode ser simples (formado de um único lexema ou lexemas afixados), composto (formado por dois lexemas) ou complexo (formado por sintagma fixo).

funcional¹³. Trata-se de um conjunto estruturado de possibilidades do qual o falante deve servir-se no momento da enunciação (Baccin, 2003, p.63). Tais possibilidades de escolhas são infinitas, desde que o caráter funcional (as características obrigatórias deste nível) seja respeitado.

Quanto à norma, Coseriu define ser as “estruturas simplesmente normais e tradicionais na comunidade” (Coseriu, 1979 *apud* Barros, 2004, p. 63). Representa as convenções do grupo no qual o falante está inserido, e impõe-se ao enunciador no momento da fala. Segundo Baccin (2003, p.64) “a norma consiste em um conjunto de realizações obrigatórias, implicitamente definidas por um grupo social, geográfica profissional ou culturalmente delimitado, utilizadas apenas no âmbito desse grupo”. Ferir a norma de determinado grupo, seja ele representado por adolescentes, acadêmicos ou agricultores, constitui-se em um desvio das convenções daquele grupo de falantes, embora não comprometa a compreensão da mensagem, desde que o caráter funcional do sistema não seja afetado.

O falar concreto de Coseriu não difere da definição de *fala* saussuriana, isto é, “são os atos linguísticos concretamente registrados no próprio momento de sua produção” (Coseriu, 1979 *apud* Baccin, 2003, p. 65). Baccin salienta que, no Brasil, se convencionou chamar este nível de *discurso*, de acordo com a proposição de Mattoso Câmara, com o objetivo de se evitarem mal-entendidos quanto à natureza oral e escrita do falar concreto.

A Tabela abaixo ilustra o desenvolvimento do modelo dos níveis de atualização da língua:

Níveis de atualização da língua			
Saussure	Língua		Fala
Hjelmslev	Sistema		Processo
Coseriu	Sistema		Falar
		Norma(s)	concreto/Discurso

Tabela 1: Níveis de atualização da língua

¹³ Segundo Coseriu (1980) *apud* Baccin (2003, p. 63), “língua funcional é definida como uma técnica linguística determinada (unitária e homogênea), considerada sob o ponto de vista sincrônico (um período historicamente determinado), sintópico (uma única realidade geográfica), sinstrático (um único estrato social) e sinfásico (uma única modalidade expressiva).”

Após a explanação acima, verifica-se que os estudos terminológicos e as linguagens de especialidade situam-se no nível da norma, por tratar das padronizações técnicas, tecnológicas, científicas ou especializadas; e os estudos lexicológicos situam-se no nível do sistema (língua geral ou comum).

4. Da Lexicografia

Enquanto a Terminografia é a face aplicada da Terminologia, a Lexicografia constitui a interface do léxico geral, sendo responsável pela elaboração de dicionários de língua ou especiais¹⁴. De acordo com Barbosa (1990 *apud* Demai, 2006, p. 40)

Em relação à ciência-base Lexicologia, a Lexicografia define-se como ciência-aplicada, cujo objetivo é a produção de dicionários; em relação à prática lexicográfica, a Lexicografia se define como pesquisa fundamental, cujo objeto são as teorias e os modelos de confecção de dicionários.

Assim, à guiza de resumo, podemos dizer que “o léxico de uma língua é a pedra fundamental do estudo de todas as ciências da linguagem: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia”, como bem observa Silva (2009, p. 48).

5. Obras de referência: dicionário de língua, dicionário terminológico e glossário

Zucchi (2010) define coesa e claramente o que vem a ser uma obra dicionarística:

Um dicionário é um texto estruturado num eixo vertical e num eixo horizontal. Existe uma terminologia específica que denomina suas partes. O eixo vertical é formado pelo conjunto de *entradas*. A *entrada* é cada unidade lexical – palavra simples, composta, expressões, abreviaturas (dependendo da proposta da obra) – à qual

¹⁴ “Dicionários especiais são os dicionários de língua que registram apenas um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como, por exemplo, os dicionários de expressões idiomáticas, de provérbios, de ditados, de sinônimos, de antônimos, etc., os quais podem ser monolíngue, bilíngue ou multilíngue.” (Barros, 2004, p. 64)

segue o *enunciado lexicográfico*. O conjunto de entradas é chamado de *nomenclatura* ou *nominata*. A forma como é organizada a obra como um todo recebe o nome de *macroestrutura*. Organização que define a ordem das entradas, de tipo onomasiológico ou semasiológico, a inclusão de tabelas, de símbolos fonéticos, de textos com explicações gramaticais e de uso, de ilustrações, e outros. Já o conjunto de informações que segue cada *entrada* recebe o nome de *microestrutura*. A *microestrutura* é formada pela *entrada* e pelo *enunciado lexicográfico*. Zucchi (2010 *apud* Gomes, 2011, p. 81)

Segundo Barros (2004, p. 133), dicionário ou repertório constitui o modo genérico de chamar as obras lexicográficas – dicionários de língua, dicionários especiais e outros que registrem as unidades lexicais em todas as suas acepções dentro do sistema linguístico; e as obras terminográficas – dicionários terminológicos (ou vocabulários) que contêm o conjunto de termos de um domínio especializado (de uma técnica, uma ciência, uma profissão etc.).

A tipologia dos dicionários depende de muitos fatores. De acordo com Maciel (2001b, p. 42), um fator que influencia o formato de um dicionário é a perspectiva linguística do autor, aliada às necessidades reais, desejos e preferências do usuário da obra, uma vez que “o dicionário é, antes de tudo, a interface discursiva de autor e consulente a partir da proposição de um texto definatório”. Além disso, a autora destaca as exigências do mercado editorial e publicitário que, se por um lado, impulsionam a produção de dicionários, por outro, põem entraves e prejudicam a excelência desejada pelos autores.

Silva (2009, p. 52) elenca quatro critérios básicos para a realização e produção de dicionários, (a) o público-alvo; (b) a relevância das informações privilegiadas, de natureza linguística ou extralinguística; (c) a disposição das entradas (se alfabética, isto é, pela forma, ou sistemática, pelo conteúdo); (d) o número de unidades linguísticas que deverão compor a nomenclatura¹⁵.

Barbosa (2001, p. 26) aponta que não há consenso quanto à delimitação conceitual das obras lexicográficas e terminográficas, apesar das pesquisas avançadas na área e dos organismos normalizadores existentes em diferentes países. Assim, após

¹⁵ Se o objetivo da obra for levantar o maior número possível de unidades de uma língua ou de um domínio, então ela será extensiva; contudo, se o propósito for oferecer grande número de informações na microestrutura, neste caso será intensiva.

analisar a proposta de variados autores para conceituação da tipologia dessas obras, a autora mencionada restringe-se à classificação dos três tipos básicos de obras enfocados, correlacionando-as com os três níveis de atualização da língua, de acordo com o modelo de Coseriu (1979): sistema, norma(s) e fala ou discurso.

Barros (2004, p. 143) trilha um percurso de análise semelhante ao realizado por Barbosa (2001), e, apoiando-se nos modelos estudados, apresenta uma proposta própria de classificação tipológica das obras lexicográficas e terminográficas. Os critérios adotados foram: (a) nível de atualização da unidade lexical; (b) presença ou ausência de definições; (c) presença ou ausência de dados enciclopédicos.

A seguir, apresentam-se três modelos e considerações propostos por Maciel (2001), Barbosa (2001) e Barros (2004) sobre os três tipos de obras enfocados, a saber, o dicionário de língua, o dicionário terminológico e o glossário, seguido do posicionamento da presente pesquisa.

5.1 Dicionário de língua

O dicionário de língua, segundo Maciel (2001b, p. 42), representa o inventário do léxico comum de uma língua. Sua nomenclatura tende a abarcar a totalidade das unidades lexicais da língua geral, focalizando as formas correntes de sua época de elaboração. Partindo de uma realização padronizada, tal dicionário apresenta todos os significados e usos possíveis da unidade lexical, assim como as formas que a palavra possa assumir, seu paradigma morfológico, campos semânticos, quadro derivacional, níveis de uso, sinônimos e antônimos. Contemplam-se todas as categorias gramaticais, do substantivo à interjeição.

A nomenclatura do dicionário de língua é organizada alfabeticamente e compreende desde formas do uso popular até palavras eruditas. Embora, teoricamente, apenas os termos mais representativos de cada área, os mais importantes e mais divulgados fizessem parte do conjunto de entradas de um dicionário de língua geral, estima-se que mais de 40% das entradas sejam termos (Landau, 1993 *apud* Maciel, 2001b, p. 43). Krieger (2001, p. 124) reitera a assertiva, afirmando que o aumento dos termos em dicionários de língua, isto é, a incorporação das terminologias no léxico geral

da língua deve-se à larga difusão do conhecimento e sua circulação em amplas esferas comunicacionais.

Segundo Barbosa (2001, p. 33), dicionário de língua é uma obra que se situa no nível do sistema linguístico e contém o conjunto das unidades lexicais de uma língua em todas as suas acepções e contextos.

De acordo com os critérios elencados por Barros (2004, p. 143) e mencionados acima, dicionário de língua situa-se no nível do sistema, lista uma grande quantidade de unidades lexicais ou fraseológicas de uma língua, registrando, também, as diferentes acepções que a palavra possa ter nos inúmeros universos de discurso. Apresenta, obrigatoriamente, definições, mas não dados enciclopédicos.

Observa-se, assim, que há certa homogeneidade quanto à conceituação de dicionário de língua, sendo sua característica principal dar conta do maior número possível de unidades lexicais da língua geral ou comum, registrando as diferentes acepções que essa possa ter nos contextos mais variados.

5.2 Dicionário terminológico

O dicionário terminológico é aquele cujas bases de elaboração pautam-se nos princípios teóricos e metodológicos da Terminologia e Terminografia. Para Maciel (2001b, p. 44), o dicionário terminológico é um subgrupo, ao lado do dicionário lexicográfico, dos dicionários técnicos. No dicionário técnico lexicográfico, o termo é um elemento linguístico do vocabulário especializado, já no dicionário terminológico, o termo é um conceito único em um sistema de conceitos específicos. A definição terminológica, conjugando o aspecto lexical e o conceito do termo a sua função comunicativa, pode apresentar dados linguísticos e enciclopédicos. Os exemplos e menção da fonte validam a pertinência temática e pragmática do termo dentro do campo de especialidade.

A nomenclatura do dicionário terminológico inclui expressões complexas, sintagmas, siglas, abreviaturas, fórmulas, nomes próprios, de objetos e até de entidades envolvidos na área repertoriada. A categoria gramatical mais contemplada é a do

substantivo. A disposição das entradas pode ser por ordem alfabética ou por ordem sistemática, isto é, respeitando o mapa conceitual do domínio estudado.

Para Barbosa (2001, p. 32), o vocabulário (ou dicionário terminológico) situa-se no nível da norma e recobre um ou mais universos de discurso; o conjunto de termos tratados nessa obra constitui um subconjunto do universo lexical. Nota-se que, dentre os autores estudados por Barbosa, não há uma relação biunívoca entre conceitos e termos na área da tipologia das obras terminográficas, como ilustrado pela variação na terminologia “dicionário terminológico” e “vocabulário” para indicar, basicamente, o mesmo referente – “inventário de termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por meio de definições e/ou ilustrações”. Há, portanto, variadas denominações para o mesmo núcleo conceitual, como demonstra o exemplo acima, da mesma forma como se encontram conceitos muito diferentes para uma mesma denominação, como, por exemplo, “vocabulário” no sentido de “repertório de termos” e no sentido de “dicionário de uma área”.

Barros (2004, p. 144) propõe que o dicionário terminológico (termo tolerado: vocabulário) situe-se no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios, apresenta definições, mas nenhum dado enciclopédico. Neste último aspecto, a definição de Barros afasta-se da de Maciel (2001b), pois esta prevê a existência de dados enciclopédicos. Outro aspecto interessante é que, para Barros, “dicionário terminológico” é o termo principal, sendo “vocabulário” o termo tolerado, enquanto que, para Barbosa (2001), “vocabulário” assume o termo principal. Essa diferença ocorre devido aos critérios priorizados por cada autora, fato que conduz à multiplicidade de denominações para o mesmo conceito.

5.3 Glossário

Em seu artigo, Maciel (2001b) não investiga o tema “glossário”, por isso, passa-se a segunda autora que, antes de apresentar sua proposta de denominação, cita diferentes fontes, nas quais se encontram as seguintes definições básicas para o termo:

- (a) Glossário (termo tolerado: vocabulário): dicionário terminológico baseado num trabalho terminológico que apresenta a terminologia de um

domínio ou de subdomínios ou de vários domínios associados. (tradução da ISO 1087, pela CEETT¹⁶)

- (b) Denomina-se glossário um dicionário que contém, sob forma de simples definições (ou equivalentes), as significações das palavras raras ou pouco comuns. (Lino *at al.s/d apud* Barbosa, 2001, p. 30)
- (c) Glossário: repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas. (Faulstich, 1995 *apud* Barbosa, 2001, p. 32)

A visão do termo glossário também não é consensual entre os especialistas de Terminologia/Terminografia, sendo usado para designar tanto um dicionário, vocabulário ou uma coleção de palavras-ocorrência de um discurso, isto é, o léxico de uma obra determinada. Nesse sentido, Barbosa (2001, p. 33) situa glossário no nível da fala, definindo-o como um “repertório que reúne as palavras-ocorrência de um texto específico”.

Segundo a proposta de Barros (2004, p. 144), glossário (termo tolerado: dicionário bilíngue, dicionário multilíngue) pode situar-se tanto no nível do sistema como no da(s) norma(s), sua característica principal é não apresentar definições, mas apenas uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas. Esta será, pois, a aceção adotada na presente dissertação, cujo objetivo final é propor um glossário Árabe-Português e Português-Árabe da terminologia verbal morfossintática árabe, sistematizando uma proposta de padronização em língua portuguesa.

6. Neologismos terminológicos

Neologia é o fenômeno de criação de novas unidades lexicais, de acordo com as regras de produção incluídas no sistema lexical vigente (Guilbert, 1975 *apud* Demai,

¹⁶ Grupo de trabalho da Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia, criada no âmbito do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) /ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), (cf. Barbosa, 2001, p. 27)

2004, p. 74). Neologismo, então, consiste no produto deste processo; podendo ocorrer na língua geral ou nas linguagens de especialidade – o neologismo terminológico¹⁷.

Alves (2001, p. 54) estabelece que o neologismo trata-se de “uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então, uma unidade recebida de um outro código”. Segundo Boulanger (1979 *apud* Alves, 2001, p. 54) os neologismos são classificados em:

- (a) **Formais:** criados com base na derivação, composição, formação por sintagmas, siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito;
- (b) **Semânticos:** são resultados de um novo significado atribuído a um significante já existente;
- (c) **Por empréstimo:** resultantes da adoção de uma unidade lexical estrangeira.

Verifica-se que, por esta classificação, tanto os neologismos da língua geral como os terminológicos são constituídos pelos mesmos processos de formação de palavras, assumindo, desde o momento de sua criação, as características do sistema ou da(s) norma(s) de que fazem parte¹⁸.

Os neologismos terminológicos resultam da necessidade de designar novos conceitos vinculados às novas descobertas, teorias, produções das áreas técnicas, científicas ou de outra especialidade. A esta característica Guilbert (1975 *apud* Correia, 1998, p. 62) chama de função denominativa dos neologismos terminológicos. Cabré (1993 *apud* Correia, 1998, p. 65), por sua vez, estabelece condições linguísticas para viabilidade de implantação desses neologismos. Assim, o neologismo

- (1) deve denominar um conceito estável, delimitado com o qual mantenha relação de univocidade;
- (2) deve ser breve e conciso;
- (3) deve ser construído de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;
- (4) deve ser transparente;
- (5) deve poder constituir base para série de palavras derivadas;

¹⁷ Também chamado de neônimo (Rondeau, 1984 *apud* Alves, 2001, p. 57) ou neotermo (Boulanger, 1989 *apud* Alves, 2001, p. 57). Contudo, neste trabalho usaremos o termo “neologismo terminológico”.

¹⁸ Para um estudo mais pormenorizado a respeito dos processos de formação das unidades neológicas das áreas de especialidade ver Alves (2011, pp. 53-70).

(6) deve adaptar-se ao sistema fonológico e ortográfico da língua.

Correia (1998, p. 67) frisa que tão ou mais importante que criar termos é normalizá-los e divulgá-los entre os utilizadores mais diretos no âmbito da comunicação científica ou técnica.

Uma outra forma de expressar conceitos novos ou inexistentes na língua de chegada está na paráfrase (do termo original), definida como um enunciado descritivo do conteúdo vinculado pelo termo que, no entanto, não substitui a definição terminológica. Loguercio (2001, p. 416) alerta o terminólogo quanto ao uso da mesma e aponta para o perigo de sua inadequação quando esta não se limita ao conceito expresso pelo termo na outra língua. A solução dada ao terminólogo é, ao mesmo tempo, analisar o termo numa perspectiva textual-discursiva, não como mero portador de um conceito isolado, e possuir o conhecimento profundo do domínio em questão, o que auxiliará nas tomadas de decisão mais adequadas.

Considera-se oportuno citar aqui o que Quemada (1971 *apud* Alves, 2001, p. 67) diz acerca da importância do processo neológico para a evolução das línguas naturais, um assunto controverso entre os profissionais que pregam o purismo linguístico:

[...] uma língua de cultura, moderna, necessariamente científica e técnica, não pode ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia.

Neste primeiro capítulo, revisaram-se os pressupostos teóricos da Terminologia, Terminografia, Lexicologia e Lexicografia, bem como foram delimitados os objetos de estudo da Terminologia. Em seguida, foram retomadas as definições de três obras de referência – dicionário de língua, dicionário terminológico e glossário, de acordo com a visão de três autoras especializadas, a saber, Maciel (2001), Barbosa (2001) e Barros (2004), acompanhada da justificativa pela escolha da elaboração de um

glossário dos termos gramaticais estudados. Foi abordada, também, a conceituação dos neologismos terminológicos devido à necessidade de criação de novos termos ao longo da dissertação.

No próximo capítulo, apresentam-se a metodologia de trabalho adotada nesta pesquisa, os *corpora* investigados, certos aspectos técnicos do glossário e as fichas terminológicas elaboradas para análise dos termos selecionados.

Capítulo II

Da Metodologia de Trabalho

Antes de delinear a metodologia usada neste trabalho, julga-se necessário o esclarecimento de certos aspectos técnicos, a saber, seu objetivo, o público alvo, os limites da pesquisa, a delimitação da nomenclatura e a organização interna do glossário. Posteriormente, serão apresentadas as fichas terminológicas, bem como serão discutidos os critérios de tratamento dos termos.

- Objetivo: esta pesquisa busca padronizar a terminologia morfossintática do verbo árabe por meio da investigação científica, para que, ao final, seja produzido um glossário Árabe-Português/ Português-Árabe que auxilie tanto os profissionais da área – pesquisadores e professores, quanto os estudantes de árabe, os quais recorrerão à obra a fim de “adquirir certos conhecimentos que lhes permitam decodificar textos científicos e avançar em seus estudos” (Barros, 2004, p. 191).

Não foi observada a necessidade, neste momento, da elaboração de um dicionário terminológico, entretanto, o necessário contraste dos semas das definições, para que se chegue a uma padronização em português, será realizado durante o capítulo de análise. Dessa forma, o glossário apenas sistematizará o produto de tal análise, facilitando a consulta e o acesso às informações.

- Público alvo: este trabalho destina-se *a priori* ao leitor brasileiro que tenha a língua árabe como objeto de estudo ou interesse, sendo possível atender às necessidades dos interessados lusófonos. Poderá ser útil também aos árabes que, por motivos diversos, tenham a língua portuguesa como objeto de estudo e de interesse. Por esse motivo, após a apresentação do glossário principal Árabe-Português, organizou-se sua contraparte Português-Árabe a fim de auxiliar os arabófonos interessados na busca de informações.
- Limites da pesquisa e delimitação da nomenclatura: este trabalho encontra-se no domínio da morfossintaxe do verbo árabe, de onde foram extraídos dez termos principais. Sabe-se que, dentro da teoria gramatical, cada um desses referidos

termos desdobra-se em subclassificações de onde emergem novos termos correlatos, os quais também serão contemplados neste trabalho terminológico. Assim, farão parte da nomenclatura (ou nominata) final do glossário os dez termos principais somados aos subitens de cada unidade terminológica estudada (sem diferenciar entre entrada principal ou secundária), assim totalizando vinte e seis termos.

- Organização interna: a macroestrutura do glossário Árabe-Português será organizada seguindo a ordem alfabética árabe, no entanto, a metodologia de elaboração da obra será baseada no sistema conceitual, isto quer dizer que, durante a análise, os termos serão tratados de acordo com a ordem em que aparecem no sistema de conceitos¹⁹.

Cada entrada no glossário Árabe-Português estará posicionada à direita²⁰ e será escrita em caracteres árabes, sendo seguida por sua transliteração, e, a sua esquerda, constará a proposta de padronização em português. Portanto, a microestrutura da obra final será constituída apenas pela lista de unidades terminológicas padronizadas em português, segundo a proposta de Barros (2004) para glossário.

As entradas da contraparte Português-Árabe estarão posicionadas à esquerda, segundo a ordem de escrita portuguesa e organizadas alfabeticamente. Na segunda coluna, virá o termo em árabe correspondente, seguido por sua transliteração.

- A metodologia de trabalho seguirá o percurso abaixo e terá como objetivo final o preenchimento dos campos das fichas terminológicas que serão apresentadas logo a seguir. Com as fichas devidamente preenchidas, o plano geral do tratamento terminológico de cada termo será evidenciado, o que auxiliará o processo de padronização. Segue, então, o percurso metodológico:

¹⁹ De acordo com as teorias terminográficas, esta ordem é chamada de alfassistemática, por mesclar tanto a ordem alfabética (a ordem da macroestrutura) quanto à sistemática (base para a metodologia de trabalho).

²⁰ A ordem de escrita da língua árabe inicia-se da direita para esquerda, por isso a nomenclatura estará posicionada à margem direita.

(1) Descrição do termo de acordo com a teoria gramatical árabe²¹:

Acredita-se que o ponto de partida da investigação seja a própria língua árabe, isto é, como a gramática prescreve os fatos linguísticos para os árabes. Por isso, consideram-se quatro autores árabes modernos, a saber, Alḥawṣ (1987), Alḥatīb & Jaṭal (1993), Alm[°]arī (2002) e [°]Ālī (2006). O objeto de descrição dos mesmos é a língua Árabe Moderna Padrão cuja estrutura e vocabulários são mais simplificados se comparados ao Árabe Clássico.

(2) Apresentação da tradução literal em português:

A tradução literal dos termos foi pautada nas definições encontradas nos dicionários Wehr (árabe-inglês, 1976), Al-Mawrid²² (1995); Corriente (árabe-espanhol, 1991) e Sabbagh (árabe-português, 2011).

Já que a unidade terminológica faz parte do léxico geral da língua, considerar outras acepções possíveis de cada termo, quando não houver uma especificamente linguística, auxiliará o entendimento das opções terminológicas dos gramáticos não árabes selecionados, assim como poderá nortear a padronização em português.

(3) Indicação da escolha terminológica feita pelos arabistas selecionados para o item estudado:

Neste passo, as opções terminológicas de cada gramático não árabe selecionado serão analisadas e contrastadas, verificando a pertinência temática²³ e pragmática dos termos adotados.

Foram selecionadas sete gramáticas árabes escritas por arabistas de diferentes nacionalidades e épocas, com o intuito de observar o tratamento dado às terminologias gramaticais. Segue a lista dos arabistas e suas obras, assim como a justificativa por sua escolha:

²¹ Foi adotado o seguinte critério quanto à escrita e transliteração dos termos árabes: a primeira vez em que os termos forem mencionados, estes serão escritos em caracteres árabes seguidos de sua transliteração. Nas outras vezes em que forem citados, constará apenas sua transliteração.

²² Trata-se do dicionário árabe-inglês, cujo autor é Dr. Rohi Baalbaki. Este foi o nome pelo qual a obra lexicográfica ficou conhecida.

²³ Segundo Maciel (2001a, p. 277) “Os termos, sejam unidades signícas ou lexicais, são vinculadas à área temática pelo significado ou pela funcionalidade. No primeiro caso, trata-se de pertinência temática propriamente dita, no segundo, de pertinência pragmática”.

- a) *Instituições da Língua Arabiga para o Uso das Escolas da Congregação da Terceira Ordem* (1774), de Fr. António Baptista Abrantes, primeiro professor da cadeira de árabe no Convento de Nossa Senhora de Jesus, em Lisboa. Para a elaboração desta gramática, Fr. António seguiu o modelo da gramática de Thomas Erpenius, publicada em 1612, a qual permaneceu como guia para estudiosos europeus ao longo de dois séculos. Da mesma forma que Erpenius, Fr. António Baptista preocupou-se em oferecer aos estudantes textos árabes, como base para leitura, recorrendo com maior frequência a textos religiosos devido, principalmente, à dificuldade de acesso a textos de autores árabes. Por isso, ao final de sua descrição, há um salmo de David em árabe como exercício das lições apresentadas. Frei Abrantes foi designado confessor da princesa do Brasil, D. Carlota Joaquina, em 1794, por esse motivo, acompanhou a família real portuguesa na transmigração para o Brasil em 1807. Em pesquisa recente à Biblioteca Nacional, encontrou-se um exemplar impresso da gramática de Abrantes, a qual, provavelmente, era parte integrante da Real Biblioteca trasladada para a nova sede do reino português.
- b) *A Grammar of Arabic Language* (1859 e 1862), de William Wright, professor da Universidade de Dublin, importante centro de estudos orientais no século XIX. Sua gramática foi uma das mais destacadas durante décadas, continuando a ser referência até o momento. Segundo o autor, esta gramática veio preencher uma lacuna na literatura filológica inglesa da época. Em seu prefácio, Wright cita autores de renome, como De Sacy e Edwald, cujas obras serviram de base para seu estudo, sem, contudo, se limitar ao produzido por eles. Explicita também que sua gramática apresenta uma abordagem comparativa do árabe com outras línguas semíticas (hebraico, amárico²⁴, fenício, aramaico, caldeu e siríaco), uma perspectiva pouco compreendida em seu país naquele momento. Abordaram-se os volumes 1 e 2 de sua gramática. No primeiro volume, o autor trata da ortografia e morfologia árabe, no segundo, da sintaxe e prosódia.

²⁴ Idioma semítico falado na Etiópia.

- c) *Nouvelle Grammaire Arabe* (1911), de Augustin Périer. Professor pós-graduado em árabe, hebraico e etíope, abordou em sua obra os conteúdos gramaticais voltados a alunos iniciantes. Segundo o autor, duas falhas eram constantes nos materiais elaborados por autores contemporâneos: 1) a explicação dos conteúdos era rudimentar, sendo aplicada a textos fáceis, o que resultava em um conhecimento insuficiente para a leitura e compreensão dos grandes prosadores e poetas árabes; 2) emprego desordenado e maciço de termos gramaticais. Périer procurou evitar tais ‘falhas’ em seu trabalho, assim como propôs exercícios práticos para fixação dos conteúdos gramaticais e extraiu seus exemplos das melhores obras da literatura árabe. É interessante também a metodologia empregada na divisão dos capítulos, pois o autor divide sua gramática em três partes: a primeira é chamada de “leitura” e reservada à iniciação no idioma, reconhecimento de seus fonemas e características primordiais para o prosseguimento do estudo; na segunda parte, estuda-se a morfologia da língua árabe; e, na terceira, sua sintaxe.
- d) *A New Arabic Grammar of Written Language* (1965), de J.A. Haywood e H.M. Nahmad, uma gramática que pretendia modificar o paradigma de estudo do árabe no pós Segunda Guerra, quando a língua árabe ganhou representatividade devido aos movimentos de independência dos países do Oriente Próximo. Esta gramática foi reeditada por diversas vezes, e se destaca, em sua época, por apresentar exemplos tanto do Árabe Clássico como do Árabe Moderno Padrão, indicando quais os usos são obsoletos e quais continuam sendo utilizados. Além disso, há, ao final do livro, uma seleção de textos provenientes de fontes clássicas e da mídia moderna somados a três anexos (A, B e C) que contêm informações sobre os diferentes dialetos árabes, um guia para estudos posteriores e notas gramaticais suplementares, respectivamente. Esta gramática continua sendo, ainda hoje, um referencial para professores e alunos.
- e) *Gramática Árabe* (1992), de F. Corriente, célebre catedrático dos estudos árabes e islâmicos da Universidade Complutense de Madrid. Em sua gramática, Corriente considera tanto a língua clássica em toda sua complexidade, como o vocabulário e características morfossintáticas do Árabe

Moderno Padrão. Segundo o autor, sua metodologia veio preencher uma lacuna existente na literatura em língua espanhola.

- f) *A Reference Grammar of Modern Standard Arabic* (2005), de Karin Ryding, em que a autora descreve as estruturas do Árabe Moderno Padrão, empregando uma abordagem teórica contemporânea. É interessante também a maneira como a autora lida com as terminologias, pois, sem perder de vista seu leitor, apresenta os termos em árabe e inglês, optando, muitas vezes, pela caracterização árabe de determinado fenômeno devido a seu pragmatismo. Ao fim de sua gramática, Ryding disponibiliza um glossário árabe-inglês dos termos gramaticais árabes.

- g) *Gramática do árabe moderno: uma introdução* (2007), de David Cowan, a primeira gramática sistemática do árabe traduzida e adaptada para o português do Brasil. Originalmente escrita em língua inglesa, a gramática de Cowan foi editada pela primeira vez em 1958 e reimpressa em média a cada dois anos. Possui metodologia simples e clara, com exercícios de fixação ao fim de cada capítulo, porém, a motivação da escolha da obra para este trabalho é o fato de ser uma tradução para o português, em que a questão terminológica foi pensada por duas vezes, seja pelo autor, Cowan, seja pela tradutora, Jubran (2006).

Foram utilizados, também, como fonte de pesquisa três obras de referência sobre terminologia gramatical árabe, uma árabe-francês *Vocabulaire des Principaux Terms Techniques de la Grammaire Arabe* (Machuel, 1908), e duas árabe-inglês *A Dictionary of Arabic Grammatical Terms* (Cachia, 1973) e *A Dictionary of Modern Linguistic Terms* (Bakalla et al., 1983). Observa-se que tais obras possuem estrutura de glossário assim como definida por Barros (2004, p. 144) e adotada nesta pesquisa, isto é, dicionário bilíngue que apresenta somente uma lista de unidades terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas.

(4) Verificação de possíveis correspondências gramaticais entre o árabe e o português do Brasil.

Quanto às correspondências gramaticais entre a língua de partida – o árabe, e a língua de chegada – o português, acredita-se que três situações diferentes se revelarão: (a) possível correspondência direta, relação biunívoca; (b) correspondência indireta, isto é, um termo árabe com dois ou mais referentes na gramática portuguesa; (c) ausência de correspondente em português. Quando tal correspondência não for evidenciada, outros aspectos da gramática portuguesa serão investigados, a fim de se encontrar uma terminologia mais adequada.

Caso se verifique a ausência da biunivocidade entre a terminologia verbal árabe e a portuguesa, haverá a necessidade de criação neológica. Os neologismos terminológicos serão do tipo *formais* ou *por empréstimos*, segundo a classificação de Boulanger, apresentada no item 6, do capítulo anterior. Os neologismos por empréstimos serão grafados entre aspas, a fim de sinalizar o estatuto neológico.

A investigação na gramática portuguesa, bem como as definições terminológicas dos possíveis fatos gramaticais portugueses correspondentes aos árabes serão extraídas do seguinte *corpus*:

- a) Gramática do Português Brasileiro – Castilho (2010)
- b) Gramática Houaiss da Língua Portuguesa – Azeredo (2010)
- c) Gramática Descritiva do Português – Perini (2003)
- d) Gramática Normativa da Língua Portuguesa – Rocha Lima (2002)
- e) Moderna Gramática Portuguesa – Bechara (1999)
- f) Dicionário de Linguística e Gramática – Mattoso Câmara (1981)

Faz-se importante esclarecer que os comentários gramaticais desenvolvidos antes de alguns dos termos estudados não buscam o aprofundamento exaustivo de tais categorias ou processos linguísticos, visam antes ao contraponto da realidade em ambas as línguas, fornecendo um pano de fundo para a posterior análise e discussão terminológica cujo objetivo é a padronização em língua portuguesa.

Para cada situação acima descrita, no item (4), um tipo de ficha terminológica foi elaborado, a fim de dar conta do termo pesquisado. Assim, para a primeira situação, segue a **Ficha Terminológica 1:**

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
DT:		DT		TL:	
Ex.:		Ex.:		Fonte:	
Fonte:		Fonte:			
Pt₁₇₇₄		Es₁₉₉₂		Voc₁₉₀₈	
Pt₂₀₀₇		Fr₁₉₁₁		Dic₁₉₇₃	
In₁₈₅₉		In₁₉₆₅		Dic₁₉₈₃	
In₂₀₀₅					

Para a segunda situação, segue a **Ficha Terminológica 2:**

Termo		Possível correspondência ₁ em Pt		Possível correspondência ₂ em Pt		Proposta de padronização
DT:		DT:		DT:		TL:
EX.:		Ex.:		Ex.:		Fonte:
Fonte:		Fonte:		Fonte:		
Pt₁₇₇₄		Es₁₉₉₂		Voc₁₉₀₈		
Pt₂₀₀₇		Fr₁₉₁₁		Dic₁₉₇₃		
In₁₈₅₉		In₁₉₆₅		Dic₁₉₈₃		
In₂₀₀₅						

Para a terceira situação, segue a **Ficha Terminológica**:

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
		Ø			
DT:				TL:	
Ex.:				Fonte	
Fonte:					
Pt₁₇₇₄		Es₁₉₉₂		Voc₁₉₀₈	
Pt₂₀₀₇		Fr₁₉₁₁		Dic₁₉₇₃	
In₁₈₅₉		In₁₉₆₅		Dic₁₉₈₃	
In₂₀₀₅					

As fichas acima foram elaboradas em função das necessidades e dos objetivos do presente trabalho. Elas sintetizarão os dados mais relevantes para uma padronização pertinente e funcional dos termos árabes em português. A tabela seguinte explica cada campo das fichas terminológicas:

Campos	Explicação
Termo	Termo escrito em árabe e transliterado
DT	Definição terminológica
Fonte	Fonte da definição terminológica e da tradução literal
Ex.	Exemplo do termo ou do correspondente em português
TL	Tradução literal
Possível correspondente em Pt	Possibilidade de correspondência gramatical em português
Ø	Ausência de correspondente em português
Pt₁₇₇₄	Gramática do Frei Abrantes (1774)
Pt₂₀₀₇	Gramática do Cowan (2007)
Es₁₉₉₂	Gramática do Corriente (1992)
Fr₁₉₁₁	Gramática de Périer (1911)
In₁₈₅₉	Gramática do Wright, vol. 1 (1859)
In₁₈₆₂	Gramática do Wright, vol. 2 (1862)
In₁₉₆₅	Gramática do Haywood & Nahmad (1965)
In₂₀₀₅	Gramática da Ryding (2005)
Voc₁₉₀₈	Vocabulaire des Principaux Terms Techniques de la Grammaire Arabe (1908)
Dic₁₉₇₃	A Dictionary of Arabic Grammatical Terms (1973)
Dic₁₉₈₃	A Dictionary of Modern Linguistic Terms (1983)

Tabela 2 Campos das fichas terminológicas

Após o esclarecimento do percurso metodológico adotado nesta pesquisa, passa-se à apresentação dos termos árabes selecionados e sua efetiva investigação segundo os critérios acima delineados.

Capítulo III

Análise e Discussão dos Termos

Trabalhem, trabalhem, trabalhem.
Doutor Alphonse Nagib Sabbagh²⁵

Este capítulo destina-se à análise e discussão dos termos árabes em estudo. A investigação será encabeçada pelos termos principais enumerados de 1 a 10, conforme a tabela 3 abaixo:

	Tradução literal ²⁶	Transliteração	Termos árabes
1	“o verbo forte e fraco”	<i>alfi^cl aṣ-ṣaḥīḥ wa almu^ctal</i>	الفِعْلُ الصَّحِيحُ وَالْمُعْتَل
2	“o verbo passado”	<i>alfi^cl almāḍī</i>	الفِعْلُ الْمَاضِي
3	“o verbo semelhante”	<i>alfi^cl almuḍāri^c</i>	الفِعْلُ الْمُضَارِع
4	“o verbo da ordem”	<i>fi^cl al’amr</i>	فِعْلُ الْأَمْرِ
5	“o verbo necessário e o excedente”	<i>alfi^cl al-lāzim wa almu^cta^cadī</i>	الفِعْلُ اللَّازِمُ وَالْمُتَعَدِّي
6	“o verbo construído para o conhecido e para o ignorado”	<i>alfi^cl almabnī li-almu^clūm wa li-almajhūl</i>	الفِعْلُ الْمَبْنِي لِلْمَعْلُومِ وَلِلْمَجْهُولِ
7	“os verbos defectivos”	<i>al’af^cāl an-nāqiṣa</i>	الْأَفْعَالُ النَّاقِصَةُ
8	“o verbo nu e o aumentado”	<i>alfi^cl almuja^crrad wa almazīd</i>	الفِعْلُ الْمُجَرَّدُ وَالْمَزِيدُ
9	“verbos de aproximação, de desejo e de iniciação”	<i>’af^cāl almuqāriba wa ar-rajā’ wa aṣ-ṣurū^c</i>	أَفْعَالُ الْمُقَارِبَةِ وَالرَّجَاءِ وَالشُّرُوعِ
10	“verbos de louvor e de depreciação”	<i>’af^cāl almadḥ wa ad-ḡamm</i>	أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ

Tabela 3. Termos investigados

²⁵ Trecho do discurso do Monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh em ocasião do I Simpósio de Arabistas Luso-Brasileiros (Vargens & Caffaro (org.), 2010, p.22).

²⁶ A tradução literal será abordada em cada ficha terminológica. Sua inserção, nesta tabela, tem por objetivo auxiliar o leitor não especializado na compreensão prévia de cada termo.

Como cada termo deste representa um fato gramatical, outros correlatos emergirão os quais serão submetidos ao mesmo processo de análise adotado, a fim de compor o glossário final.

Antes, porém, de iniciar a análise dos termos propostos, julga-se importante posicionar a presente pesquisa dentro da teoria gramatical árabe, que classifica os itens lexicais da língua em três categorias: o nome (إِسْم *'ism*), a partícula (حَرْف *ḥarf*) e o verbo (فِعْل *fi'l*)²⁷ - sendo este último o foco do trabalho.

O “nome” – compreende as classes de substantivo, adjetivo, numeral e pronome portugueses.

A “partícula” – refere-se ao artigo, à preposição, à conjunção, ao advérbio e à interjeição portuguesa.

O “verbo” – equivale ao verbo, tanto em português quanto nas línguas de chegada estudadas, a saber, o espanhol, o francês e o inglês.

No intuito de observar se a correspondência terminológica é realmente direta, apresentam-se as definições do termo *verbo* em ambas as línguas para o contraste dos semas que constituem o semema²⁸ das DT.

²⁷ Em árabe, a unidade lexical (ou lexema) *verbo* significa فِعْل *fi'l*, no singular, e أَفْعَال *'afā'l*, no plural.

²⁸ “Definindo semema como um conjunto de semas, podemos afirmar que a cada lexema deve corresponder no mínimo um *semema*, ou seja, uma aceção aceita culturalmente, no âmbito da língua em apreço.” (Pietroforte & Lopes, 2003, p. 119)

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>fiʿl</i> فِعْل		Verbo		Verbo	
DT: “O que indica o significado de um acontecimento associado a um tempo ²⁹ .”		DT: “O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: <i>modo, tempo, número, pessoa e voz.</i> ”		TL: 1. Ação, ato, fato, efeito. Verbo. 2. <i>Acción, acto. Función. Verbo.</i>	
Ex.: <i>kataba</i> <i>qara’a</i> <i>’aḥabba</i>		Ex.: Cantar, beber, partir		Fonte: 1. Sabbagh, 2010, p. 516; 2. Corriente, 1991, p. 591.	
Fonte: Alḥawṣ, 1987, p. 16.		Fonte: Lima, 2002, p. 122.			
Pt₁₇₇₄	Verbo	Es₁₉₉₂	<i>Verbo</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Action, acte. Verbe</i>
Pt₂₀₀₇	Verbo	Fr₁₉₁₁	<i>Verbe</i>	Dic₁₉₈₃	<i>Verb</i>
In₁₈₅₉	<i>Verb</i>	In₁₉₆₅	<i>Verb</i>	In₂₀₀₅	<i>Verb</i>

Apesar de a definição terminológica do termo em português ser bem mais densa do que a DT árabe, ambas expressam ideias convergentes. Os semas concordantes são: a. indicar um acontecimento, uma ação e b. ação associada a um tempo.

As informações registradas na ficha terminológica demonstram que há consenso quanto à padronização do termo *fiʿl* na língua de chegada dos autores estudados. É possível que a escolha pela padronização tenha sido proveniente também

²⁹ Tradução nossa de: "ما يَدَلُّ عَلَى مَعْنَى حَدُوثِ عَمَلٍ فِي نَفْسِهِ، مُقْتَرِنٌ بِالزَّمَنِ" (*mā yadullu ʿalā maʿnā ḥudūṭi ʿamalin fī nafsīhi, muqtarinin biz-zaman.*)

da tradução do termo, cuja raiz f^c-l abarca o sentido de “execução”, “ação” e, por extensão de sentido, tenha originado o termo *verbo*.

Esta raiz foi (e ainda é) usada para indicar todos os paradigmas nominais e verbais previstos na língua árabe. Cowan (2007, p. 33) acrescenta que:

Quando os árabes começaram a ensinar sua língua, depois da expansão islâmica no século VII, adotaram a palavra mais simples da sua língua *فَعَلَ* fa^c-ala , *ele fez*, e utilizaram suas três letras radicais f , $ع/c$, $ل/l$, com total independência de toda a ideia de “fazer”, para descrever os diferentes modelos de palavras que eles constataram como existentes.

É interessante notar que embora não haja interdependência entre o conteúdo da raiz f^c-l e os paradigmas tanto nominais quanto verbais que ela representa, observa-se estreita conexão entre o termo fi^cl e o fenômeno que ele designa, isto é, ser o *verbo* da oração.

Assim, a DT árabe embora concisa ajusta-se perfeitamente à DT portuguesa, por isso, verifica-se que a correspondência entre os termos fi^cl e *verbo* é, de fato, direta.

1. *الفِعْلُ الصَّحِيحُ وَالْمُعْتَل* - $alfi^cl a\check{s}-\check{s}ah\bar{i}h wa almu^c-tal$

O sintagma terminológico *الفِعْلُ الصَّحِيحُ وَالْمُعْتَل* - $alfi^cl a\check{s}-\check{s}ah\bar{i}h wa almu^c-tal$ refere-se à tipologia das raízes verbais³⁰ árabes, que podem ser triconsonantais³¹ ($d-r-s$, raiz de “estudar”) ou quadriconsonantais ($t-r-j-m$, raiz de “traduzir”).

De acordo com a formação fonêmica das raízes, os verbos são classificados entre *صَحِيح* $\check{s}ah\bar{i}h$ - aqueles que, entre suas consoantes formadoras, não há a presença

³⁰ Schramm (1962, p. 360) afirma que o radical verbal árabe é um complexo de dois morfemas descontínuos e interligados, uma raiz consonantal, com a informação lexical, e um padrão vocálico, com o conteúdo da voz (passiva vs. não passiva).

³¹ O presente estudo priorizará os verbos triconsonantais por serem a maioria na língua árabe. Os verbos quadriconsonantais são, contudo, menos frequentes.

de semiconsoantes³²; e مُغْتَلَّ *mu^{cc}tal* - aqueles verbos que, entre suas letras consonantais – os chamados radicais, verifica-se, ao menos, uma das duas semiconsoantes da língua árabe: و *wāw* e ي *yā*.

De acordo com a classificação proposta pelos gramáticos árabes, o verbo *ṣaḥīḥ* pode ser de três tipos:

- (1) سَالِم *sālim*³³ (“forte”) : verbos cuja raiz não possui nem a consoante *hamza*³⁴

nem consoantes duplicadas. A característica deste grupo é que sua raiz se adapta a qualquer paradigma flexional a que for submetido, sem incorrer em alterações morfológicas. O paradigma triconsonantal é C_vC_vC_v. Exemplo: *kataba* (escrever), *jalasa* (sentar-se);

- (2) مُضَعَّف *muḍa^{cc}af* (“dobrado”): verbos cuja segunda e terceira consoantes

radicais são idênticas. Em seu paradigma, ocorre uma duplicação na segunda consoante e alteração do padrão vocálico, podendo ser ilustrado desta forma: C_vC_∅C_v > C_vCC_v. Em árabe, a duplicação é marcada por um diacrítico (o *šadda* ّ) colocado sobre a consoante radical duplicada.

Exemplo: *marra* (passar por), *tamma* (completar-se);

- (3) مَهْمُوز *mahmūz*³⁵ (“golpeado”): verbos que possuem a consoante *hamza*

como constituinte da raiz, podendo ser a primeira, a segunda ou a terceira

³² Observou-se que não há padronização terminológica entre os gramáticos não árabes estudados quando se referem aos elementos [w] e [y], caracterizados por suas qualidades vocálicas e distribuição consonantal. Ambos são chamados na tradição gramatical árabe de أَحْرُفُ الْعِلَّةِ *‘aḥruf al-illa* (literalmente “letras fracas”), contudo, Ryding (2005, p. 431) chama-os de *semi-consonant*, Cowan (2007, p. 127) denomina-os de *letras fracas*, Haywood & Nahmad (1965, p. 215) empregam tanto o termo *semi-vowel* quanto *semi-consonant* para indicá-los, Abrantes (1774, p. 24) chama-os de *letras débeis* e *quiescentes*. Assim, para fins desta dissertação, propõe-se o termo *semiconsoante* para expressar o [w] e [y] quando formadores da raiz consonantal, seguindo a definição de Mattoso Câmara (1981, p. 216), em que prevê a consonantização de ambos os elementos, em contraste com sua natureza vocálica (embora assilábica) nos ditongos crescentes.

³³ A tradução literal de cada um dos termos acima explicados será abordada quando de sua análise individual.

³⁴ O *hamza* é uma consoante árabe, pronunciada como uma oclusão glotal, fonologicamente representada /ʔ/, e, de acordo com a transliteração adotada, será simbolizada assim /ʔ/.

³⁵ Observa-se regularidade no paradigma flexional dos verbos chamados de *mahmūz*, as mudanças que ocorrem são nas letras que sustentam o *hamza*. Há regras ortográficas previstas para a escrita desta consoante.

consoante radical. Exemplo: *'amara* (ordenar), *sa'ala* (perguntar), *qara'a* (ler).

O termo *مُعْتَل* *mu^ctal* se refere aos verbos que contam com o *wāw* e/ou *yā'* como uma de suas três consoantes radicais. Estes verbos possuem uma particularidade em relação ao primeiro grupo: a semiconsoante está sujeita à elisão ou à alteração morfológica quando é formadora de raiz, devido a seu caráter instável e fraco.

De acordo com a gramática árabe, os verbos *mu^ctal* se subdividem em cinco a partir da posição das semiconsoantes e de sua quantidade na raiz. São eles:

- (1) *مِثَال* *miṭāl* (“modelo”): verbos iniciados pelo *wāw* ou *yā'*. Exemplo: *yabisa* (secar) e *wajada* (encontrar);
- (2) *أَجَوَفٌ* *'ajwaf* (“oco”): verbos cuja segunda radical é uma semiconsoante. De acordo com a estrutura da palavra e o paradigma derivacional, o *wāw* e o *yā'* modificam-se em *ʾalif*, vogal breve, vogal longa ou *hamza* (Ryding, 2005, p. 461). Exemplo: *qāla* (dizer), *ṣāra* (tornar-se);
- (3) *نَاقِصٌ* *nāqiṣ* (“defectivo”): verbos cuja consoante final é um *wāw* ou um *yā'*.
Raízes em que o *wāw* é a consoante final, serão escritas com *ʾalif ṭawīl*³⁶, e aquelas em que o *yā'* for a consoante final, serão escritas ou com o próprio *yā'* ou com o *ʾalif maqṣūra*³⁷. Exemplo: *daʿā* (convidar), *raḍiya* (consentir), *ramā* (lançar).
- (4) *لَفِيفٌ مَقْرُونٌ* *lafīf maqrūn* (“misturado ligado”): verbos formados por duas semiconsoantes subsequentes. Exemplo: *rawā* (narrar) e *ḥayā* (viver).
- (5) *لَفِيفٌ مَفْرُوقٌ* *lafīf mafrūq* (“misturado intercalado”): verbos formados por duas semiconsoantes intercaladas por uma consoante. Exemplo: *wafā* (honrar, cumprir uma promessa), *waliya* (estar a mando de)

Após a delimitação dos termos segundo os pressupostos da gramática árabe, passa-se a análise individual de cada um deles. Serão discutidos dez termos ao total, dois principais e oito subclassificações.

³⁶ O termo que em árabe significa “*'alif* longo” faz alusão a sua forma e serve para diferenciá-lo do *'alif maqṣūra*.

³⁷ O *ʾalif maqṣūra* indica que, devido à ambiência vocálica do paradigma verbal, o *ي* *yā'* sofre alteração em alguns de seus traços característicos, passando de anterior a central, e de alta para baixa.

1.1 صَحِيح *ṣaḥīḥ*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>ṣaḥīḥ</i> صَحِيح		Regular		Puramente consonântico	
DT: “É o verbo cujas letras originárias não conste nenhuma semiconsoante.” ³⁸		DT: “Um verbo é regular quando segue o paradigma de sua conjugação. O modelo, ou o paradigma, da primeira conjugação é o verbo <i>cantar</i> , o da segunda é o verbo <i>bater</i> , e o da terceira conjugação é o verbo <i>partir</i> . Em todas as formas destes três verbos, o radical permanece inalterado.”		TL: 1. <i>Sano. Completo. Correcto. Sólido. Regular [gr].</i> 2. <i>Strong.</i>	
Ex.: <i>kataba/ marra/ 'amara</i>		Ex.: cantar/ bater/ partir		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 427. 2. Al-Mawrid, 1995, p. 689.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 194.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 182.			
Pt ₁₇₇₄	Regular e perfeito	Es ₁₉₉₂	<i>Raíz triconsonánticaa simples</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Régulier, parfait, exact, correct</i>
Pt ₂₀₀₇	Simples	Fr ₁₉₁₁	<i>Régulier</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Strong verb, sound verb, verbum firmum</i>
In ₁₈₅₉	<i>Strong Verbum firmum</i>	In ₁₉₆₅	<i>Simples triliteral</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Strong</i>
In ₂₀₀₅	<i>Regular Sound</i> ³⁹				

A definição terminológica árabe determina que os verbos *ṣaḥīḥ* são aqueles que não possuem em sua constituição as semiconsoantes⁴⁰, letras morfologicamente instáveis formadoras de nomes e verbos.

Wright (1859, p. 48), gramático inglês, define os mesmos verbos como sendo os formados apenas por consoantes radicais *fortes*, as quais na teoria gramatical árabe

³⁸ Tradução nossa de: "هو الفعل الذي تكون حروفه الأصلية خالية من أي حرف من أحرف العلة." (*huwa alfi'l allāqī takunu ḥurufuhu al'asliya ḥāliya min 'ay ḥarfin min 'aḥrufi al'illa.*)

³⁹ Isto é “são, sadio, saudável”.

⁴⁰ As semiconsoantes que correspondem ao و *wāw* e ي *yā'* são letras cuja natureza é fraca e maleável. Quando estas constituem a raiz de verbos ou nomes, são suscetíveis a alterações na medida em que se conjugam e declinam, respectivamente.

são designadas pelo termo حُرُوفٌ صَحِيحَةٌ *hurūf ṣaḥīḥa* (El-Daḥḍaḥ, 1997, p. 134) e referem-se às vinte e seis consoantes do alfabeto⁴¹, com exceção das vogais longas - 'alif⁴², wāw e yā'.

A característica preponderante das consoantes radicais “fortes” é não sofrer alteração morfológica quando o verbo que elas constituem é flexionado. Na tabela 4, o verbo *sentar-se* - جَلَسَ *jalasa* - é conjugado. Note como suas consoantes radicais em negrito permanecem inalteradas:

Sentido da leitura				
“Imperativo” ⁴³	“Futuro”	“Presente do indicativo”	“Pretérito Perfeito”	Pessoas do discurso
—	سَأَجْلِسُ <i>sa'ajlisu</i> (sentarei)	أَجْلِسُ <i>'ajlisu</i> (sento)	جَلَسْتُ <i>jalastu</i> (sentei)	أَنَا <i>'anā</i> (eu)
—	سَيَجْلِسُ <i>sayajlisu</i> (sentará)	يَجْلِسُ <i>yajlisu</i> (senta)	جَلَسَ <i>jalasa</i> (sentou)	هُوَ <i>hwa</i> (ele)
—	سَيَجْلِسُونَ <i>sayajlisūna</i> (sentarão)	يَجْلِسُونَ <i>yajlisūna</i> (sentam)	جَلَسُوا <i>jalasū</i> (sentaram)	هُمْ <i>hum</i> (eles)

Tabela 4. Conjugação do verbo جَلَسَ *jalasa*

A raiz trilitera *j l s* manteve-se intacta em todas as conjugações a que foi submetida, alterando-se apenas o padrão vocálico e a afixação inerente a cada paradigma flexional. O comportamento da raiz foi, portanto, regular.

⁴¹ A saber ء *hamza*, ب *bā'*, ت *tā'*, ث *ṭā'*, ج *jīm*, ح *ḥā'*, خ *ḫā'*, د *dāl*, ذ *ḏāl*, ر *rā'*, ز *zāy*, س *sīn*, ش *šīn*, ص *ṣād*, ض *ḏād*, ط *ṭā'*, ظ *ḏā'*, ع *ayn*, غ *ḡayn*, ف *fā'*, ق *qāf*, ك *kāf*, ل *lām*, م *mīm*, ن *nūn*, ه *hā'*.

⁴² O | 'alif, forma junto com o wāw e o yā,' o grupo das vogais longas, também referido na teoria árabe pelo termo *'aḥruf alilla*.

⁴³ Os termos que indicam as noções de tempo, aspecto e modo estão entre aspas, pois serão discutidos em momento oportuno.

Observa-se que há correspondência entre os seguintes semas das definições árabe e portuguesa, a primeira proposta pelo gramático Wright (1859, p. 48), na qual afirma que “[...] as letras radicais [...] não sofrem qualquer mudança [...]” e a segunda, de Azeredo (2010, p. 182), que diz que “[...] o radical permanece inalterado”. Tal correspondência justificaria, em parte, a escolha feita por alguns dos autores citados pelo termo “regular” a fim de indicar o verbo *ṣaḥīḥ*, entretanto, constata-se que a regularidade das raízes nos paradigmas flexionais é o resultado da ausência das semiconsoantes entre as consoantes formadoras dos verbos, e não seu princípio motivador.

Quatro acepções foram recorrentes entre os autores listados na ficha terminológica, são elas: “regular”, “perfeito”, “forte”, “simples” e “são”. As três primeiras remetem à regularidade flexional destes verbos, como descrita acima, no entanto, acredita-se que a acepção “são”, sinônima de “saudável, sadio”, tenha sido proposta em oposição a “enfermo”/“fraco”, tradução possível da raiz *ع - ل - ل* (“enfermidade”; “falta”; “fraqueza”), de onde derivam-se o vocábulo *أَحْرَفُ الْعِلَّةُ* *’aḥruf* *af illa* (letras **enfermas ou fracas**) e o verbo *مُعْتَلٌ* *muʿtal* (enfermo, fraco). O traço de “enfermidade”/“fraqueza” nestes elementos provém justamente da presença das semiconsoantes *wāw* e *yāʾ*.

Vê-se que este é o caráter primordial quando se trata da classificação tipológica das raízes verbais. Por esse motivo, sugere-se que o termo *ṣaḥīḥ* seja designado, em português, pelo sintagma terminológico **puramente consonântico**, isto é, aquele verbo constituído unicamente por “consoantes fortes”, sem contar com nenhuma das semiconsoantes árabes em sua formação.

Dessa forma, acredita-se que a terminologia proposta seja aparente aos leitores mais especializados, aos estudantes de árabe e àqueles mais leigos, refletindo de imediato a característica principal deste grupo de verbos.

1.1.1 سالم *sālim*

Termo		Possível correspondência em Pt	Proposta de padronização	
<i>sālim</i> سالم		Regular	Triconsonântico simples	
DT: “Se o verbo for desprovido de qualquer uma das semiconsoantes (...) e também de <i>hamza</i> ou duplicação, então, será chamado de <i>alfīl aṣ-ṣaḥīḥ as-sālim</i> .” ⁴⁴		DT: “Um verbo é regular quando segue o paradigma de sua conjugação. O modelo, ou o paradigma, da primeira conjugação é o verbo <i>cantar</i> , o da segunda é o verbo <i>bater</i> , e o da terceira conjugação é o verbo <i>partir</i> . Em todas as formas destes três verbos, o radical permanece inalterado.”		TL: 1. <i>Regular [verb]</i> . 2. <i>Regular, sano [gr]</i> .
Ex.: <i>kataba/ darasa/ jalasa</i>		Ex.: cantar/ bater/ partir		Fonte: 1. Wehr, 1976, p. 444. 2. Corriente, 1991, p. 370.
Fonte: Almʿarī, 2002, vol. 1, p. 11.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 182.		
Pt ₁₇₇₄	Regular e perfeito	Es ₁₉₉₂	<i>Raíz triconsonântica simples</i>	Voc ₁₉₀₈ <i>Sain, régulier, qui ne renferm pas de lettres faible (racine)</i>
Pt ₂₀₀₇	Simples	Fr ₁₉₁₁	<i>Régulier</i>	Dic ₁₉₇₃ <i>Strong verb, soun verb, verbum infirmum</i>
In ₁₈₅₉	<i>Strong</i>	In ₁₉₆₅	<i>Simples triliteral</i>	Dic ₁₉₈₃ <i>Strong</i>
In ₂₀₀₅	<i>Regular or sound</i>			

O verbo سالم *sālim* é a primeira subclassificação dos verbos *ṣaḥīḥ*. Segundo a DT árabe é aquele que: a. não possui semiconsoantes entre suas radicais; b. não possui *hamza*; c. não possui consoantes duplicadas.

Observa-se grande semelhança entre as fichas terminológicas do termo *ṣaḥīḥ* e do termo *sālim*, principalmente no que diz respeito à terminologia adotada pelos gramáticos não árabes, cujas opções variam entre “regular”, “perfeito”, “forte”, “são” e

⁴⁴ Tradução nossa de: إِذَا كَانَ الْفِعْلُ خَالِيًا مِنْ حَرْفٍ مِنْ حُرُوفِ الْعِلَّةِ (ا-ي-و) وَخَالِيًا مِنْ هَمْزَةٍ أَوْ شَدَّةٍ "idā kāna al-fīl ḥālīyan min ḥarfīn min ḥurūfī al-illa ('alīf, wāw, yā') wāw ḥālīyan min hamza 'aw šadda yusammā al-fīl aṣ-ṣaḥīḥ as-sālim."

“simples”. A justificativa para este fato está nos critérios utilizados e a classificação proposta por cada autor.

Abrantes (1774, p.121) divide os verbos árabes em *regulares e perfeitos e irregulares e imperfeitos*. Por *regulares e perfeitos*, ele entende serem os verbos *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim*, reunindo ambos os termos em um único grupo.

Wright (1859, p.47) segmenta os verbos em *strong verbs* (“verbos fortes”) e *weak verbs* (“verbos fracos”). Os primeiros correspondem aos verbos *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim* e do tipo *مُضَعَّف* *muḍa^{cc}af*. O segundo grupo engloba os outros tipos apresentados.

Périer (1911, p. 16) chama os verbos de *régulier* e *irrégulier*. Para ele, os verbos regulares são apenas os *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim*. Todas as outras subdivisões são consideradas irregulares por este autor.

Haywood & Nahmad (1965, p. 191) inserem dentro do termo *simple triliteral verb* (“verbo trilitero simples”) apenas o *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim*, a todos os outros ele chamará de irregulares, embora afirmem que este talvez seja uma classificação imprecisa no que se refere aos verbos árabes.

Corriente (1992, p. 149) denomina os verbos *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim* de *verbos de raiz triconsonântica simples* (“verbos de raiz triconsonântica simples”), e chama as outras classificações de anomalias morfológicas na flexão verbal.

Ryding (2005, p. 430) atribui o termo *regular* apenas aos verbos que sejam ao mesmo tempo *ṣaḥīḥ* e *sālim*. Para cada um dos outros tipos apresentados ela terá sua opção classificatória, dissociada da proposta árabe.

Cowan (2007, p. 63) concorda em sua classificação com os demais autores, uma vez que chama os verbos *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim* de *simples*.

A razão pela qual a unanimidade dos gramáticos não árabes pesquisados terem unido a dupla classificação árabe *ṣaḥīḥ* e *sālim* em um termo apenas consiste na natureza e no comportamento dos verbos *sālim* os quais são os fiéis representantes do grupo dos verbos *ṣaḥīḥ*, uma vez que o suas consoantes radicais permanecem estáveis e inalteradas em qualquer um dos paradigmas flexionais a que sejam submetidas.

Embora este grupo de verbos atenda ao ideal de regularidade pretendido até mesmo pela gramática portuguesa, visto que o traço delimitador, segundo Azeredo (2010, p. 182) é que o radical do verbo permaneça inalterado, observa-se que esta característica não é exclusividade dos verbos *sālim*. O radical dos verbos *muḍāʿaf* e *mahmūz*, que serão estudados a seguir, da mesma forma permanece inalterado, o que muda é o padrão vocálico, no primeiro, e as regras ortográficas, no segundo. Por isso, acredita-se que designar os verbos *sālim* pelo termo “regular” não individualize esse grupo.

Por isso, sugere-se que seja adotado, em português, o termo **verbo triconsonântico simples**, assim como proposto por Corriente. Espera-se que pelo adjetivo “simples” entenda-se a ausência de duplicação consonantal e da consoante *hamza*.

1.1.2 مُضَعَّف *muḍa^{cc}af*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>muḍa^{cc}af</i> مُضَعَّف		Ø		Duplicado	
DT: “Se no verbo houver uma letra duplicada, o verbo será chamado de <i>alfīl aṣ-ṣaḥīḥ almuḍa^{cc}af</i> .” ⁴⁵				TL: 1. <i>(re)duplicado, doblado.</i> 2. <i>Twofold, Double.</i>	
Ex.: <i>marra</i> <i>tamma</i>				Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 459. 2. Wehr, 1976, p. 542.	
Fonte: Almī arī, 2002, vol. 1, p. 11.					
Pt ₁₇₇₄	Surdo	Es ₁₉₉₂	<i>Morfema radical {122}</i>	Voc ₁₉₀₈	---
Pt ₂₀₀₇	Simples duplo Reduplicado Geminado	Fr ₁₉₁₁	<i>Sourd</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Reduplicated</i>
In ₁₈₅₉	<i>Médio (secundoe) radicalis geminatoe Doubled</i>	In ₁₉₆₅	<i>Doubled</i>	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	<i>Geminate Doubled</i>				

Todos os gramáticos árabes e não árabes investigados concordam quanto à definição do termo مُضَعَّف *muḍa^{cc}af*, como sendo aquele verbo que possui a segunda e terceira radicais idênticas⁴⁶, o que difere entre eles é a classificação proposta.

Abrantes (1774, p. 176), Périer (1911, p. 43), Haywood & Nahmad (1965, p. 191) e Corriente (1992, p. 178) localizam-no como integrante do grupo dos verbos irregulares. Wright (1859, p. 65) insere-o dentro dos *strong verbs* (“verbos fortes”); Ryding (2005, p. 430) atribui um grupo a parte a esse tipo de verbo, separado daqueles a

⁴⁵ Tradução nossa de: "إِذَا كَانَ فِي الْفِعْلِ حَرْفٌ مُتَشَدِّدٌ يُسَمَّى الْفِعْلُ الصَّحِيحَ الْمُضَعَّفَ." (*idā kāna fī alfīl ḥarfun muṣaddadun yusammā alfīl aṣ-ṣaḥīḥ almuḍa^{cc}af.*)

⁴⁶ Corriente (1992, p. 178) refere-se a estes verbos como os “antigos biconsonânticos”. Haywood & Nahmad (1965, p. 192) sinalizam para a mesma direção quando argumentam que as línguas semíticas eram originalmente bilíteras e não trilíteras, o que indicaria um ancestral comum com as línguas hamíticas. Afirmam ainda que, em árabe, é possível encontrar um grande número de radicais em que a segunda radical se duplicou para se moldar ao padrão trilítero da língua.

que chama de regulares e de irregulares. Cowan (2007, p. 108) parece entendê-los como uma segunda opção para os verbos por ele chamados de “simples”. Este gramático aponta ainda que essa classe de verbos não apresenta grandes dificuldades em sua conjugação, porém salienta que certos aspectos exigem a atenção do estudante, os quais estão relacionados com a assimilação ou não das consoantes idênticas⁴⁷.

Verificar-se que não há um consenso em relação às opções terminológicas dos gramáticos não árabes abordados. Os termos nas línguas de chegada estudadas variaram entre *surdo*, *simples duplo*, *reduplicado*, *dobrado* e *geminado*. Diferentemente dos demais, Corriente (1992, p. 178) prefere representar o morfema do verbo a sugerir uma terminologia. Diante deste panorama múltiplo, qual seria o termo mais adequado para indicar essa classe de verbos ao leitor especializado brasileiro?

Em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, Mattoso Câmara (1981, p. 125) define o termo *geminado* da seguinte forma:

Diz-se da consoante que apresenta uma parte pós-vocálica, decrescente, numa sílaba, e uma parte pré-vocálica, crescente, na sílaba seguinte. Na escrita, indica-se a geminação pela letra dobrada.

Câmara complementa que as consoantes geminadas eram frequentes em latim, contudo, na evolução para o português, passaram a consoantes simples devido ao esvaziamento da consoante pós-vocálica decrescente, por exemplo, *bucca* > boca, *peccare* > pecar.

O autor registra ainda que não há vocábulos com consoantes geminadas na língua portuguesa e explica que, até mesmo, os eruditos⁴⁸ foram, desde o início, pronunciados em português como consoantes simples, embora mantivessem, na antiga ortografia, as letras dobradas.

⁴⁷ As possibilidades de assimilação/dissimilação das consoantes idênticas, segundo Cowan (2007, p. 108):

- a. Quando a terceira radical for vocalizada, as consoantes idênticas assimilam-se, e sobre elas, escreve-se o diacrítico *šadda* ْ, marcando a duplicação, como em جَرَّ *jarra* “ele arrastou” (ao invés de جَرَّر *jarara*);
- b. Quando a terceira radical não for vocalizada, isto é, sobre ela houver o diacrítico *sukūn* que simboliza a ausência de vogal, as radicais idênticas serão escritas separadamente, como جَرَزْتُ *jarartu* “eu arrastei”.

⁴⁸ Vocábulos latinos introduzidos tardiamente na língua portuguesa por via erudita, por meio social culto que sabia o latim. (Câmara, 1981, p. 108)

Descarta-se a opção *geminado*, por ser este um termo opaco aos leitores brasileiros contemporâneos, visto que a geminação não figura na gramática da língua portuguesa. Quando um aluno brasileiro estuda vocábulos como *carregar*, *passarinho* aprende que o duplo /r/ e /s/ são os dígrafos, isto é, “duas letras que numa ortografia dada servem para indicar um único fonema” (Câmara, 1981, p. 97), a geminação de consoantes não faz parte, assim, da gramática da língua portuguesa.

O termo *surdo* utilizado tanto por Abrantes (1774, p. 176) quanto por Périer (1991, p. 43), justifica-se devido à mudança do padrão vocálico em que a segunda radical do verbo perde sua vogal breve e recebe *sukūn*, isto quer dizer que a consoante medial ficaria “ensurdecida”, sem vogal. Embora o primeiro deles fosse um gramático português, o termo proposto não evoca nenhuma associação de ideias que possa ajudar o estudante a relacioná-lo com o significante árabe.

Restaram os termos *reduplicado* e *dobrado*. Como “reduplicar” em português pode referir-se a algo dobrado duas vezes, quaduplicado, afastando-se da ideia central desta classe de verbos, e “dobrado”, embora possa representar o fenômeno de duplicação da segunda consoante, consiste em um vocábulo português polissêmico⁴⁹, sugere-se que o termo **duplicado** seja adotado para indicar os verbos árabes do tipo *muḍa^{cc}af*.

⁴⁹ Segundo Houaiss, o lexema *dobrar* pode significar:

- a. Duplicar;
- b. Tornar maior, mais intenso;
- c. Curvar(-se);
- d. Fazer dobras em tecido, papel...;
- e. Dominar (alguém ou alguma situação);
- f. Mudar a direção, virar.

1.1.3 مَهْمُوز *mahmūz*

Termo	Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização		
<i>mahmūz</i> مَهْمُوز	Ø		“Hamzado”		
DT: “Se no verbo houver <i>hamza</i> no seu princípio, no seu meio ou no seu final, então, será chamado de <i>alfīl aṣ-ṣaḥīḥ almahmūz</i> .” ⁵⁰			TL: 1. Verbo com <i>hamza</i> /hamzado. 2. <i>Hamzado</i> .		
Ex.: <i>’amara</i> <i>sa’ala</i> <i>qara’a</i>			Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 695. 2. Corriente, 1991, p. 810.		
Fonte: Almārī, 2002, vol. 1, p. 11.					
Pt ₁₇₇₄	Hamzato	Es ₁₉₉₂	<i>Morfema radical {’23}, {1’3}, {12’}</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Hamzé</i>
Pt ₂₀₀₇	<i>Hamza</i> como radical	Fr ₁₉₁₁	<i>Hamzé</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Hèmzatum</i>
In ₁₈₅₉	<i>Hèmzatum</i>	In ₁₉₆₅	<i>Hamzated</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Glottalized</i>
In ₂₀₀₅	<i>Hamzated</i>				

A consoante chamada em árabe de *hamza* é descrita como **oclusiva, laríngea, surda** (Jubran, 2004, p. 23). Lipiński⁵¹ (1997, p. 141) registra que o protossemitico⁵² já contava com o fonema laríngeo /ʔ/, e, com a evolução das línguas semíticas, esse fonema permaneceu tal como original em algumas das línguas descendentes, como é o caso do árabe (p.148).

⁵⁰ Tradução nossa de: إِذَا كَانَ فِي الْفِعْلِ هَمْزَةٌ فِي أَوَّلِهِ، أَوْ فِي وَسْطِهِ أَوْ فِي آخِرِهِ يُسَمَّى الْفِعْلُ الصَّحِيحَ الْمَهْمُوزَ. ("idā kāna fī alfiḥl hamza fī 'awwalihi, 'aw fī wasaṭihi 'aw fī 'āhirihi yusammā alfiḥl aṣ-ṣaḥīḥ almahmūz .)

⁵¹ Lipiński (1997) realizou um estudo gramatical comparativo da família das línguas semíticas, no qual mostra a evolução de diferentes aspectos linguísticos desde o protossemitico até o estágio contemporâneo das línguas em foco.

⁵² Ressalta-se que o protossemitico seria uma língua homogênea da qual descenderam as línguas semíticas, diz-se “seria” porque não há comprovação documental de sua existência além das línguas que dela vieram. Lipiński (1997, p. 41) afirma que este é mais do que um nome convencional dado ao grupo de elementos compartilhados pela família sob consideração. Para ele, este conceito poderia ser comparado ao latim, com respeito às línguas românicas.

Observa-se que a transposição do termo árabe مَهْمُوز *mahmūz* para cada uma das línguas de chegada foi homogênea, isto porque o fonema representado pela consoante *hamza* se encontra ausente do quadro consonantal das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa. Desta maneira, a estratégia dos gramáticos foi criar um neônimo, ou termo neológico, para indicar essa categoria de verbos.

Os gramáticos árabes situam essa classe de verbos dentro daqueles chamados de *ṣaḥīḥ*, como apresentado em seção anterior, porém, cada gramático não árabe possui uma classificação própria.

Abrantes (1774, p.185) situa-os no grupo dos verbos *imperfetos e irregulares*, no entanto, diz que sua conjugação é “da mesma sorte que o Verbo Perfeito” (p. 186), devendo ser respeitadas as regras de escrita do *hamza*.

Wright (1859, p.69) localiza-os como um dos dois tipos do *weak verbs* ou *verba infirma* (“verbos fracos”).

Périer (1911, p. 47) chama-os de irregulares e acrescenta que a particularidade destes verbos vem da mudança que a “letra fraca”, suporte do *hamza*⁵³, pode sofrer.

Haywood & Nahmad (1965, p. 199) classificam os verbos *mahmūz* como irregulares, salientando que a dificuldade principal que envolve essa classe é a ortografia do *hamza*, uma vez que pode ser escrito sobre o ‘*alif*’ (أَ) sob o ‘*alif*’ (إ), sobre o *wāw* (و) e sobre o *yā*’ (ي)⁵⁴.

Corriente (1992, p. 177) não sugere uma terminologia para esses verbos, antes, representa o morfema de suas raízes. O autor afirma que as variações meramente ortográficas do suporte do *hamza* são condicionadas pelo entorno vocálico da raiz verbal.

⁵³ Chamam-se de suporte (ou apoio) do *hamza* as três vogais longas (‘*alif*, و *wāw* e ي *yā*’) que sustentam esta consoante na escrita. As vogais longas são definidas de acordo com regras ortográficas específicas e com o padrão vocálico do paradigma nominal ou verbal da palavra formada.

⁵⁴ Para um aprofundamento nas regras ortográficas da consoante *hamza*, consulte Haywood & Nahmad (1965, p. 199 – 200), Wightwick & Gaatar (2008, p.38).

Para Ryding (2005, p. 431), esse grupo de verbos é considerado uma categoria separada devido às regras morfofonêmicas⁵⁵ que governam a ocorrência e distribuição do *hamza*, como também por suas regras ortográficas.

Cowan (2007, p. 113) não indica um termo específico para denominar essa classe, prefere o sintagma terminológico “verbos com *hamza* como radical” para expressá-los. O autor atesta que a conjugação destes verbos é totalmente regular e que o *hamza* possui um valor consonântico pleno.

Nota-se que apenas o termo “glottalized”, sugerido em *A Dictionary of Modern Linguistic Terms* (Bakalla *et al.* 1983, p. 97), destoa dos demais apresentados. O termo faz referência à zona de articulação do fonema /ʔ/, produzido na laringe. Lipiński (1997, p. 141) atesta que este fonema é frequentemente classificado sob o título de *gutural*, um termo que tem sido bem aceito em diversos círculos, embora não o descreva precisamente do ponto de vista de sua articulação, uma vez que sua classificação precisa é fonema oclusivo, laríngeo, surdo, conforme mencionado anteriormente.

Assim, sugere-se que seja adotado, em português, o termo “**hamzado**” para indicar o verbo *mahmūz*, por se tratar de um uso convencional entre os gramáticos pesquisados e também porque este termo já se encontra dicionarizado com a acepção específica desejada. Acredita-se, portanto, que “**hamzado**” seja aparente e claro ao leitor especializado, transmitindo de imediato a ideia central dessa classe de verbos.

⁵⁵ Segundo Mattoso Câmara (1981, p. 171), morfofonêmica consiste na “parte da linguística descritiva que estuda a distribuição das variantes posicionais das formas linguísticas em juntura (...)”.

1.2 مُعْتَل *mu^ctal*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>mu^ctal</i> مُعْتَل		Irregular		Consonântico-semiconsonântico	
DT: “É aquele que contém uma ou duas semiconsoantes.” ⁵⁶		DT: “ Irregular é, ao contrário, todo o verbo que apresenta algum desvio em relação ao modelo, ou paradigma, de sua conjugação. São irregulares verbos como <i>dar</i> (cf. <i>dou, deste</i> em face de <i>canto, cantaste</i>), <i>perder</i> (cf. <i>perco/perde</i> em face de <i>bato/bate</i>) e <i>caber</i> (cf. <i>caibo/cabe/coube</i> em face de <i>bato/bate/bati</i>).”		TL: 1. <i>Enfermo, débil. Defectuoso. Defectivo.</i> 2. Enfermo, dolente, doente. Com vogal (verbo).	
Ex.: <i>wajada/ qāla/ ramà rawà/ wafā</i>		Ex.: dar/ perder/ caber		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 528. 2. Sabbagh, 2011, p. 656.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 195.		Fonte Azeredo, 2010, p. 182.			
Pt ₁₇₇₄	Irregular e imperfeito	Es ₁₉₉₂	---	Voc ₁₉₀₈	<i>Infirme, irrégulier</i>
Pt ₂₀₀₇	---	Fr ₁₉₁₁	<i>Irrégulier Verbes à lettres faibles</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Weak Verbum infirmum unsound</i>
In ₁₈₅₉	<i>Weak Verbum infirmum</i>	In ₁₉₆₅	<i>Irregular</i>	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	<i>Roots with semi-consonants</i>				

A ficha terminológica acima apresenta um panorama heterogêneo quanto aos termos adotados pelos gramáticos estudados, que variam entre *irregular e imperfeito*, *enfermo/fraco*, *verbos com semiconsoante*, *verbos com letras fracas*.

Haywood & Nahmad (1965, p. 191), ao abrirem o capítulo 24 - “Irregular Verbs”- de sua gramática, introduzem a ideia de que o termo *irregular* talvez seja impreciso e inadequado para expressar o verbo árabe, se pelo termo for compreendido idiossincrasias isoladas, uma vez que há toda uma classe de verbos em que certas

⁵⁶ Tradução nossa de: "هو ما كان فيه حرف علة أو حرفان" (*huwa mā kāna fihi ḥarf u'lla 'aw ḥarfān*).

alterações e desvios do paradigma ocorrem, devido a contrações e assimilações de radicais. Segundo eles, uma das causas para essas mudanças na raiz é a presença de uma “letra fraca” (*weak letter*) como uma das consoantes radicais do lexema⁵⁷.

Périer (1911, p. 43) estabelece uma comparação entre o que seria a irregularidade verbal em francês e em árabe. Em francês, segundo ele, os verbos irregulares possuem radicais diferentes ou ocorrem alterações das formas originais das raízes quando estas são conjugadas nas diferentes pessoas do discurso. Em árabe, um verbo não admite vários radicais, nem a conjugação nas pessoas do discurso apresenta grandes dificuldades. Todas as anomalias são provenientes, entre outras⁵⁸, da alteração que sofrem as semiconsoantes empregadas como parte integrante da raiz do verbo.

Em português, a irregularidade verbal é semelhante ao francês. Um verbo da língua portuguesa é chamado de irregular quando, em algumas formas, apresenta variação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence (Bechara, 1999, p. 225). Os gramáticos tradicionais costumam classificar os verbos irregulares em três grupos:

- a) **Irregulares fracos:** aqueles que podem mudar de radical, sem aparente explicação, ao variar a pessoa (Azeredo, 2010, p. 183). Exemplo: perder - perco e perde; medir – meço e mede.
- b) **Irregulares fortes:** aqueles que apresentam no pretérito perfeito um radical diverso do presente (Azeredo, 2010, p. 183). Exemplo: dizer – dizes e disseste; saber – sabes e soubeste.
- c) **Irregulares anômalos:** aqueles que apresentam diversidade total de radicais entre tempos ou mesmo entre pessoas do mesmo tempo (Azeredo, 2010, p. 183). São representantes deste grupo apenas os verbos *ser* e *ir*. Bechara (1999, p. 226) explica que a irregularidade desses verbos acontece porque ambos reúnem radicais primários diferentes - *ser*

⁵⁷ Haywood & Nahmad (1965, p. 191) listam entre as causas das mudanças da raiz a presença da consoante *hamza* e de duas consoantes duplicadas, isso porque eles classificam os verbos duplicados e “hamzados” como verbos irregulares.

⁵⁸ Périer (1911, p. 47), assim como Haywood & Nahmad (1965, p. 191), classifica os verbos duplicados e “hamzados” como verbos irregulares, por isso consideram que tanto a presença do *hamza* como de uma consoante duplica dê origem a anomalias na raiz verbal.

é o resultado da união dos verbos latinos *sedēre* e *ēsse*; e *ir* reúne três radicais latinos *ire*, *vadēre* e *ēsse*.

Mattoso Câmara (1981, p. 148) define *irregularidade* como um “conceito da gramática descritiva, referente às formas linguísticas **que ficam fora do paradigma correspondente às demais da mesma estrutura**” (grifo nosso).

Em árabe, os verbos classificados como *مُعْتَل* *muʿtal* possuem um paradigma próprio de conjugação, devido à existência das semiconsoantes na constituição da raiz. A presença do *wāw* e *yāʾ* como consoantes radicais destes verbos exigem que sua flexão seja diferenciada daqueles chamados, nesta dissertação, de *puramente consonânticos*.

Os verbos *muʿtal*, em que uma das semiconsoantes ocorre na primeira radical, conjugam-se de acordo com regras específicas. Já aqueles verbos, em que uma das semiconsoantes for a consoante central, seguem outras recomendações. E, por último, naqueles verbos *muʿtal* em que a consoante final for uma das duas semiconsoantes, regras determinadas deverão ser observadas.

É importante esclarecer que o parâmetro flexional é o mesmo para todas as classes de verbos árabes, isto é, todos têm por princípio a conjugação dos verbos *ṣaḥīḥ* do tipo *sālim*, chamados de *triconsonântico simples* neste trabalho, contudo, por causa das características inerentes de cada raiz, alterações ao parâmetro comum acontecem.

Chega-se a duas questões antagônicas, pois, ao mesmo tempo em que se observa “irregularidade” nos verbos *muʿtal*, se comparados com o comportamento dos verbos *puramente consonânticos*, eles não “ficam fora do paradigma correspondente aos demais da mesma estrutura” (Câmara, 1981, p. 148). Por isso, acredita-se ser pertinente afastar o termo *irregular* para designar esse grupo de verbos.

O que caracteriza, então, o comportamento peculiar dessa classe é a presença das semiconsoantes *wāw* ou *yāʾ* como constituinte da raiz verbal. Esta é a característica primordial e que motiva as transformações pelas quais as raízes passam. Por essa razão, sugere-se que a classe dos verbos *muʿtal* seja referida, em português, por **consonântico-seminconsonântico**, alertando o leitor especializado, por meio da terminologia, que estes verbos são constituídos por consoantes, mas também, por semiconsoantes.

A classificação genuína árabe opõe os verbos *ṣaḥīḥ* e *muṭal*, como os grandes representantes de seus grupos. A terminologia proposta **puramente consonântico** e **consonântico-semiconsonântico**, respectivamente, além de manter a classificação dos árabes, valoriza a simetria entre os novos termos, um artifício didático que pretende auxiliar o leitor especializado e interessado na compreensão das terminologias verbais árabes.

1.2.1 مثال *miṭāl*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de Padronização	
<i>miṭāl</i> مثال		Ø		Verbo com و ou ي como 1ª radical	
DT: “O <i>miṭāl</i> é aquele cuja primeira radical é uma semiconsoante.” ⁵⁹				TL: 1. <i>Modelo, tipo, ejemplo.</i> 2. <i>Exemplo, modelo. Ideal, padrão, paradigma, norma.</i>	
Ex.: <i>wajada/yabisa</i>				Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 708. 2. Sabbagh, 2011, p. 603.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 195.					
Pt ₁₇₇₄	Quiescente ⁶⁰ ف Símile	Es ₁₉₉₂	<i>Morfema radical {w23}. {y23}</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Assimilé</i>
Pt ₂₀₀₇	Verbo com و ou ي como 1ª radical	Fr ₁₉₁₁	<i>Assimilé</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Paradigm. Quasi-sound</i>
In ₁₈₅₉	<i>Verbum primoe radicalis و et ي</i>	In ₁₉₆₅	<i>Assimilated</i>	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	<i>Assimilated</i>				

O verbete *assimilar*, na língua portuguesa, está assim descrito por Ferreira (1986, p. 148):

⁵⁹ Tradução nossa de: "المِثَال: هو ما كانَ أَوَّلَ حُرُوفِهِ حَرْفَ عِلَّةٍ." (*al-miṭāl huwa mā kāna 'awwal ḥurūfihi ḥarfa illa.*)

⁶⁰ “Quiescente [Do lat. *quiescente*]. Adj. 2 g. 1. Que está em descanso. 2. Que está sereno, tranquilo.” (Ferreira, 1986, p. 1173)

[Do lat. *assimilare*] V.t.d. **1.** Tornar semelhante ou igual; assemelhar. **2.** Apropriar-se, compenetrar-se de (ideia, sentimento, etc.) (...) **3.** Compenetrar-se de; fixar, apreender, aprender (ideias, ensinamentos): (...) **4.** *Fisiol.* (...) **5.** *Gram.* Dar lugar à assimilação⁶¹. (...)

Dentre as acepções listadas acima, as relevantes para esse estudo são as de número 1 e 5. A primeira delas reflete o significado da raiz primária de *ل م ث* *m - t - l* de onde se deriva o termo *مثال* *miṭāl* e diversos outros lexemas que, de alguma forma, perpassam a ideia central de semelhança, similitude, como, por exemplo, *مُتَلِّ* *mattalla* (representar, retratar), *مُتَلِّ* *maṭal* (ditado, provérbio; fábula), *مِثْل* *miṭl* (igual a), *مِثِيل* *maṭīl* (semelhante, similar; equivalente, par).

A quinta acepção direciona-se exatamente para a ciência gramatical e apresenta o processo fonético da *assimilação*, que, segundo Grammont (1933 *apud* Câmara 1981, p. 62), “consiste na extensão de um ou vários movimentos articulatórios além de seu domínio originário”, isto é, um fonema adquire traços articulatórios novos pela influência de outro contíguo. Mattoso Câmara acrescenta que, na evolução da língua portuguesa, a assimilação desempenhou papel importantíssimo, como fenômeno de sonorização, vocalização, palatalização e fechamento de timbre de ditongo decrescente assimilado pelas semivogais⁶² (/layte/, de *lacte*- > leite; *tauru*- *i* > touro).

Embora semas semelhantes sejam observados entre os termos *مثال* *miṭāl* e “assimilado”, este não expressa concretamente o comportamento das semiconsoantes presentes nesta classe de verbos. De acordo com a DT selecionada na ficha terminológica, os verbos do tipo *مثال* *miṭāl* são aqueles que possuem como primeira consoante radical uma das semiconsoantes *wāw* ou *yā'*. Todos os gramáticos pesquisados concordam que aqueles verbos iniciados por *yā'* apresentam um sistema flexional regular, isto quer dizer que a semiconsoante se mantém inalterada nas diferentes flexões, por possuir um valor consonântico pleno.

⁶¹ “Transformação dum fonema em outro, seguinte: esse (< lat. *ipse*), nosso (< *nosso* < *nostro* < lat. *nostru*), ou precedente: enteadado (< *antenatu*).” (Ferreira, 1986, p. 148)

⁶² De acordo com a definição de Mattoso Câmara (1981, p. 217), uma semivogal é uma “vogal assilábica que acompanha a base de uma sílaba para constituir um ditongo decrescente.”

Alterações na raiz verbal ocorrem quando o *wāw* é a primeira radical e, que sob certas condições, será elidido. Wright (1859, p. 74) explica que aqueles verbos iniciados por *wāw* e que seguem o paradigma *fa^cala ya^cilu* rejeitam a semiconsoante nas formas de “presente do indicativo” e “imperativo”. Como exemplo, observe a tabela 5 abaixo:

“Imperativo”	“Presente do indicativo”	“Pretérito perfeito”	Tradução
قِفْ <i>qif</i>	يَقِفُ <i>yaqifu</i>	وَقَفَ <i>waqafa</i>	Parar, estacionar
عِدْ <i>id</i>	يَعِدُ <i>ya'idu</i>	وَعَدَ <i>wa'ada</i>	Prometer
صِلْ <i>şil</i>	يَصِلُ <i>yaşilu</i>	وَصَلَ <i>waşala</i>	Chegar

Tabela 5: Tabela ilustrativa do paradigma *fā'ala yaḥilu*, cujo *wāw* é a primeira radical

Verbos que seguem o paradigma *fa^cila yaḥilu*, ao invés de *ya^calu*, também rejeitam a semiconsoante na forma de “presente do indicativo” وَرِثَ يَرِثُ *wariṭa yariṭu* (herdar) e وَفِقَ يَفِيقُ *wafiqa yafiqu* (prosperar), porém, tanto os verbos que seguem o paradigma *fa^cila ya^calu*⁶³ e os chamados, nesta dissertação, de duplicados conservarão o *wāw* na forma de “presente do indicativo”, como, por exemplo, وَجَلَ يَوْجَلُ *wajila yawjalu* (temer) e وَدَّ يَوُدُّ *wadda yawaddu* (amar).

Constata-se, portanto, que a elisão ou a permanência do *wāw* está relacionado com o padrão vocálico do paradigma flexional a que o verbo faz parte e não com o processo fonético de assimilação no qual a semiconsoante adquire traços articulatorios do fonema subsequente e se torna a ele semelhante.

⁶³ Apenas um grupo de oito verbos que seguem o paradigma *fa^cala yaḥalu* rejeita o *wāw* na forma “presente do indicativo”, Wright (1859) justifica a elisão da semiconsoante pela presença de uma consoante ‘gutural’ ou ‘semigutural’ como segunda ou terceira radical. Para lista completa, veja Wright (1859, p. 75).

Dentre os sete gramáticos pesquisados, encontra-se um posicionamento equilibrado quanto aos termos adotados para indicar os verbos do tipo مِثَال *miṭāl*. Périer (1911, p. 55), Haywood & Nahmad (1965, p. 215) e Ryding (2005, p. 431) optaram pela denominação “verbo assimilado”. Ryding (2005, p. 460) ensina que o *wāw* inicial fazer parte da raiz, frequentemente desaparece, é elidido ou assimilado pelo prefixo marcador do sujeito. Vê-se, porém, que o termo “assimilado” não é exclusividade dos falantes de língua inglesa, foi adotado também pelos franceses, como registra Périer (1911).

Wright (1859, p. 74), Corriente (1992, p. 179) e Cowan (2007, p. 114) preferem empregar uma estrutura composta para expressar os verbos em questão. O sintagma terminológico “*Verba primae radicalis* و *et ي*”, “morfema radical {w23}, {y23}” e “verbos com و como 1ª radical” descrevem a característica principal destes verbos e sinalizam ao leitor especializado qual deverá ser sua postura e tratamento diante dos mesmos.

Abrantes (1774, p. 192) propôs o termo principal *quiescente* ف, em que *fā’* refere-se à primeira consoante radical, e o termo *similar*, referência direta ao termo árabe مِثَال *miṭāl*. O termo *quiescente* para Abrantes (1774, p. 24) indica quando as “letras débeis” *ʿalif*, و *wāw* e ي *yā’* não recebem nenhum tipo de diacrítico. No capítulo reservado ao verbo *similar*, o autor não justifica o motivo de chamar essa classe de *quiescente* ف, o qual parece ser um termo inadequado, já que a semiconsoante participante da raiz está submetido ao padrão vocálico verbal, formado pelas vogais breves.

Das opções encontradas nas gramáticas não árabes, acredita-se que os compostos tenham sido os mais aparentes e precisos no papel de expressar essa classe de verbos ao leitor especializado. Por isso, sugere-se que, em português, seja adotada a fraseologia especializada **verbos com و ou ي como 1ª radical**, ao invés de delimitar um termo único que se afaste ou tangencie a característica principal desse grupo, e

incorra no risco de não alcançar um dos objetivos desta dissertação que é auxiliar o estudante no percurso de aprendizagem da língua árabe.

1.2.2 أَجَوَف 'ajwaf

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
أَجَوَف 'ajwaf		Ø		Verbo com و ou ي como 2ª radical	
DT: “O 'ajwaf é aquele cuja segunda radical é uma semiconsoante.” ⁶⁴				TL: 1. Hueco, côncavo. Vano, vacío. 2. Côncavo, cavo, oco, vazio, vão.	
Ex.: qāla/ šāra				Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 135. 2. Sabbagh. 2011, p. 42.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 195.					
Pt₁₇₇₄	Quiesscente ع Côncavo	Es₁₉₉₂	Morfema radical {1w3}, {1y3}	Voc₁₉₀₈	Concave
Pt₂₀₀₇	Côncavo	Fr₁₉₁₁	Concave	Dic₁₉₇₃	Hollow
In₁₈₅₉	Verbum medioe radicalis و et ي	In₁₉₆₅	Hollow	Dic₁₉₈₃	---
In₂₀₀₅	Hollow				

Ao analisar a ficha terminológica acima, observa-se que o termo *côncavo*, *hollow* e *concave* são traduções diretas do termo árabe أَجَوَف 'ajwaf. Algo *côncavo* indica algo vazio, oco por dentro. Trazendo essa ideia para a proposta classificatória dos verbos árabes, entende-se que um verbo 'ajwaf seria aquele que possui seu meio ou sua posição medial vazia.

⁶⁴ Tradução nossa de: "الأَجَوَف: هُوَ الَّذِي يَكُونُ ثَانِيهِ حَرْفٌ عِلَّةٌ." (al'ajwaf huwa allaḍī yakūnu tānīhi ḥarfa ʿilla.)

O que na realidade acontece com esses verbos é que sua segunda consoante radical genuína, *wāw* ou *yā'*, passa por uma série de mutações previstas e registradas, transformando-se em *'alif*, vogal longa, vogal breve e *hamza*⁶⁵ (Ryding, 2005, p. 431). O caráter instável próprio das semiconsoantes e o padrão vocálico dos paradigmas flexionais são os responsáveis pelas alterações morfológicas elencadas.

Cada gramático não árabe estudado registra as mesmas regras que regem a mutação das semiconsoantes, cada qual seguindo seu parâmetro e sua metodologia, porém, são unânimes nos aspectos abaixo:

- a) Quando três sílabas abertas seguirem-se em sucessão imediata e a primeira delas for obrigatoriamente vocalizada em *fatha*, as semiconsoantes *wāw* ou *yā'* serão transformadas na vogal longa *'alif*. Exemplo:

قَامَ <i>qāma</i> (ele se levantou)	⇐	قَامَ <i>qawama</i>
خَافَ <i>hāfa</i> (ele temeu)		خَافَ <i>hawifa</i>
سَارَ <i>sāra</i> (ele andou)		سَارَ <i>sayara</i>
هَابَ <i>hāba</i> (ele temeu)		هَابَ <i>hayiba</i>
يَنْقَادُ <i>yanqādu</i> (ele se entregou)		يَنْقَادُ <i>yanqawidu</i>
يَزْدَادُ <i>yazdādu</i> (ele aumentou)		يَزْدَادُ <i>yazdayidu</i>

- b) Se a primeira radical do verbo for vocalizada, isto é, receber *sukūn*, as semiconsoantes recuam sua vocalização (sua vogal breve) para a primeira e transformam-se em vogais longas (*'alif*, *wāw* e *yā'*) homólogas à vogal breve que a primeira consoante recebeu. Exemplo:

يَقُولُ <i>yaqūlu</i>	⇐	يَقُولُ <i>yaqwulu</i> (ele disse)
يَخَافُ <i>yahāfu</i>		يَخَافُ <i>yahwafu</i> (ele teme)
يَسِيرُ <i>yasīru</i>		يَسِيرُ <i>yasyiru</i> (ele anda)

⁶⁵ Para uma análise pormenorizada desta classe de verbos, ver Wright (1859, p. 78), Haywood & Nahmad (1965, p. 224), Périer (1911, p. 60).

يَهَابُ *yahābu*يَهْيَبُ *yahyabu* (ele teme)

- c) Se a terceira consoante radical receber o *sukūn*, três situações podem ocorrer:

- a. Na conjugação do “presente do indicativo”, as vogais longas *’alif*, *wāw* e *yā’* são elididas porque sílabas fechadas não admitem vogal longa.

يَقُولُ *yaqul* يَقُولُ *yaqūl*يَخْفُ *yaḥaf*يَخْفُ *yaḥāf*يَسِيرُ *yasir*يَسِيرُ *yasīr*

- b. No “pretérito perfeito”, as semiconsoantes *wāw* e *yā’* serão elididas, juntamente com sua vocalização, porém modificam a vogal breve *a* (*fathā*) da primeira consoante em *u* (*ḍamma*) ou *i* (*kasra*), respectivamente.

قُمْتَ *qumta* (você m. levantou) ⇐ قَوَّمْتَ *qawamta*طُلْتَ *ṭulta* (você m. alongou-se) ⇐ طَوَّلْتَ *ṭawulta*سَرْتَ *sirta* (você m. andou) ⇐ سَيَّرْتَ *sayarta*هَبْتَ *hibta* (você m. temeu) ⇐ هَيَّبْتَ *hayibta*

- c. Se a semiconsoante *wāw* for vocalizada em *i* (*kasra*) também será elidida, porém sua influência modifica a vogal breve *a* (*fathā*) da primeira radical, passando a *i* (*kasra*).

خَفْتَ *ḥifta* خَوَّفْتَ *ḥawifta*

- d) As semiconsoantes *wāw* e *yā’* serão modificadas em *hamza*, devido ao paradigma do “particípio ativo”. Exemplo:

قَائِلٌ *qā’il* (aquele que fala) قَوْلٌ *qawala*سَائِرٌ *sā’ir* (aquele que caminha)سَيْرٌ *sayara*

Outras alterações morfológicas ocorrem para atender, também, aos padrões vocálicos de paradigmas verbais, como na forma passiva do “pretérito perfeito”, em que é previsto o padrão vocálico *u* (*ḍamma*) na primeira radical e um *i* (*kasra*) na segunda. Esta última vogal breve modifica as semiconsoantes *wāw* e *yā’* em *yā’* e, por harmonização vocálica⁶⁶, o *u* (*ḍamma*) da primeira consoante radical é também modificado em *i* (*kasra*), como ilustrado abaixo:

قِيلَ *qīla* (foi dito) ⇐ قُوِيَ *quwila*

Verifica-se, portanto, que as alterações que ocorrem com as semiconsoantes localizadas na segunda radical do verbo são determinadas, em muito, pelo padrão vocálico do paradigma desejado. Abrantes (1774, p. 24) afirma que as “letras débeis” mudam-se, muitas vezes, por causa de suas próprias vogais, ou da que imediatamente lhes precede. Por isso que a ideia de concavidade não é suficiente para denotar essa classe de verbos, uma vez que, mesmo que a posição de segunda radical fique vazia em virtude das regras acima descritas, sua marca é evidenciada na primeira consoante radical. Assim, propõe-se que a fraseologia especializada **verbos com و ou ي como 2ª radical** seja adotado em português, pois sua significação é aparente ao leitor especializado, além disso, traça-se um paralelo didático e terminológico com os verbos que possuem as semiconsoantes na primeira radical.

⁶⁶ Segundo Mattoso Câmara (1981, p. 134) harmonização vocálica é a mudança do timbre de uma vogal pretônica para harmonizar-se com o da vogal tônica.

1.2.3 ناقص *nāqis*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>nāqis</i> ناقص		Defectivo		Verbo com و ou ي como 3ª radical	
DT: “O <i>nāqis</i> é aquele cuja terceira radical é uma semiconsoante.” ⁶⁷		DT: “Chamam-se defectivos os verbos a que faltam algumas formas do paradigma.”		TL: 1. <i>Incompleto. Defectivo [gr]. Defectuoso.</i> 2. <i>Defeituoso, incompleto. Defectivo (verbo).</i>	
Ex.: <i>daʿā/ raḍiya/ ramā</i>		Ex.: colorir/ demolir/ abolir		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 779. 2. Sabbagh, 2011, p. 706.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 196.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 183.			
Pt ₁₇₇₄	Quiescente ل Defectivo	Es ₁₉₉₂	<i>Morfema radical {12w}, {12y}</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Défectueux</i>
Pt ₂₀₀₇	Fraco	Fr ₁₉₁₁	<i>Défectueux</i> ⁶⁸	Dic ₁₉₇₃	<i>Defective</i>
In ₁₈₅₉	<i>Verbs of which the third radical is و or ي Verbum tertio radicalis و et ي</i>	In ₁₉₆₅	<i>The verb with the weak final radical Defective</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Defective</i>
In ₂₀₀₅	<i>Defective</i>				

Se a finalidade desta análise fosse a tradução literal do termo árabe, ficaria acordado que o termo *defectivo*, proposto pela maioria dos autores pesquisados, trata-se da terminologia exata para referir-se a essa classe de verbos, no entanto, “fazer terminologia (...) não (...) é traduzir.” (Cabrê *apud* Barros, 2004, p. 17).

O termo *defectivo* não reflete a realidade desta classe, uma vez que os verbos ناقص *nāqis* possuem seu paradigma flexional completo. Eles são caracterizados por

⁶⁷ Tradução nossa de: "الناقص: هو ما كان ثالثة حَرْف عِلَّة." (*an-nāqis huwa mā kāna tālithu ḥarf ʿilla.*)

⁶⁸ Isto é “defeituoso”. (Côrrea, 1970, p. 163)

alterações morfológicas sistemáticas na terceira radical do verbo. Todos os autores pesquisados descrevem as mesmas regras, cada qual utilizando sua metodologia própria. Primou-se pela descrição de Ryding por sua clareza didática ao tratar do tema.

Ryding (2005, p. 463) classifica os verbos *nāqiṣ* em dois:

- a. Aqueles terminados com a semiconsoante *wāw* que serão escritas com *'alif* na forma de “pretérito perfeito”:

Paradigma	Raiz	“Pretérito perfeito”	Tradução
فَعَلَ <i>fa'ala</i> يَفْعُلُ <i>yafa'ulu</i>	دَعَا <i>da'awa</i>	دَعَا <i>da'ā</i>	Convidar
فَعَلَ <i>fa'ala</i> يَفْعُلُ <i>yafa'ulu</i>	غَزَا <i>gazawa</i>	غَزَا <i>gazā</i>	Conquistar

- b. Aqueles terminados em *yā'*. Há duas categorias para os verbos *nāqiṣ* com *yā'* como terceira radical, um terminado em *ى 'alif maqṣūra* (*bi ṣūrat alyā'*⁶⁹) na forma do “pretérito perfeito”, em que o *yā'* é restaurado na forma do “presente do indicativo”; o outro é seu oposto, isto é, o *yā'* mantém-se como última radical no “pretérito perfeito” e o *'alif maqṣuta* aparece na forma de “presente do indicativo”.

- c.

Paradigma	Raiz	“Pretérito perfeito”	“Presente do indicativo”	Tradução
رَمَى <i>fa'ala</i> يُرْمِي <i>yafa'ilu</i>	رَمَى <i>ramiya</i>	رَمَى <i>ramà</i>	يُرْمِي <i>yarmī</i>	Arremessar
لَقِيَ <i>fa'ila</i> يَلْقَى <i>yafa'alu</i>	لَقِيَ <i>laqiya</i>	لَقِيَ <i>laqiya</i>	يَلْقَى <i>yalqà</i>	Encontrar

⁶⁹ Literalmente: *'alif maqṣūra* à imagem do *yā'*. (Cowan, 2007, p. 129)

As semiconsoantes *wāw* e *yā'* serão elididas quando o verbo for flexionado em paradigmas que prevejam o diacrítico *sukūn* sobre a terceira radical, como é o caso, por exemplo, da 2ª pessoa do masculino singular do “imperativo”.

Paradigma	“Imperativo”
أَفْعِلْ <i>'if'il</i>	ارْمِ <i>'irmi</i> (arremesse!)
	أُدْعُ <i>'ud'u</i> (convide!)

Mais uma vez, observa-se que o padrão vocálico dos paradigmas verbais desempenha papel importante na alteração morfológica das semiconsoantes e determina qual a forma que as mesmas assumirão na raiz. A fim de ratificar esse argumento, cita-se o verbo رَضِيَ رَضِيَ *raḍiya yaṛḍà* (estar contente), que parece pertencer à segunda categoria proposta pela Ryding (2005, p. 463), no entanto, este verbo tem como raiz رَضِيَ *raḍiwa* e segue o paradigma فَعِلَ *fa'ila*. Neste, a vogal breve da segunda radical influencia a semiconsoante subsequente, modificando-a para *yā'*, a partir daí, este verbo seguirá as regras flexionais do grupo a ele semelhante.

Desaconselha-se, então, o uso do termo “defectivo”, em português, para expressar esta classe de verbos árabes, uma vez que ambos os fatos gramaticais árabe e português não apresentam correspondência.

Os verbos defectivos da língua portuguesa são aqueles “a que faltam algumas formas do paradigma”, como afirma Azeredo (2010, p. 183). Segundo o mesmo autor, a defasagem formal é devida à ausência da forma de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o que acarreta a inexistência de todo o presente do subjuntivo. Em árabe, os verbos *nāqiṣ*, denominados de “defectivos” por alguns gramáticos não árabes, são aqueles que possuem as semiconsoantes *wāw* ou *yā'* como terceira radical. Estes verbos possuem o paradigma flexional completo.

É interessante notar a opção do gramático francês Périer (1911, p.68) para designar esses verbos, ele usa o vocábulo francês *défectueux*, que em a tradução literal significa “defeituoso”. Ele utiliza o termo *défectif* para indicar o verbo لَيْسَ *laysa* (“não ser/ não estar”) que de fato possui características defectivas, segundo a definição de

Azeredo (2010, p. 183), pois se conjuga apenas no “pretérito perfeito”, embora sua tradução corresponda ao presente do indicativo português.

Observa-se que os semas principais das definições terminológicas árabes e portuguesas são conflitantes, inviabilizando o termo “defectivo”. Propõe-se, assim, a fraseologia especializada **verbos com و *wāw* ou ي *yā'* como 3ª radical** para denominar os verbos da classe *nāqis*, mantendo-se o paralelo com os termos adotados nos outros dois casos para indicar as posições possíveis das semiconsoantes na raiz verbal.

1.2.4 لَفِيف مَقْرُون *lafīf maqrūn*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>lafīf maqrūn</i> لَفِيف مَقْرُون		Ø		Verbo com duas semiconsoantes consecutivas	
DT: “O <i>lafīf maqrūn</i> é aquele que contém duas semiconsoantes consecutivas.” ⁷⁰				TL⁷¹: 1. a. <i>Gathered, assembled. Mixed.</i> b. <i>Conected, joined, linked.</i> 2. a. <i>Mezclado, complicado.</i> b. <i>Unido, acoplado.</i>	
Ex.: <i>hawà/ lawà</i>				Fonte: 1. Wehr, 1976, p. 871/760. 2. Corriente, 1991, p. 694/621.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 196.					
Pt₁₇₇₄	Verbo de dous modos imperfeito junto Verbo envolto junto	Es₁₉₉₂	<i>Raíces doblemente peculiares</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Verb irrégulier dont lès deux letters se suivent comme ش و ى</i>
Pt₂₀₀₇	Dupla irregularidade	Fr₁₉₁₁	<i>Verbe a plusieurs irrégularités</i>	Dic₁₉₇₃	---
In₁₈₅₉	<i>Verbs that are doubly weak</i>	In₁₉₆₅	<i>Doubly weak verb</i>	Dic₁₉₈₃	---
In₂₀₀₅	<i>Doubly weak “Mixed” verb root</i>				

Os filólogos árabes denominam لَفِيف *lafīf* os verbos cuja raiz é composta pelas duas semiconsoantes *wāw* e *yā'* simultaneamente. Estes são segmentados em duas categorias, a primeira delas indica aqueles verbos em que as semiconsoantes são contíguas, ocupando os radicais medial e final, esta classe chama-se لَفِيف مَقْرُون *lafīf maqrūn*

⁷⁰ Tradução nossa de: "اللفيف المقرون: وهو الذي يكون فيه حرفا علة متتاليان." (*al-lafīf almaqrūn wahuwa alladī yakūnu fīhi ḥarfā ʿilla mutatalīāni.*)

⁷¹ Como o termo principal em questão é composto por dois vocábulos, decidiu-se subdividir os itens 1. e 2. (referente às fontes consultadas) em a. e b., a fim de indicar a significação de cada termo em particular. Esta metodologia será utilizada nos próximos termos compostos.

maqrūn. A segunda classe, denominada *lafīf mafrūq* لفيف مفروق, refere-se àqueles verbos cujas semiconsoantes são intercaladas por uma “consoante forte/ plena”, assim, o *wāw* e o *yā’* podem ocupar tanto a primeira quanto a terceira consoante radical⁷².

Haywood & Nahmad (1965, p. 250) afirmam que ambas as classes são de rara ocorrência, contudo, incluem verbos de uso corriqueiro, por isso seu estudo é pertinente.

É comum encontrar análises que incluam a consoante *hamza* no grupo das “letras fracas” e considerem os verbos que possuem o *wāw*, o *yā* e a *hamza* como “triplamente irregulares ou fracos”. Dos sete autores pesquisados, apenas dois, a saber, Abrantes (1774, p. 237) e Cowan (2007, p. 133) seguem a proposta tradicional árabe, considerando apenas as semiconsoantes como formadoras da classe *lafīf* لفيف.

Observa-se que não há um consenso entre os gramáticos não árabes estudados quanto à terminologia para designar especificamente o verbo *lafīf maqrūn*, apenas Abrantes (1774, p. 237) e Machuel (1908, p. 55) restringem os termos adotados, empregando, por exemplo, os vocábulos *junto* e *se suivent*⁷³. As referências terminológicas dos outros autores são genéricas, a diferenciação entre as duas classes se dá a partir da explicação e exemplificação dos verbos.

Os termos genéricos para as duas categorias do verbo *lafīf* adotados pelos autores abordados sugerem dois semas diferentes: a irregularidade verbal e a instabilidade de suas consoantes radicais. Viu-se acima que o termo *irregular* não expressa exatamente o que se passa com os verbos constituídos por semiconsoantes, pois estes seguem o modelo flexional próprio de seu grupo, em que as alterações morfológicas são previstas e determinadas pelo padrão vocálico do paradigma desejado.

O termo “fraco” origina-se na tradição gramatical árabe, que chama de “letras fracas” as vogais longas *’alif*, *wāw* e *yā’*. Denominar o verbo *lafīf* لفيف como “duplamente fraco” poderia ser uma solução em português, todavia é possível que este

⁷² Para uma explicação pormenorizada do funcionamento dos verbos *lafīf maqrūn* لفيف مقرون e *lafīf mafrūq* مفروق, vide Abrantes (1774, p. 237), Wright (1859, p. 91) e Périer (1911, 76).

⁷³ Lit. “se seguem”. (Côrrea, 1970, p. 560)

termo não evoque o significante árabe no leitor interessado de maneira imediata. Por isso que, para indicar o verbo لَفِيفٌ مَقْرُونٌ *lafīf maqrūn* em português, sugere-se a fraseologia **verbo com duas semiconsoantes consecutivas**, uma estrutura mais longa, no entanto, mais aparente.

1.2.5 لَفِيفٌ مَّفْرُوقٌ *lafīf mafrūq*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>lafīf mafrūq</i> لَفِيفٌ مَّفْرُوقٌ		Ø		Verbo com duas semiconsoantes intercaladas	
DT: “O <i>lafīf mafrūq</i> é aquele que contém duas semiconsoantes não consecutivas.” ⁷⁴				TL: 1. a. <i>Gathered, assembled. Mixed.</i> b. <i>Separated, divided.</i> 2. a. <i>Mezclado, complicado.</i> b. <i>separado, fendido, dividido.</i>	
Ex.: <i>wafā/ waqā</i>				Fonte: 1. Wehr, 1976, p. 871/708. 2. Corriente, 1991, p. 694/583.	
Fonte: Ad-dīn °Am °Alī, 2006, p. 196.					
Pt ₁₇₇₄	Verbo de dous modos imperfeito separado Verbo envolto separado	Es ₁₉₉₂	<i>Raíces doblemente peculiares</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Verb irrégulier, ayant um intervalle entre Le deux lettres, comme</i> وَشَى
Pt ₂₀₀₇	Dupla irregularidade	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbe a plusieurs irrégularités</i>	Dic ₁₉₇₃	---
In ₁₈₅₉	<i>Verbs that are doubly weak</i>	In ₁₉₆₅	<i>Doubly weak verb</i>	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	<i>Doubly weak</i> “Mixed” verb root				

A linha de raciocínio que rege a análise deste termo é a mesma seguida no termo *lafīf maqrūn* descrito anteriormente. Os lexemas árabes *maqrūn* (“ligado, unido”) e *mafrūq* (“separado, dividido”) qualificam o termo principal *lafīf* (mesclado, misturado), no qual as consoantes ditas *fortes* e as semiconsoantes estão presentes na raiz verbal, em posição consecutiva ou intercalada.

⁷⁴ Tradução nossa de: "الْفِيفُ الْمَفْرُوقُ: وهو الذي يكون فيه حرفا علة غير متتاليين." (*al-lafīf almafrūq wahuwa alladī yakūnu fihi ḥarfāʿilla ġayr mutataliyayni.*)

Igualmente ao termo discutido em 1.2.4, a maioria dos autores pesquisados não diferencia terminologicamente as categorias *maqrūn* e *mafrūq*, empregando um termo que sinalize a dupla irregularidade ou instabilidade da raiz. Apenas Abrantes (1774, p. 245) e Machuel (1908, p. 55) registram a diferença tipológica deste grupo.

Seguindo os mesmos argumentos usados no item anterior, sugere-se, então, a adoção da fraseologia **verbo com duas semiconsoantes intercaladas** para designar o verbo *lafīf mafrūq* em português.

Com o intuito de retomar a padronização em língua portuguesa das classes tipológicas das raízes verbais árabes, propõe-se a tabela 6:

Verbos Puramente Consonânticos	Verbos Consonânticos e Semiconsonânticos
Triconsonântico simples	Verbo com و ou ي como 1ª radical
Duplicado	Verbo com و ou ي como 2ª radical
“Hamzado”	Verbo com و ou ي como 3ª radical
	Verbo com duas semiconsoantes consecutivas
	Verbo com duas semiconsoantes intercaladas

Tabela 6: Tipologia das raízes verbais árabes

2. O tempo, o aspecto e o modo verbal árabe e português: um panorama

O verbo possui duas perspectivas, são elas, o fato e o tempo. (...) O que indica um fato completo e transcorrido num tempo anterior, é chamado de *الفعل الماضي* *alfi'l almāḍī*. O que indica um fato incompleto que ocorre no tempo atual ou ocorrerá no futuro, chama-se de *الفعل المضارع* *alfi'l almuḍāriʿ*. O que indica um pedido que acontecerá no futuro chama-se *فعل الأمر* *fi'l al'amr*. A referência temporal do verbo é o momento da enunciação, então o que se der antes será passado e depois indicará o futuro.⁷⁵ (Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p.142) (Tradução nossa)

Na descrição do verbo árabe proposta por Alḥatīb & Jaṭal (1992, p.142), observam-se as categorias de **tempo** (“tempo anterior”, “tempo atual” e “posterior ao momento da enunciação”), de **aspecto** (“fato completo” X “incompleto”) e de **modo** (“o que indica pedido”), categorias estas também presentes no sistema verbal português. Outra característica importante na delimitação do tempo em ambas as línguas é o momento da enunciação, isto é, a ocasião em que se dá o ato de fala ou de escrita (Azeredo, 2010, p. 353).

Castilho (2010, p. 418) confirma a proposição dos gramáticos supracitados e postula que o tempo é uma propriedade cuja interpretação deve ser remetida ao momento da enunciação. Ao tomar o sujeito enunciador como referencial, é possível entender as fatias de tempo passado, presente, futuro e representar a anterioridade, simultaneidade e a posterioridade do evento narrado.

Azeredo (2010, p. 353, 358) apresenta variáveis relevantes na compreensão das relações de tempo expressas nas sentenças em português, que também podem ser úteis na compreensão do conceito temporal das frases árabes. São elas:

⁷⁵ "يَدُلُّ الْفِعْلُ عَلَى أَمْرَيْنِ هُمَا الْحَدَثُ وَالزَّمَانُ، (...) مَا دَلَّ عَلَى حَدَثٍ تَمَّ، وَمَضَى زَمْنُهُ، وَيُسَمَّى: الْفِعْلُ الْمَاضِي. مَا دَلَّ عَلَى حَدَثٍ يَجْرِي فِي الزَّمَنِ الْحَاضِرِ أَوْ سَيَجْرِي فِي الْمُسْتَقْبَلِ، وَيُقَالُ لَهُ: الْفِعْلُ الْمُضَارِعُ. مَا دَلَّ عَلَى طَلَبِ عَمَلٍ، سَيَقَعُ فِي الْمُسْتَقْبَلِ، وَهُوَ فِعْلُ الْأَمْرِ. وَالْمِقْيَاسُ الزَّمَانِيُّ فِي دَلَالَةِ الْفِعْلِ هُوَ لَحْظَةُ التَّكَلُّمِ، فَمَا وَقَعَ قَبْلَهَا كَانَ مَاضِيًّا، وَمَا يَقَعُ بَعْدَهَا يُعَدُّ مُسْتَقْبَلًا."

(*yadullu alfi'l 'alā 'amrayn humā alḥadaṭ wazzamān, (...) mā dalla 'alā ḥadaṭ tamma, wamaḍā zamanahu yusamā: alfi'l almāḍī. mā dalla 'alā ḥadaṭ yajirī fīz-zaman 'aw sayajirī fīl-mustaqbal wa yuqāl lahu: alfi'l almuḍāriʿ. mā dalla 'alā ṭalbi 'amalin, sayaqā'u fīl-mustaqbali wa huwa fi'l al'amr. walmiqyās azzamaniyy fī dalālati alfi'l huwa laḥḍatu attakallumi, famā waqa'a qablaha kāna māḍīan, wa mā yaqa'u ba'daha yu'addu mustaqbalan*).

- a) O momento da enunciação;
- b) O ponto de referência, isto é, cada uma das etapas (presente, passado, futuro) nas quais se divide a linha do tempo e que ordena a temporalidade das ações expressas;
- c) A perfectividade (concluso) X imperfectividade (inconcluso) do processo denotado pelo verbo.

Tais variáveis são essenciais na delimitação exata do evento expresso na linha do tempo. O momento da enunciação pode coincidir ou não com o ponto de referência, como em:

(1) *ya'kulu Zaydu attufāhata.*

Zayd come a maçã.

O verbo *ya'kulu/ come* tanto em português como em árabe expressa um evento não concluído que está em processo no momento da enunciação, quando a situação de fala/escrita é simultânea à mensagem expressa pelo verbo.

(2) *sayadhabu Zaydu 'ilā almadrasati ġadan.*

Zayd irá à escola amanhã.

(3) *kataba Zaydu alwaḍifata.*

Zayd escreveu o dever.

Os verbos *sayadhabu/ irá* e *kataba/ escreveu* indicam que o momento da enunciação não coincide com o ponto de referência expresso pelos verbos. Em (2), o processo é posterior, indicando uma ação futura e, por isso, ainda inconclusa. Em (3) é anterior, referindo-se a um fato passado e totalmente concluído⁷⁶.

As noções de tempo, aspecto e modo configuram-se diferentemente nas línguas estudadas. Enquanto o português dispõe de um quadro flexional extenso e preciso para designar as diferentes noções de tempo passado, presente e futuro; o árabe, como outras

⁷⁶ “(...) não utilizamos as formas temporais unicamente para fixar cronologias dos estados de coisas, situando-nos num tempo real, mensurável pelo relógio (...) e, sim, igualmente, para deslocarmos livremente pela linha do tempo, de acordo com nossas necessidades expressivas, refugiando-nos num tempo imaginário, que escapa à medição cronológica, ou num domínio vago, genérico, impreciso, atemporal.” (Castilho, 2010, p. 432)

línguas semíticas, apresenta perspectiva temporal diversa e seu quadro flexional é reduzido, assim como não há significações temporais tão precisas, como nas línguas indoeuropeias (Haywood & Nahmad, 1965, p. 96), contudo, isso não quer dizer que não seja possível transpor, do português para o árabe, sentenças do tipo:

(4) O funcionário saíra do escritório, quando o chefe o chamou.

kana almūaddafu qad ġadara almaktaba ‘indama ṭalabahu ar-ra’iīs.

Embora não haja, em árabe, uma forma única correspondente para o tempo pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo português – *saíra*, utiliza-se a construção perifrástica (*kana* + o verbo principal no passado acabado) a fim de denotar um evento concluído e situado em um intervalo de tempo anterior ao ponto de referência passado. Assim, mesmo possuindo um quadro flexional limitado em relação ao português, a língua árabe dispõe de mecanismos que viabilizam expressar as mesmas noções de tempo, como ilustrado no exemplo (4).

Partindo do princípio de que o objetivo primordial desta pesquisa é auxiliar o leitor especializado **brasileiro** na compreensão dos termos gramaticais do verbo árabe e propor uma padronização destas terminologias, é nosso propósito tentar aproximar, ao máximo, o universo verbal árabe da realidade terminológica dos consulentes lusófonos. Antes, porém, faz-se necessário delimitar os conceitos de tempo, aspecto e modo verbal em ambas as línguas, a fim de verificar até que ponto é possível traçar correspondências e não incorrer em propostas incoerentes.

Lipiński (1997, p. 331), ao estudar comparativamente a gramática das línguas semíticas, comenta que os questionamentos levantados acerca dos verbos estão entre os mais complicados da linguística semítica e que a variada terminologia empregada nos estudos gramaticais não colabora para sua compreensão. O pesquisador critica o posicionamento de autores que chamam formas verbais correspondentes nas diferentes línguas semíticas de “subjuntivo”, “jussivo”, “coortativo”⁷⁷, “modal”. Acrescenta ainda que a tendência das análises linguísticas contemporâneas sobre o tempo indo-europeu pode levar a interpretações inadequadas de características básicas do sistema verbal

⁷⁷ Kelly (1998, p. 166) afirma que o modo coortativo é usado, na gramática do hebraico bíblico, para expressar desejo, intenção, autoencorajamento ou intenção do sujeito de realizar certa ação. O modo jussivo, tanto em hebraico quanto em árabe, é usado para expressar vontade, desejo ou ordem de quem fala. Segundo Dubois *et al.* (1973, p. 314 *apud* Moura (org.) 1999, p. 405) os elementos modalizadores são considerados os meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado, como, por exemplo, o verbo modal *dever* que exprime uma obrigação além da probabilidade.

semítico, como a distinção entre transitivo e intransitivo, ativo e estativo e o aspecto da ação semítica.

Ainda segundo Lipiński (1997, p. 332), a categoria gramatical do tempo semítico apresenta distinção apenas entre uma ação passada e outra futura. Esta distinção bipartida (passado/futuro) forma “um tipo de tempo” que indica a ordem relativa dos eventos, por exemplo, se algum evento já ocorreu antes do tempo real (ou fictício) da enunciação ou ainda não aconteceu. O autor afirma que a distinção bipartida é comum em um grande número de línguas e que a distinção tripartida entre o passado, o presente e o futuro não é uma característica universal das línguas naturais.

Para o pesquisador supracitado (1997, p. 332), a categoria gramatical do aspecto semítico indica a condição ou a situação das circunstâncias, se elas são permanentes, estáticas, completas ou incompletas.

A categoria de modo denota a maneira como uma ação ou um estado é expresso. Lipiński (1997, p. 333) observa que o modo dos verbos semíticos, chamados de “indicativo”, “subjuntivo”, “jussivo”, “enérgico” são meramente categorias morfossintáticas de coordenação e subordinação⁷⁸; marcadas ou não marcadas por sufixos. Essa diferenciação, em árabe, ocorre da seguinte forma: o modo “indicativo” é marcado pelo diacrítico *ḍamma* (-u) colocado sobre a última consoante radical do verbo, o “subjuntivo” pelo *fatḥa* (-a), o “jussivo” é a forma não marcada, uma vez que o diacrítico característico é o *sukūn* que indica ausência de vogal breve.

O mesmo autor (1997, p. 335) salienta que a categoria de tempo, no sentido próprio da palavra, está longe de ser comum a qualquer tipo do sistema verbal semítico, entretanto, utilizar a noção de tempo existente nas línguas europeias é a única forma de traduzir o aspecto semítico de maneira inteligível. O assim chamado “presente” ou “futuro” árabe é na realidade o aspecto imperfectivo, indicando basicamente que um processo ainda não alcançou sua completude no momento da enunciação. Este pode também indicar que uma atividade ainda está em progresso ou que um estado está sofrendo a influência de outra atividade ou de outro estado. Em português, podemos traduzi-lo, por exemplo, por presente do indicativo - simples e contínuo, mesmo que o português brasileiro não disponha de uma terminologia para o presente perifrástico/contínuo (Castilho, 2010, p. 431). O chamado “passado” indica o aspecto

⁷⁸ Em árabe, para que haja a flexão no modo subjuntivo e “jussivo”, é necessário que ao verbo *muḍāriʿ* sejam antepostas partículas específicas que modificam a significação indicativa, como se verificará mais adiante.

perfectivo, indicando que o evento já alcançou sua completude em um tempo anterior à situação de fala/escrita. Dependendo da construção – simples ou perifrástica – tem-se o pretérito perfeito ou mais-que-perfeito do indicativo, por exemplo.

A posição de Wright (1967 *apud* Ryding, 2005, p. 440) corrobora a argumentação acima ao propor que:

“O perfectivo ou o imperfectivo semítico, por si só, não faz referência às relações temporais do falante (pensador ou escritor) nem de outras ações apresentadas em justaposição a ele. São estas relações precisamente que determinarão em que esfera de tempo (passado, presente ou futuro) o perfectivo ou imperfectivo semítico ficará e por quais de nossos tempos será expresso – se pelo nosso passado, perfeito, mais-que-perfeito, ou futuro do pretérito; pelo nosso presente, imperfecto ou futuro⁷⁹.” – (Tradução nossa)

Ryding (2005, p. 440) cita que o Árabe Clássico, em teoria, era mais aspecto-específico do que tempo-específico, contudo, ao lidar com o Árabe Moderno Padrão, alguns linguístas e professores acreditam ser mais pragmático descrever os verbos árabes de acordo com as relações de tempo. Lipiński (1997, p. 346) ratifica esse argumento e acrescenta que a formação dos tempos nas línguas semíticas modernas desenvolveu-se em imitação ao sistema verbal indo-europeu. O autor afirma ainda que os tempos compostos são parcialmente baseados em formações arcaicas usadas para refletir aspectos particulares e não relações temporais.

A presente pesquisa posiciona-se na vertente tempo-específica, por considerá-la menos confusa aos aprendizes da língua árabe. Pretende-se, assim, evitar que um estudante, ao se deparar com o termo “imperfectivo”, se remeta imediatamente ao pretérito imperfecto da língua portuguesa e acredite que esta categoria árabe designa apenas ações ou estados continuados no passado, o que não reflete a realidade completa do *muḍāriʿ* árabe.

A configuração das categorias de tempo, aspecto e modo verbal em português é definida de maneira semelhante ao exposto na tradição gramatical árabe. Castilho (2010, p. 418) define o **tempo** como “uma propriedade da predicação cuja interpretação

⁷⁹ “A Semitic Perfect or Imperfect has, in and of itself, no reference to the temporal relations of the speaker (thinker or writer) and of other actions which are brought into juxtaposition with it. It is precisely these relations which determine in what sphere of time (past, present, or future) a Semitic Perfect or Imperfect lies, and by which of our tenses it is to be expressed – whether by our Past, Perfect, Pluperfect, or Future-perfect; by our Present, Imperfect, or Future.”

tem de ser remetida à situação de fala” e afirma que só se pode entender as fatias do tempo (passado, presente, futuro) tomando como referencial o sujeito falante.

Para este mesmo autor, a categoria de **aspecto** não depende, como o tempo, da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo, porém, é praticamente impossível descrever o tempo verbal sem considerar o aspecto simultaneamente. Mattoso Câmara (1981, p. 60) define o aspecto verbal como uma:

Propriedade que tem uma forma verbal, de designar a DURAÇÃO do processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante (ex.: em seu começo – incoativo; em seu curso e ainda inconcluso – imperfeito; em seu fim e já concluso – perfeito; concluso, mas permanente em seus efeitos – permansivo). O aspecto coexiste ao lado da categoria de tempo, constituindo com esta um sistema complexo de categorias verbais, em que, conforme a língua, predomina o aspecto ou o tempo⁸⁰.

O **modo** verbal representa, segundo Câmara (1981, p. 169), a “propriedade que tem a forma verbal de designar a nossa atitude psíquica em face do fato que exprimimos”. Na língua portuguesa, há três modos essenciais, a saber, o indicativo – em que um fato é assegurado; o subjuntivo⁸¹ – em que um fato é enunciado com dúvida ou desejo; imperativo – em que um fato é solicitado ou ordenado.

Os conceitos principais que nortearão esta seção podem ser assim resumidos, como expresso na tabela 7:

Tempo verbal:	Categoria que indica se o fato é anterior, simultâneo ou posterior ao momento da enunciação, tendo como referencial o sujeito enunciador.
Aspecto verbal:	Categoria que indica “a duração do processo verbal independente da época em que esse processo ocorre.” (Azeredo, 2010, p.206)
Modo verbal:	Categoria que indica “a atitude ou ponto de vista do enunciador em relação ao objeto de sua comunicação.” (Azeredo, 2010, p. 209)

Tabela 7: Conceitos de tempo, aspecto e modo verbal

⁸⁰ Mattoso Câmara (1981, p. 60) explica que os tempos latinos se distribuíam em dois grupos o *infectum*, correspondente ao aspecto imperfeito, e o *perfectum*, que correspondia ao aspecto perfectivo. Como o português e as outras línguas românicas descenderam do latim vulgar, não guardaram esse sistema. O resquício deste agrupamento se manteve na diferenciação entre o pretérito perfeito e imperfeito. Outras distinções aspectuais são expressas por meio de construções perifrásticas, como o verbo auxiliar *ter* conjugado no presente com um particípio passado invariável, que assinala um fato constante contínuo ou repetido (iterativo) até o momento atual.

⁸¹ Também referido por *conjuntivo* (Câmara, 1981, p. 169).

2. 1 *الفعل الماضي* - *alfi' al mādī*⁸²

Termo	Possível correspondência ₁ em Pt	Possível correspondência ₂ em Pt	Proposta de padronização:
<i>māḍin</i> ⁸³ ماضٍ	Perfectivo	Pretérito Perfeito do indicativo	Pretérito Perfeito
DT: “O que indica um fato completo e transcorrido num tempo anterior (...)” ⁸⁴	DT: “(…) representa-se uma ação pontual, acabada, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, tornando-se irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Temos aqui o <i>aspecto perfectivo</i> (...)”	DT: “Representa o fato como concluído e situa-se num intervalo de tempo anterior a um ponto de referência presente. (...) O pretérito perfeito é o tempo característico da narração de ações que compõem um episódio situado em época anterior ao momento da enunciação.”	TL: 1. <i>Pasado, pretérito, transcurrido. Perfectivo [gr.].</i> 2. <i>Passado, pregresso, decorrido. Pretérito Gram.</i>
EX.: <i>kataba/ qāma/ 'akala</i>	Ex.: encontrei/ absorveu/ amarraram	Ex.: morei/ voltaram/ chegou	Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 723. 2. Sabbagh, 2011, p. 585.
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 142.	Fonte: Castilho, 2010, p. 419.	Fonte: Azeredo, 2010, p. 359.	
Pt ₁₇₇₄ Pretérito	Es ₁₉₉₂ <i>Perfectivo</i>	Voc ₁₉₀₈ <i>Passé Prétérít</i>	
Pt ₂₀₀₇ Perfectivo	Fr ₁₉₁₁ <i>Parfait</i>	Dic ₁₉₇₃ <i>Past Preterite</i>	
In ₁₈₆₂ <i>Perfect</i>	In ₁₉₆₅ <i>Perfect</i>	Dic ₁₉₈₃ <i>Past</i>	
In ₂₀₀₅ <i>Past time</i>			

⁸² Serão considerados apenas os termos dos tempos simples, tanto dos verbos no *māḍin* quanto no *muḍāri'*. Para uma análise mais abrangente sobre a correspondência entre os tempos e aspectos verbais árabes e ingleses, ver Mohammad, 1982, p. 150 – 183.

⁸³ A palavra *māḍin* é classificada, de acordo com a teoria gramatical árabe, como *'ism manqūṣ*. Todos os vocábulos deste grupo possuem a particularidade de receberem um *yā'* final quando definidas pelo artigo *'al*. Quando aparecem indeterminadas, o mesmo *yā'* não é grafado, seu vestígio, porém, é o duplo *kassra* (-in) subscrito à última consoante radical. Por esse motivo, apresentam-se duas transliterações, na presente dissertação, para esse termo, uma indeterminada *māḍin*, e outra determinada *almāḍī*.

⁸⁴ Tradução nossa de: "ما دلّ عَلَى حَدِيثٍ تَامٍ وَمَضَى زَمَنُهُ (...)" (*mā dalla 'alà ḥadaṭin ṭammin wamaḍà zamanuhu* (...))

Na seção anterior, onde foram discutidos os conceitos acerca do tempo, aspecto e modo verbal em ambas as línguas, observou-se que, em árabe, a diferenciação entre tempos verbais não é tão específica e estreita assim como há em português. A teoria gramatical genuína árabe prioriza e distingue os verbos dois aspectos⁸⁵, perfectivo - *māḍin*, e imperfectivo - *muḍāriʿ*. Ao abranger este tema, os gramáticos não árabes optam, no entanto, ou por seguirem a tradição árabe e agruparem os verbos de acordo com os dois aspectos verbais, ou por reelaborarem esta visão e ajustarem os aspectos às diferentes noções de tempo presentes nas suas próprias línguas de chegada.

Na ficha terminológica acima, observa-se um posicionamento balanceado entre os autores pesquisados quanto à opção para designar o termo *māḍin*. Dos dez autores citados, cinco deles optaram por reafirmar a visão aspectual do verbo na terminologia adotada, são eles: Cowan (2007), Wright (1862), Corriente (1992), Périer (1911) e Haywood & Nahmad (1965). Já os outros cinco, o Frei Abrantes (1774), Ryding (2005), Machuel (1908), Cachia (1973) e Bakalla *et. al.* (1983) inovaram a terminologia quando propuseram termos voltados aos tempos e não aos aspectos verbais. É interessante notar que o panorama equiparado se dá até mesmo nas traduções literais transcritas, em que Corriente sugere a aceção gramatical “perfectivo” e Sabbagh opta por “pretérito”, veiculando a noção de tempo.

Verifica-se, contudo, que os gramáticos que optaram pela terminologia aspectual, são incoerentes na descrição dos fatos gramaticais. Embora Wright (1859, p. 46/1862, p. 1), Périer (1911, p. 16), Haywood & Nahmad (1965, p. 96) e Cowan (2007, p. 63) utilizem uma terminologia que prima pelo aspecto e não pelo tempo verbal, ao iniciarem sua explanação sobre o tema, afirmam que, em árabe, há dois “tempos verbais” e não aspectos. Observa-se o mesmo tratamento em estudos linguísticos recentes, como em Gomes (2011, p. 56), em que o autor explica os “tempos verbais árabes” utilizando uma terminologia aspecto-específico. Apenas Corriente (1992, p. 148) agrega ambas as categorias em uma só, chamando-as de “coordenadas aspecto-temporais”, dentro das quais tem lugar a predicação das formas verbais.

⁸⁵ É claro que a tradição clássica gramatical não emprega propriamente o termo “aspecto”, contudo a definição terminológica tanto do termo *māḍin* como do *muḍāriʿ* sugere uma noção aspecto-específica e não tempo-específica. Por essa razão, observa-se na literatura não árabe divergências na padronização desta terminologia, uns seguem as proposições árabes clássicas, outros as reinterpretam, aplicando os conceitos da linguística contemporânea.

Considerando-se as definições terminológicas do termo principal *māḍin* e suas possíveis correspondências em língua portuguesa, verifica-se que há semas presentes na DT árabe que convergem tanto para semas da possível correspondente₁ quanto da correspondente₂.

A DT árabe esclarece que o fato denotado pelo termo *māḍin* é de natureza completa, acabada. Este sema está presente também na definição terminológica do aspecto perfectivo português, que representa uma ação pontual, acabada. O segundo sema relevante é o “fato transcorrido em tempo anterior”. Isso quer dizer que o evento se deu completamente em um tempo passado. A definição terminológica do pretérito perfeito do indicativo abarca este sema da mesma forma. Tanto “perfectivo” quanto “pretérito perfeito do indicativo” são termos potenciais na tarefa de designar *māḍin* em português. Qual seria a melhor escolha para veicular os conceitos árabes originais e ao mesmo tempo ser aparente ao leitor especializado brasileiro?

Acredita-se que empregar o termo *pretérito perfeito*, omitindo a especificação de modo, seja a melhor para o consulente em questão, pelos seguintes motivos:

- 1- Trata-se de uma terminologia aparente a qualquer brasileiro escolarizado;
- 2- Este termo conjuga a categoria tempo passado – *pretérito*, e a categoria de aspecto concluído – *perfeito*;
- 3- Embora haja a distinção de modo verbal em árabe, assim como há em português, *māḍin* apresenta apenas o modo indicativo, logo não há a necessidade de demonstrar esse traço na terminologia;
- 4- A definição terminológica do *pretérito perfeito* (do indicativo) veicula o mesmo conteúdo da DT árabe.

Por isso, na presente dissertação, o termo *māḍin* será designado por **pretérito perfeito**.

الفعل المضارع – *alfi^{cl} almuḍāri^c*

A categoria aspectual árabe *muḍāri^c* designa ações ou estados incompletos, inacabados que ocorrem no tempo simultâneo à situação de fala/escrita ou ocorrerão em um futuro (próximo ou remoto). O *muḍāri^c*⁸⁶, sob determinadas condições morfosintáticas, sofre alteração significativa e passa a expressar, por exemplo, passado negativo, futuro, futuro negativo, imperativo, modificando o tempo, o aspecto e/ou o modo verbal. A tradição gramatical divide o *muḍāri^c* em quatro grupos, a saber,

المضارع *almuḍāri^c almanṣūb*, المضارع المنصوب *almuḍāri^c almarfū^c*, المضارع المرفوع *almuḍāri^c almanṣūb*, المضارع المجزوم *almuḍāri^c almajzūm*, المستقبل *almustaḡbal*, cada um destes com uma significação e uso diferenciados.

Nesta seção, todos esses termos serão contemplados e discutidos, porém, antes, julga-se necessário esclarecer o funcionamento de cada termo citado, mecanismo que auxiliará na justificativa da padronização em português.

O árabe é uma língua declinacional, em que há três declinações nominais, a saber, o caso nominativo, acusativo e genitivo. Sintaticamente, chama-se o caso nominativo de *almarfū^c* e este é marcado pelo diacrítico ضَمَّة *ḍamma*⁸⁷ (-u). O caso acusativo é chamado de *almanṣūb* e marcado pelo diacrítico فَتْحَة *fathā* (-a)⁸⁸. Os verbos *almuḍāri^c*, da mesma forma que os nomes, recebem os diacríticos *ḍamma* e *fathā* além do سُكُون *sukūn* para indicar os três diferentes modos verbais. Assim, o verbo com o diacrítico *ḍamma* grafado em sua última consoante radical, como em *ya'akulu* (ele come), será chamado na tradição de *almuḍāri^c almarfū^c*. O verbo com o diacrítico *fathā* grafado em sua última radical, como em *ya'akula* (que ele coma) será chamado de *almuḍāri^c almanṣūb*.

⁸⁶ O termo *muḍāri^c*, que significa literalmente “semelhante, similar”, foi proposto por Sībawayhi (Versteegh, 1997, p. 32) ainda no início da sistematização gramatical árabe, em fins do século VIII. Em seu tratado, Sībawayhi explica que os verbos *muḍāri^c* têm as mesmas terminações que os nomes, isto é, o autor sugere a semelhança entre os diacríticos marcadores do modo verbal e os dos casos nominais.

⁸⁷ Todo diacrítico marcador dos casos nominais e dos modos verbais estará posicionado na última consoante radical do lexema.

⁸⁸ Wright (1859, p. 58) afirma, em nota, que o *ḍamma* e o *fathā* do imperfectivo indicativo e do subjuntivo correspondem ao *ḍamma* e ao *fathā* dos casos nominais nominativo e acusativo, o que corrobora a proposição de Sībawayhi quanto à semelhança entre os verbos *muḍāri^c* e os nomes declinados.

Semanticamente, o verbo *almuḍāri^c almarfū^c* designa ações incompletas no momento da enunciação ou que estão em curso e se completarão posteriormente. Convencionou-se considerar este como o modo indicativo de ações ou estados expressos pelo verbo, uma vez que o enunciador assegura o fato narrado.

Quando a forma verbal *almuḍāri^c almarfū^c* for antecedida pelas partículas أَنْ *ʾan* (que), لِ *li*, لِكَيَّ *likay*, كَيَّ *kay* (para que/para); لِأَنَّ *liʾan* (porque); لَنْ *lan* (negativa de futuro); إِذَنْ *ʾiḏan* (então), haverá a mudança do diacrítico final de *ḍamma* (-u) para *fathā* (-a), assim como do ponto de vista do enunciador frente ao fato narrado, isto é, ocorre uma alteração do modo verbal, passando para o subjuntivo, chamado em árabe de *almuḍāri^c almanṣūb*, modo que expressa a dúvida ou o desejo frente a um fato ou estado citado.

Contrário ao que se possa imaginar, a forma verbal *almuḍāri^c almajzūm* não representa, sintaticamente, o caso genitivo⁸⁹. O termo *jazm⁹⁰*, que significa “apócope, avocálico, sem acento⁹¹” em árabe, refere-se à ausência da vogal breve final na última radical dos verbos. A ausência do marcador modal, ou seja, do *ḍamma* (-u) e do *fathā* (-a), é representada graficamente pelo *sukūn*.

Assim, quando a forma verbal *almuḍāri^c almarfū^c* for antecedida pelas partículas لَمْ *lam* (negativa de passado), لَمَّا *lamma* (absolutamente não), لَا *la* (proibitivo) ou لِ *li*⁹² (jussivo ou exortativo) a vogal marcadora final *ḍamma* (-u) é substituída pelo *sukūn*, passando a ser chamada de *almuḍāri^c almajzūm*. Corriente (1992, p. 158) afirma que, morfológicamente, esta forma verbal é mais simples do que as outras duas mencionadas anteriormente e que a ela falta um conteúdo semântico-sintático uniforme, pois, ao ser sempre requerida após uma das partículas supracitadas, ora designa negação, seja do passado ou da situação atual, ora indica uma mudança do modo verbal indicativo para o imperativo.

⁸⁹ O caso genitivo é designado pelo termo *almajrūr* e representado sintaticamente pelo *kasra* (-i).

⁹⁰ Termo principal de onde se deriva o termo *almajzum*, que significa “o apocopado”.

⁹¹ Sabbagh, 2010, p. 232.

⁹² Quando a partícula *li* for antecedida pelas conjunções *wa* (e) e *fa* (então, e) costuma perder sua vogal breve (-i), como, por exemplo, *li-yaktub* > *fa-l-yaktub*. Esta conjugação com tais usos é frequente com a 3ª pessoa, raro com a 1ª p. e raríssimo com a 2ª p. no lugar do imperativo. (Corriente, 1992, p. 158)

A última variação da forma verbal *almuḍāri^c almarfū^c* ocorre quando a ela for anteceder a partícula سَوْفَ *sawfa* ou o prefixo سَ *sa-*, como em *sawfa yaktubu* ou *sayaktubu* (ele escreverá). Note que não há alteração no marcador (-u) da última radical do verbo, que indica o modo verbal indicativo. O que importa, neste caso, são os morfemas [*sawfa*] e [*sa-*] indicadores do tempo futuro remoto e imediato, respectivamente, e que são antepostos ao verbo *almuḍāri^c almarfū^c*, passando a ser chamados pela teoria gramatical de *almustaqbal*.

3.1 المَصَارِعُ الْمَرْفُوعَة - *almuḍāri^c almarfū^c*

Termo		Possível correspondência ₁ em Pt		Possível correspondência ₂ em Pt		Possível correspondência ₃ em Pt		Proposta de padronização:	
مُضَارِع مَرْفُوع <i>muḍārīʿ marfūʿ</i>		Imperfectivo		Presente do indicativo		Futuro do presente do indicativo		Presente do indicativo	
DT: “O que indica um fato incompleto que ocorre no tempo atual ou ocorrerá no futuro (...).” ⁹³		DT: “(…) representa uma predicação que tem existência tão logo iniciada, dispensando seu desfecho (...).”		DT: “Representa o fato como não concluído, situando-o num intervalo de tempo do qual faz parte o próprio momento da enunciação.”		DT: “Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior ao presente (...) ou simultâneo ao momento da enunciação (...).”		TL: 1. a. Semejante, <i>similar</i> . <i>Imperfectivo</i> [gr.]. b. <i>Indicativo</i> . 2. a. Presente (verbo). b. Do sujeito <i>Gram.</i>	
EX.: <i>yaktubu/ yaqūmu/ yaʿkulu</i>		Ex.: arruma/ vivem dizendo/ pôs-se a cantar/ absorvia		Ex.: moramos/ volta/ vendo		Ex.: saberão/ pagaremos/ estará		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 458/303. 2. Sabbagh, 2011, p. 649/628.	
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 142.		Fonte: Castilho, 2010, p. 419.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 358.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 361.			
Pt ₁₇₇₄	Futuro	Es ₁₉₉₂	<i>Imperfectivo indicativo</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Aoriste⁹⁴ indicatif</i>				
Pt ₂₀₀₇	Imperfectivo Indicativo simples	Fr ₁₉₁₁	<i>Imparfait</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Aorist</i> <i>Imperfect</i>				
In ₁₈₅₉	<i>Imperfect indicative</i>	In ₁₉₆₅	<i>Imperfect indicative</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Present</i>				
In ₂₀₀₅	<i>Present tense</i>								

⁹³ Tradução nossa de: "مَا دَلَّ عَلَى حَدَثٍ يَجْرِي فِي الزَّمَنِ الْحَاضِرِ أَوْ سَيَجْرِي فِي الْمُسْتَقْبَلِ (…)" (*mā dalla ʿalā alḥadaṭi yajrī fī az-zamāni alḥāḍiri ʾaw sayajī fī almustaqbali (…)*)

⁹⁴ “Forma aspectual e temporal do verbo grego antigo, que preservava a ação pura, sem determinação quanto à duração do processo ou ação ou ao seu acabamento.” (Houaiss, 2007)

A definição terminológica árabe do termo *muḍāriʿ* é a mesma do termo *muḍāriʿ marfūʿ*, pois se considera este último a forma base para as alterações modais e temporais advindas da anteposição de partículas ou prefixos.

Observa-se que na DT árabe há três semas principais, a) “fato incompleto, inacabado”; b) “ocorre no tempo contemporâneo”; c) “ocorrerá no futuro”. Estes semas representam três ideias diferenciadas em português. Um fato ainda não concluído indica, na gramática portuguesa, o aspecto imperfectivo, que pode referir-se ao tempo passado - o pretérito imperfeito, por exemplo - ao tempo presente e ao tempo futuro. O segundo sema designa uma ação que ocorre (ou está em curso) no mesmo intervalo de tempo da enunciação, isto é o presente do indicativo português. O terceiro sema refere-se a uma ação futura, posterior à situação de fala/escrita, tem-se aí o futuro do presente indicativo. Como proceder mediante três correspondentes potenciais em português para designar um único termo árabe?

Da mesma forma como o termo *māḍīn*, analisado em 2.1, os autores pesquisados dividem-se entre uma terminologia que expresse o conceito aspectual ou o temporal. O panorama é, contudo, menos equilibrado. Dentre os termos apresentados, apenas 30% dos autores sugere que *muḍāriʿ* represente o conceito temporal e mesmo assim as propostas não são homogêneas.

Apesar de os gramáticos abordados descreverem o funcionamento desta categoria verbal como o tempo, a maioria dos autores propõe uma terminologia voltada ao aspecto do verbo. Machuel (1908) e Cachia (1973) propuseram “aoristo” para designar o *muḍāriʿ marfūʿ* árabe, termo pertencente à gramática grega antiga que possui o conveniente de expressar em um único lexema a forma aspectual e temporal do verbo grego, porém, esta terminologia grega é distante da realidade gramatical portuguesa como também opaca aos consulentes brasileiros.

Frei Abrantes (1774, p. 125) é o único arabista dentre os citados a lançar mão do termo “futuro” a fim de indicar a forma verbal *muḍāriʿ marfūʿ*, reiterando a tendência bipartida do tempo semítico, citada em Lipiński (1997, p. 332). O gramático português afirma que o termo “futuro” compreende o presente e o futuro do indicativo, prevenindo que para isto é preciso que os morfemas [*sawfa*] e [*sa-*] antecedam ao verbo. Isto quer dizer que a acepção de futuro está estritamente ligada aos morfemas citados e não à forma verbal independente. Considera-se uma opção inadequada aos leitores lusófonos, pois o termo principal *muḍāriʿ marfūʿ* apenas indicará o futuro se a ressalva acima for atendida.

Verificou-se que, mesmo os gramáticos que sugeriram a terminologia aspectual, consideraram sua tradução como presente (ou futuro, se precedido pelos morfemas citados) em suas línguas de chegada. Haywood & Nahmad (1965, p. 110), por exemplo, propõem o termo *imperfective indicative*, termo aspecto-modal, em seguida afirmam que este é mais frequentemente traduzido em inglês por presente e futuro. Périer (1911, p. 16), da mesma forma, atesta que o *imparfait* indica o presente e o futuro em francês.

Como ficou acordado acima, optou-se nesta dissertação por propor a terminologia dos verbos árabes de acordo com as relações de tempo, por considerá-la mais pragmática e aparente ao leitor especializado brasileiro, como também se trata de uma tentativa de evitar mal-entendidos conceituais que possam ser divergentes em árabe e português.

Desta forma, descarta-se o primeiro possível correspondente - “imperfectivo”, por considerar que os semas comuns existentes entre os termos “imperfectivo” e *muḍāriʿ marfūʿ*, imprescindíveis para a real compreensão do assunto, serão expostos e esclarecidos na medida em que o estudante aprofunde-se neste tema.

A terceira possível correspondência – “futuro do presente indicativo” também não representa um termo adequado em português, porque pode confundir o leitor/estudante, veiculando a ideia de que o *muḍāriʿ marfūʿ* designe estritamente o futuro, uma inverdade, uma vez que a acepção futura está atrelada à anteposição dos morfemas [*sawfa*] e [*sa-*]. A teoria gramatical árabe moderna chama de *mustaqbal* a significação futura do *muḍāriʿ marfūʿ*.

Sugere-se, então, que o **presente do indicativo** seja empregado na tarefa de designar o termo árabe *muḍāriʿ marfūʿ*. Acredita-se que a proposta expresse os semas principais da DT árabe, a saber, “fato incompleto, inacabado” e “ocorre no tempo contemporâneo (ao momento da enunciação)”, já que a acepção futura é representada por outro termo e será tratada na seção 4.

2.2 المَضَارِعُ الْمَنْصُوبُ – *almuḍāriʿ almanṣūb*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
مَضَارِعُ مَنْصُوبٍ <i>muḍāriʿ manṣūb</i>		Presente do subjuntivo		Subjuntivo	
DT: “O verbo no <i>presente do indicativo</i> passará a <i>muḍāriʿ manṣūb</i> quando vier após uma das <i>partículas de subjuntivo</i> , que são <i>ʿan</i> , <i>lan</i> , <i>kay</i> , <i>ʾiḍan</i> .” ⁹⁵		DT: “Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior ao presente.”		TL: 1. a. <i>Semejante, similar. Imperfectivo [gr.].b. En acusativo. Subjuntivo.</i> 2. a. Presente (verbo). b. Acusativo. Modo conjuntivo ⁹⁶ .	
Ex.: <i>ʿan yaktuba/ lan yaktuba/ kay yaktuba</i>		Ex.: Acretido que eles conheçam os donos da casa. Ela quer que nós a acompanhemos .		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 458/ 763. 2. Sabbagh, 2011, 649/ 689.	
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 145.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 364.			
Pt ₁₇₇₄	Subjuntivo Antithesis	Es ₁₉₉₂	<i>Imperfectivo subjuntivo</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Subjonctif [verbe]</i>
Pt ₂₀₀₇	Modo subjuntivo	Fr ₁₉₁₁	<i>Subjonctif</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Subjunctive</i>
In ₁₈₅₉	<i>Subjunctive</i>	In ₁₉₆₅	<i>Imperfect subjunctive</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Subjunctive mood</i>
In ₂₀₀₅	<i>Subjunctive</i>				

Ao observar a ficha terminológica acima, verifica-se que o termo árabe *muḍāriʿ manṣūb* possui uma abordagem já padronizada nas línguas em foco, pois todas consideram-no como a forma correspondente ao modo subjuntivo do verbo, no entanto, se as definições terminológicas forem levadas em conta, pode-se afirmar que não há semas aparentes em comum.

O aprofundamento no assunto tanto em árabe quanto em português, por sua vez, permite reconhecer características comuns que justifiquem a padronização do termo **subjuntivo**. Corriente (1992, p. 157) afirma que:

⁹⁵ Tradução nossa de: "يَنْصُبُ الْفِعْلُ الْمَضَارِعَ إِذَا جَاءَ بَعْدَ إِحْدَى الْأَحْرُفِ النَّاصِبَةِ وَهِيَ أَنْ، لَنْ، كَيْ، إِذَنْ" (*yanṣubu alfiʿl almuḍāriʿ ʾidā jā baʿda ʾiḥdā alʾalḥruf an-nāṣiba wa hiya ʿan, lan, kay, ʾiḍan.*)

⁹⁶ “O Subjuntivo ou CONJUNTIVO é o modo verbal destinado desde o indo-europeu a assinalar que o processo é apenas admitido em nosso espírito e, portanto, passível de dúvida, em oposição ao indicativo.” (Câmara, 1981, p. 225)

No aspecto imperfectivo, o verbo árabe distingue três modos, cujo uso depende em uns casos de conotações semântico-sintáticas (como o carácter da **oração subordinada** ou independente, o que respectivamente pode exigir a seleção do **subjuntivo** ou indicativo (...)⁹⁷ -(Tradução e grifos nossos)

O fato de a oração subordinada exigir a seleção do chamado modo subjuntivo árabe - *muḍāriʿ manṣūb*, é comum ao que acontece em português, como atestado por Bechara (1999, p. 280), uma vez que “modo subjuntivo ocorre normalmente (...) nas orações subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar”.

Como em português, o que determina a subordinação é a presença de conjunções subordinativas que conectarão as duas orações. Em árabe, o mesmo processo se dá, pois quando uma das partículas *ʿan* (que), *likay*, *kay*, *li* (para que/para), *liʿan* (porque), *ʿiḍan*⁹⁸ (então) antecede o verbo no presente do indicativo (termo proposto nesta dissertação), funcionará como conector entre as duas orações, como em:

(5) *ʿuridu ʿan ʿusāfira ʿilā aš-šarqi alʿawsaṭi*.

Quero viajar para o Oriente Médio. (= quero **que eu viaje**)

(6) *waṣlat almudarrisatu ʿilā almadrasati likay tudarrisa ṭulābiha*.

A professora chegou à escola **para que ensine** a seus alunos.

A máxima acima apenas não se aplica à partícula *lan*, porque não funciona como partícula subordinativa, por não conectar orações. Esta inicia as sentenças, imprime ao verbo a conotação negativa e transfere sua significação do presente indicativo para o futuro. Cowan (2007, p. 99) explica que a estrutura profunda da partícula *lan* é uma contração de *la yakūna ʿan* (“não é possível que seja”), o que justifica a inclusão desta partícula no grupo das subordinativas.

⁹⁷ “En el aspecto imperfectivo, el verbo árabe distingue tres modos, cuyo uso depende en unos casos de connotaciones semántico-sintáticas (como el carácter de la oración de subordinada o independiente, lo que respectivamente puede exigir la selección de subjuntivo o indicativo) (...)”

⁹⁸ Há na literatura outras partículas subordinativas possíveis, as citadas são pois as mais frequentes.

A marca sintática do modo subjuntivo árabe consiste na alteração do marcador de modo da última radical - o *ḍamma* indicativo passa a *fathā* subjuntivo⁹⁹, assim como ilustrado abaixo:

(7) *ʾusāfiru ʾilā aš-šarqi alʾawsaṭi baʿd šahraini.*

Viajo para o Oriente Médio em dois meses. (modo indicativo)

(8) *lan ʾusāfira ʾilā aš-šarqi alʾawsaṭi.*

Não viajarei para o Oriente Médio. (modo subjuntivo)

Preferiu-se apenas o termo **subjuntivo** ao presente do subjuntivo a fim de padronizar em português o termo *muḍāriʿ manṣūb*, devido à aceção de futuro negativo decorrente da partícula *lan*.

⁹⁹ Há cinco formas verbais do presente do indicativo que não possuem o *ḍamma* final indicativo, pois carregam em si além dos prefixos, sufixos indicadores da pessoa do discurso a que pertencem. São elas a 2ª p fem. sing., 2ª e 3ª p dual sing. e 2ª e 3ª p masc. pl. Quando a estas formas verbais forem antecedidas as partículas do subjuntivo ou as do modo apocopado (que será visto em seguida), haverá a apócope do *nūn* sufixal. Estas cinco formas verbais são chamadas na teoria árabe de *alʾafʿal alḥamsa*.

3.3 المضارع المجزوم – *almuḍāriʿ almajzūm*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
مضارع مجزوم <i>muḍāriʿ majzūm</i>		Imperativo		Apocopado	
DT: “O verbo no presente do indicativo passará a <i>muḍāriʿ majzūm</i> quando vier após uma das partículas que regem esta forma, são elas: <i>lam</i> , <i>lamma</i> , <i>li</i> (imperativo), <i>la</i> (proibitivo). ¹⁰⁰ ”		DT: “(…) o modo imperativo (…)		TL: 1. a. <i>Semejante, similar. Imperfectivo [gr.].b. Cortado. Marcado com jazm. Apocopado.</i> 2. a. Presente (verbo). b. Apocopado (verbo no imperativo ou no passado negativo).	
Ex.: <i>lam yaktub/ liyaqūm/ lamma ya’kul</i>		Ex.: “ Acorda , meu bem, acorda/ e ajuda o teu madrugar/ a mão do dia transborda/ de coisas para te dar”		Fonte: 1. Corriente, 1991, p. 458/ 112. 2. Sabbagh, 2011, p. 649/ 606.	
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 148.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 210.			
Pt ₁₇₇₄	Apócope	Es ₁₉₉₂	<i>Imperfectivo apocopado</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Conditionnel Aoriste apocopé</i>
Pt ₂₀₀₇	Modo jussivo	Fr ₁₉₁₁	<i>Conditionnel</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Apocopate Jussive</i>
In ₁₈₅₉	<i>Jussive</i>	In ₁₉₆₅	<i>Imperfect jussive</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Jussive mood</i>
In ₂₀₀₅	<i>Jussive</i>				

Considerando as definições terminológicas do termo árabe *muḍāriʿ majzūm* e do termo português “imperativo” há apenas um sema que sugere alguma identidade entre ambas, trata-se da acepção de imperativo determinada pela anteposição da partícula *li* ao verbo no presente do indicativo. Pode-se dizer que o *la* (proibitivo) também tangencie a significação imperativa, pois uma vez que se proíbe algo, ordena-se que tal ação não seja executada.

Três termos foram os escolhidos pelos autores em questão na tarefa de designar o termo árabe *muḍāriʿ majzūm*, são eles “apócope/apocopado”, “jussivo” e “condicional”.

¹⁰⁰ Tradução nossa de: “يُجْزَمُ الْفِعْلُ الْمُضَارِعُ إِذَا وَقَعَ بَعْدَ الْأَنْوَاتِ الْجَازِمَةِ وَهِيَ لَمْ، لَمَّا، لَامِ الْأَمْرِ وَلَا النَّاهِيَةِ.”: (yujzam alfiʿl almuḍāriʿ ‘idā waqʿa baʿda al’adawāt aljāzima wa hiya lam, lamma, lām al’amr wa lā an-nāhiya.)

O termo “condicional” traduz um uso raro da forma *muḍāriʿ majzūm* que são as construções condicionais. Segundo Cowan (2007, p. 103), o *muḍāriʿ majzūm* ou o pretérito perfeito será antecedido pelas partículas *ʾin* ou *ʾidā*, constituindo uma condição que pode ser cumprida:

- (9) *ʾin taḍrib tuḍrab. (muḍāriʿ majzūm)/ ʾin ḍarabta ḍuribta.* (pretérito perfeito)

Se golpeares, serás golpeado.

O termo “jussivo” está registrado no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2007) como “relativo ao modo imperativo”. Relaciona-se aos usos do *muḍāriʿ majzūm*, após as partículas *li* e *la*, indicando ordem/pedido e proibição, respectivamente. Os gramáticos árabes afirmam que esta é uma maneira mais educada para se ordenar ou pedir algo.

O termo “apocopado” refere-se não ao traço semântico deste modo, e sim à morfologia do marcador modal nos verbos. Quando um verbo no presente do indicativo, cuja marca modal é o *ḍamma*, for antecedido pelas partículas *lam*, *lamma*, *li*, *la*, este marcador modal sofrerá apócope¹⁰¹ e será substituído pelo diacrítico árabe *sukūn*, que indica ausência de um fonema vocálico. As pessoas do discurso, cuja última radical não termina em *ḍamma*, impossibilitando a substituição pelo *sukūn*, seguirão o descrito na nota 100.

Segundo Cowan (2007, p. 104), o uso mais frequente do modo *muḍāriʿ majzūm* ocorre quando esta forma é antecedida pelas partículas *lam* e *lamma*. A primeira nega o verbo e leva sua significação para o pretérito perfeito e a segunda equivale a “ainda ... não” ou “não ... ainda”.

- (10) *lam ʾafham kalāmahu.*

Não entendi as palavras dele.

- (11) *lamma yaḥham maʿnà ḥaḍihi alkalimati.*

Ele ainda não compreendeu o significado desta palavra.

¹⁰¹ “Desaparecimento de um fonema em fim de vocábulo.” (Câmara, 1981, p. 57)

Assim, propõe-se que seja adotado, em português, o termo **apocopado** para designar o modo verbal árabe *muḍāriʿ majzūm*, porque:

- 1) o termo “condicional” é pouco usado, não refletindo todas as possibilidades do modo verbal árabe;
- 2) o termo “jussivo” limita-se ao uso imperativo deste modo, excluindo seu uso mais frequente;
- 3) o termo “apocopado” reflete a característica principal dos verbos *muḍāriʿ majzūm*, isto é, ter sua vogal marcadora do modo apocopada e substituída pelo *sukūn*.

O termo **apocopado** pode até não ser um termo totalmente aparente ao leitor brasileiro distante dos estudos linguísticos, contudo, o fenômeno fonético da apócope está presente na gramática portuguesa e, por isso, registrado nos melhores dicionários de língua comum existentes hoje em dia.

3.4 الْمُسْتَقْبَل – *almustaqbal*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>mustaqbal</i> مُسْتَقْبَل		Futuro do presente		Futuro	
DT: “O tempo futuro é formado pela prefixação ou do morfema <i>sa-</i> ou da partícula <i>sawfa</i> ao verbo no tempo presente do indicativo.” ¹⁰²		DT: “Representa o fato como não concluído e o situa num intervalo de tempo posterior ao presente (...) ou simultâneo ao momento da enunciação (...)”.		TL: 1. <i>The future.</i> 2. Futuro, porvindouro.	
Ex.: <i>sayaktubu/ sawfa yaqūmu/ saya’kulu</i>		Ex.: saberão/ pagaremos/ estará		Fonte: 1. Wehr, 1976, p. 742. 2. Sabbagh, 2011, p. 636.	
Fonte: Ryding, 2005, p. 442. ¹⁰³		Fonte: Azeredo, 2010, p. 361.			
Pt ₁₇₇₄	Futuro	Es ₁₉₉₂	<i>Futuro</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Futur</i>
Pt ₂₀₀₇	Futuro	Fr ₁₉₁₁	<i>Futur</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Future</i>
In ₁₈₅₉	<i>Future</i>	In ₁₉₆₅	<i>Future</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Future</i>
In ₂₀₀₅	<i>Future tense</i>				

O que indica um fato incompleto que ocorre no tempo contemporâneo ou ocorrerá no futuro, chama-se de *alfi’l almuḍāri’c*. (Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p.142) - (Nossa tradução)

De acordo com a citação acima, verifica-se que tanto o presente do indicativo quanto o futuro pertencem ao aspecto imperfectivo árabe, informação determinante para a aproximação de ambas as definições terminológicas, que, a princípio, não compartilham nenhum sema.

De fato, o tempo futuro árabe deriva-se do presente, isto é, todas as formas verbais de ambos os tempos flexionam-se igualmente, a particularidade do futuro está na anteposição da partícula *sawfa* ou do prefixo *sa-*¹⁰⁴ ao verbo. Semanticamente, há uma diferença entre esses dois morfemas, a partícula *sawfa* indica um futuro mais

¹⁰² Tradução nossa de: “*The future is formed by prefixing either the morfeme sa- or the particle sawfa to the presente tense indicative verb.*”

¹⁰³ Não foi verificada uma definição terminológica para o termo *mustaqbal* nos manuais árabe-árabes consultados, uma vez que o mesmo deriva-se do verbo *muḍāri’c marfū’*. Por isso, citou-se aqui uma definição retirada de uma gramática árabe em língua inglesa.

¹⁰⁴ Os morfemas [*sawfa*] e [*sa-*] são denominados na tradição árabe pelo termo *ḥarf al’istqbāl* ou, literalmente, “partícula da espera”.

distante, mais remoto, enquanto o prefixo *sa-* refere-se ao futuro imediato. (El-Daḥdāḥ, 1997, p. 172)

Embora os gramáticos estudados não compartilhem da mesma visão quanto à descrição dos verbos segundo a noção aspectual ou temporal, como visto acima, todos concordam com o termo “futuro” para designar o termo árabe *mustaqbal*.

Assim, sugere-se que seja seguida a tendência dos autores pesquisados e adote-se o termo **futuro** a fim de expressar, em português, o termo árabe *mustaqbal*.

Considerando que a gramática portuguesa abarca diferentes nuances de tempo (pretérito, presente e futuro) para os modos indicativo e subjuntivo, e que, diferentemente, os modos subjuntivo e apocopado árabes não disponham de tantas variações temporais, não se verifica a necessidade de manter o sintagma adjetival “do presente” após o termo “futuro”.

4. فِعْلُ الْأَمْرِ – *fīʿl al'amr*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>fīʿl al'amr</i> فِعْلُ الْأَمْرِ		Imperativo		Imperativo	
DT: “O que indica um pedido que acontecerá no futuro chama-se <i>fīʿl al'amr</i> . ¹⁰⁵ ”		DT: “(…) o modo imperativo (...) se usa em frases com que o enunciador expressa uma ordem, uma exortação, um pedido.”		TL: 1. Imperativo (verbo). 2. <i>Imperativo [gr]</i> .	
Ex.: <i>'uktub/ qūm</i>		Ex.: “Penetra surdamente no reino das palavras.”		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 98; 2. Corriente, 1991, p. 20.	
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 142.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 210.			
Pt ₁₇₇₄	Imperativo	Es ₁₉₉₂	<i>Imperativo</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Impératif</i>
Pt ₂₀₀₇	Imperativo	Fr ₁₉₁₁	<i>Impératif</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Imperative</i>
In ₁₈₅₉	<i>Imperative</i>	In ₁₉₆₅	<i>Imperative</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Imperative</i>
In ₂₀₀₅	<i>Imperative</i>				

¹⁰⁵ Tradução nossa de: "مَا دَلَّ عَلَى طَلَبِ عَمَلٍ، سَيَقَعُ فِي الْمُسْتَقْبَلِ وَهُوَ فِعْلُ الْأَمْرِ." (*mā dalla ʿalā ṭalab ʿamal sayaqau fī almustaqbal wa huwa fīʿl al'amr.*)

Percebe-se, após análise da ficha terminológica acima, que a correspondência entre o modo verbal árabe *'amr* e o imperativo português é estritamente direta. Em ambas as línguas, há concordância entre o sema principal definidor deste modo: indicar um pedido/ordem. Por esse motivo, não se observam discordâncias entre os autores pesquisados, todos adotaram em suas línguas de chegada o mesmo termo correspondente.

Tal correspondência facilita a compreensão deste processo verbal pelo estudante estrangeiro, uma vez que é possível tecer comparações diretas com sua língua materna. Por isso, propõe-se que seja mantida a padronização do termo **imperativo** para designar o termo árabe *'amr*.

5. Os verbos *lāzim* e *muta^caddin*¹⁰⁶ e a transitividade verbal

Sempre se reconheceu a propriedade das classes predadoras (verbos, adjetivos, advérbios e preposições) de exigir/ demandar /articular / /subcategorizar determinados termos/ argumentos que lhes completem/ determinem/ especifiquem o sentido, constituindo juntamente com eles o predicado sentencial. (...) Denomina-se *transitividade* essa propriedade. (Castilho, 2010, p. 262)

Os termos *لازم* *lāzim* e *مُتَعَدٍّ* *muta^caddin* referem-se à transitividade verbal, ao menos num primeiro olhar. Lipiński (1997, p. 331) exorta que interpretações inadequadas de alguns autores levam à confusão de características básicas do sistema verbal semítico, como, por exemplo, o traço transitivo e intransitivo dos verbos, uma vez que não correspondem exatamente à realidade descrita nas línguas indo-europeias.

Na epígrafe acima, Castilho define a transitividade verbal como a capacidade do verbo de exigir determinado argumento que lhe complete a significação. Em português, este argumento (complemento/objeto) pode ser direto ou indireto (quando introduzido pela preposição “a”, segundo a classificação tradicional). Castilho defende ainda que a transitividade consista no “princípio da conexidade sintática, que faz da

¹⁰⁶ O termo *muta^caddin* pertence ao grupo do *'ism manqūṣ*, assim como o termo *māḍin*. Por esse motivo, apresentam-se duas transliterações para o termo, uma indeterminada *muta^caddin*, e a outra determinada *almuta^caddī*.

sequência de palavras uma sentença simples” (p. 328). Para ele, esta é uma propriedade da sentença e não do verbo que a constrói. Não haveria assim verbos exclusivamente transitivos ou intransitivos, seu uso na frase é que explicitaria a opção do falante. Os exemplos abaixo extraídos de Castilho (2010, p. 263) embasam sua argumentação:

(12) Vivo bem.

(13) Vivo uma vida boa.

No primeiro caso, o verbo “viver” é classificado como intransitivo, porque ele por si só constitui o predicado de uma oração (Azeredo, 2010, p. 213). Já no segundo uso, o falante selecionou um objeto direto para completar o sentido da predicação verbal.

Perini (2003, p. 162) rebate este tipo de proposição, dizendo que posicionamentos como o de Castilho têm como consequência o esvaziamento da noção de transitividade, que a tornaria supérflua. Suas críticas dão suporte a uma nova proposta de análise dos verbos que podem exigir, recusar ou aceitar livremente complemento¹⁰⁷.

Mattoso Câmara (1981, p.235) explica que o termo “transitivo”, dado a tais verbos em latim, decorreu da possibilidade destes poderem passar (lat. *transire*) para a voz passiva, numa transformação em que o objeto direto é feito sujeito paciente. Os verbos intransitivos já não admitem esta transformação. Embora o termo “transitividade” seja sinônimo de predicação completa, o conceito estrito latino é aplicado também à língua portuguesa.

De acordo com a descrição presente na teoria gramatical árabe acerca dos verbos *lāzim* e *mutaʿaddin*, verificam-se semelhanças estreitas assim como divergências fundamentais com relação ao princípio da transitividade verbal.

Os gramáticos árabes Alḥawṣ (1987, p. 164) e Almaʿrī (2002, p. 52) concordam que os verbos *lāzim* são aqueles que necessitam apenas do sujeito para que a predicação verbal seja completa, plena de significado. Por esta definição conclui-se que os referidos verbos correspondem aos “intransitivos” portugueses, porque sozinhos constituem o predicado da oração (Azeredo, 2010, p. 213).

¹⁰⁷ Embora enriquecedores, esses embates teóricos não constituem o escopo desta pesquisa. Para mais detalhes, ver Castilho (2010, p. 262), Perini (2003, p. 162) e Azeredo (2010, p. 212).

Frei Abrantes (1774, p.295) salienta que os verbos *lāzim*, ou intransitivos, não selecionam objeto, contudo, se a eles seguirem algum complemento, este será preposicionado. O que não quer dizer que tal complemento corresponda ao “objeto indireto” português. A gramática árabe classifica sua função simplesmente como sintagma preposicional¹⁰⁸, o conceito de “objeto indireto” assim como ocorre na língua portuguesa é inexistente na língua árabe.

Outra semelhança que ratifica a correspondência com o verbo intransitivo português é o fato de as orações constituídas pelo verbo *lāzim* não poderem ser transpostas para a voz passiva.

O termo *muta^caddin* designa aqueles verbos que exigem, além do sujeito, um complemento que especifique sua significação sentencial, assegurando uma comunicação satisfatória. O complemento destes verbos é chamado, na teoria gramatical, de مَفْعُولٌ بِهِ *maf^ul bihi*, e estará sempre no caso no acusativo.

O fato de o complemento do verbo árabe, *maf^ul bihi*, apresentar-se no caso acusativo constitui um forte indício para a correspondência com o “objeto direto” português, cuja função sintática descende do acusativo latino. Assim sendo, há a tendência entre os autores não árabes em denominar os verbos *muta^caddin* de verbos transitivos, no entanto, não há, em árabe, a oposição entre verbo transitivo direto e indireto, com seus respectivos objetos.

O verbo *muta^caddin*, assim como o transitivo direto português, é aquele que atende às exigências para a transformação da voz ativa para a passiva, em que o objeto direto passa a sujeito paciente da oração. A única diferença em ambas as línguas é que não é de interesse árabe recuperar o sujeito ativo por meio do agente da passiva, assim como ocorre em português.

¹⁰⁸ Os termos que designam preposição e sintagma nominal pós-preposição, em árabe, são *ḥarf jarr* e *’ism majrūr*, respectivamente.

5.1 الفِعْلُ اللازِم - *alfi' al-lāzim*¹⁰⁹

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>lāzim</i> لازم		Intransitivo		Intransitivo	
DT: “O verbo <i>lāzim</i> é aquele cujo sujeito é suficiente para completar o sentido da oração, não necessitando de <i>maf'ul bihi</i> . ¹¹⁰ ”		DT: “O verbo intransitivo típico é aquele que constitui por si só o predicado de uma oração. (...)”		TL: 1. Intransitivo (verbo). 2. <i>Intransitive</i> .	
Ex.: <i>ḍaḥika ar-rajulu.</i> (O homem sorriu.) <i>nāma aṭ-ṭiflu bākiran.</i> (A criança dormiu cedo.)		Ex.: O dinheiro sobrava . Seu filho nasceu . A mancha sumirá .		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 566. 2. Al-Mawrid, 1995, p. 910.	
Fonte: Almaṣārī, 2002, vol. 1, p. 52.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 213.			
Pt ₁₇₇₄	Intransitivo	Es ₁₉₉₂	---	Voc ₁₉₀₈	<i>Intransitif (verbe)</i>
Pt ₂₀₀₇	---	Fr ₁₉₁₁	<i>Intransitif</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Intransitive</i>
In ₁₈₅₉	<i>Intransitive</i>	In ₁₉₆₅	<i>Intransitive</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Intransitive verb</i>
In ₂₀₀₅	<i>Intransitive</i>				

Observou-se que a “transitividade verbal” em árabe não constitui um assunto deveras explorado e esmiuçado pelos estudiosos não árabes. Interessante notar que, até mesmo em livros didáticos e gramáticas árabe-árabe, o tema é abordado diferentemente, ou seja, quando o material é destinado a nativos, verifica-se a explanação plena desta característica verbal, ao passo que quando o foco é o ensino de árabe para estrangeiros a descrição é mais superficial, contando somente com a diferenciação básica e pertinente aos leitores alvo¹¹¹.

Os gramáticos estudados, com exceção de Abrantes e Pérrier, apenas mencionam os termos “intransitivo” e “transitivo” quando discutem a categoria dos verbos e/ou dos nomes flexionados em acusativo. Alguns deles tangenciam o tema, outros, por sua vez, omitem-no.

¹⁰⁹ O termo *lāzim*, que classifica os verbos com predicação completa, não deve ser confundido com a construção tipicamente coloquial *lāzim 'an* (“é preciso que...”). Este sintagma é formado pelo agentivo *lāzim* + partícula subjuntiva *'an* e admite a inserção de uma oração que complete seu significado.

¹¹⁰ Tradução nossa de: "الفِعْلُ اللازِمُ هُوَ الْفِعْلُ الَّذِي يَكْتَفِي بِالْفَاعِلِ لِيَتِمَّ مَعْنَى الْجُمْلَةِ وَلَا يَحْتَاجُ إِلَى مَفْعُولٍ بِهِ." (alfi' al-lāzim huwa alfi' allaḍi yaktafi bil-fā'il liyatamma ma'nā aljumla wa lā yaḥtāju 'lā maf'ul bihi.)

¹¹¹ Ver diferença na abordagem em Almaṣārī (2002, p. 52) e Alḥawṣ (1987, p.164).

Frei Abrantes (1774, p. 295) oferece uma descrição completa sobre o tema, tal como é encontrado nas gramáticas árabes para nativos. O arabista português trata do tema no capítulo reservado à “Regência dos verbos”. Neste, não há referência ao termo árabe genuíno, entretanto, pela definição apresentada para o “verbo intransitivo”, deduz-se que este se trata do verbo árabe *lāzim*.

Igualmente a Abrantes, Périer (1908, p. 199) reserva uma seção para discutir a regência dos verbos, em que trata do verbo designado por *intransitif*, no entanto, este autor restringe os verbos “intransitivos” como sendo aqueles que selecionam um complemento preposicionado. De fato, esta é uma possibilidade do verbo *lāzim*, porém não a sua essência. O sema principal deste verbo consiste em possuir uma predicação completa, juntamente com seu sujeito, assim como apresentado na DT árabe na ficha terminológica acima.

Wright (1859, p. 28) e Ryding (2005, p. 455/683) mencionam o termo “intransitivo” ao abordarem cada forma verbal derivada. Haywood & Nahmad (1965, p. 393) apresentam o termo *lāzim*, designando-o por “intransitivo” no capítulo reservado ao “Uso dos casos”. Nas três gramáticas supracitadas, não há maiores explicações e detalhamentos sobre o tema; evidenciam-se somente referências ao termo.

Em Corriente (1992) e Cowan (2007) não foi encontrada nenhuma citação ou referência ao termo árabe *lāzim*, nem ao possível termo correspondente “intransitivo”. Corriente (1992, p. 195) aproxima-se da DT árabe acima ao definir “o sintagma verbal simples” como uma flexão verbal finita no pretérito perfeito, presente do indicativo ou imperativo¹¹², como, por exemplo, a sentença imperativa *qul*, que significa “diga” e que possui predicação completa. Corriente (1992, p. 205) aborda os complementos preposicionados, contudo, não nomeia o tipo de verbo que seleciona tal complementação.

Ao analisar a ficha terminológica, verifica-se que, de fato, há correspondência entre os semas das definições terminológicas árabe e portuguesa. O sema principal que sinaliza a correspondência direta é não selecionar objeto que complete a predicação, o verbo por si só apresenta sentido completo.

Além disso, outra semelhança evidenciada entre o verbo árabe *lāzim* e o português “intransitivo” consiste na possibilidade de anexação de constituintes

¹¹² Os termos “pretérito perfeito”, “presente do indicativo” e “imperativo” não foram utilizados por Corriente (1992, p. 195) na citação original. Os termos originais foram substituídos pela terminologia proposta nesta pesquisa e já discutidas nas seções 2 a 4.

preposicionados à sentença que não alterem a classe sintática destes verbos (Azeredo, 2010, p. 213), como, por exemplo:

(14) Seu filho nasceu *no exterior*.

O sintagma preposicional em itálico indica o local do nascimento do menino sem alterar a transitividade o verbo **nascer**.

(15) *Marrartu* ***bi-ššāri*** (Andei pela rua.)

Da mesma forma como em português, o sintagma preposicional em itálico e negrito indica o local percorrido, e não altera a transitividade do verbo árabe **andar**. Além disso, como mencionado anteriormente, o verbo *lāzim* não admite transposição para a voz passiva árabe.

Por isso, sugere-se que seja seguida a tendência dos autores não árabes pesquisados e listados acima em designar o verbo árabe *lāzim* por **intransitivo** em português, pois foi verificada a correspondência direta entre ambos os termos e os processos que denotam.

5.2 الفِعْلُ الْمُتَعَدِّي - *alfi'el almuta'addī*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>muta'addīn</i> مُتَعَدِّ		Transitivo		Transitivo	
DT: “O verbo <i>muta'addī</i> é aquele cujo sujeito não é suficiente, necessita do <i>mafi'ul bihi</i> para completar o sentido da oração.” ¹¹³		DT: “Outros, ao contrário, requerem, para cabal integridade do predicado, a presença de um ou mais termos que lhes completem a compreensão. São os verbos <i>transitivos</i> .”		TL: 1. Transitivo (verbo). 2. <i>Transitivo</i> .	
Ex.: <i>ḥaṣada alfalāḥu az-zarā'a</i> . (O agricultor colheu a plantação.) <i>kataba alwaladu ar-risālata</i> . (O menino escreveu a carta.)		Ex.: Resumirei a história. Descasque o abacaxi. Não acredito em fantasmas.		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 596. 2. Corriente, 1991, p. 500.	
Fonte: Almārī, 2002, vol. 1, p. 52.		Fonte: Lima, 2002, p. 238.			
Pt ₁₇₇₄	Transitivo	Es ₁₉₉₂	<i>Transitivo</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Transitif (verbe)</i>
Pt ₂₀₀₇	Transitivo	Fr ₁₉₁₁	<i>Transitif</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Transitive</i>
In ₁₈₅₉	<i>Transitive</i>	In ₁₉₆₅	<i>Transitive</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Transitive verb</i>
In ₂₀₀₅	<i>Transitive</i>				

A ficha terminológica acima evidencia que o caráter transitivo do verbo árabe foi abordado por todos os autores pesquisados, mesmo que em graus diferenciados e sem mencionar o termo árabe *muta'addīn*, na maioria das vezes.

Abrantes (1774, p. 299) e Périer (1911, p. 197) detalham as nuances do verbo *muta'addīn*, assim como está presente nas gramáticas árabes para nativos. Frei Abrantes é ainda mais minucioso que Périer, destacando todos os usos possíveis dos verbos que selecionam argumento interno para complementar sua predicação.

Wright (1859, p. 28) menciona somente quais as formas verbais derivadas são transitivas, assim como faz no caso intransitivo. O motivo do autor não tocar na complementação verbal, aspecto indispensável da língua, justifica-se no prefácio da

¹¹³ Tradução nossa de: "الفِعْلُ الْمُتَعَدِّي هُوَ الْفِعْلُ الَّذِي لَا يَكْتَفِي بِالْفَاعِلِ، بَلْ يَحْتَاجُ إِلَى مَفْعُولٍ بِهِ لِيَتِمَّ مَعْنَاهُ." (*alfi'el almuta'addī huwa alfi'el alladī la yaktafi bil-fā'il bal yahtāju 'ilā maf'ul bihi liyatamma ma'anāhu*.) É interessante notar que o significado original do vocábulo é “transcender, exceder, passar além, ir além, passar por cima”.

gramática, onde explica que abordará apenas a ortografia e a morfologia árabe na presente obra, a sintaxe constitui o foco do número seguinte. Em seu volume II, Wright (1862, p. 31) retoma o assunto detalhadamente, apresenta a terminologia árabe e reafirma o termo *transitive verbs* para os verbos que regem seu complemento em acusativo.

Haywood & Nahmad (1965, p. 393) apresenta a terminologia árabe ao lado do termo inglês *transitive*, quando estuda os nomes acusativos, uma vez que o objeto direto do verbo *muta^caddin*, chamado pela teoria de *maf^ul bihi*, deve estar flexionado no caso acusativo, obrigatoriamente.

Corriente (1992, p. 197) cita os “verbos transitivos” no capítulo reservado ao que o autor chama de “extensões nominais do sintagma verbal”, onde tratará dos sintagmas nominais flexionados no caso acusativo. Não há menção ao termo original *muta^caddin*.

Ryding (2005, p. 172) aborda os “verbos transitivos” quando estuda o caso acusativo e ao detalhar as formas derivacionais das raízes verbais. A autora disponibiliza, ao final de sua gramática, um glossário de termos técnicos, onde há a referência ao verbo *muta^caddin*, traduzido por *transitive verb* (p. 683).

Cowan (2007, p. 94) emprega o termo “verbo simples transitivo” quando trata da forma passiva dos verbos no presente. O termo “transitivo” é mencionado novamente ao tratar das formas derivacionais verbais (p. 147).

Mesmo que Lipińsk (1997, p. 331) afirme que a transitividade verbal conhecida nas línguas indo-europeias não corresponda exatamente à realidade linguística semítica, todos os gramáticos e lexicógrafos investigados lançam mão do termo “transitivo” para designar a categoria dos verbos *muta^caddin*. Além deste fato, as definições terminológicas de ambas as línguas possuem semas concordantes, o que permite concluir que denotam processos linguísticos coincidentes, ou pelo menos, semelhantes.

Desta forma, propõe-se que seja seguida a padronização internacional e adote-se, em português, o termo **transitivo**¹¹⁴ para designar o verbo árabe em questão.

¹¹⁴ Tanto o verbo *muta^caddin* árabe quanto o transitivo português apresentam subdivisões não abordadas nesta pesquisa, pois foi seguida a orientação dos materiais didáticos árabes voltados para estrangeiros que apresentam apenas a segmentação básica entre os verbos *lāzim* – intransitivos e *muta^caddin* – transitivos.

6. A voz do verbo árabe e português: categorias correspondentes?

A voz verbal, em português, pode ser definida como sendo “a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico¹¹⁵ ao respectivo sujeito” (Azeredo, 2010, p. 270). Expressa-se por meio de recursos sintáticos que definem padrões formais determinados para o sintagma verbal. Qualquer verbo está propenso a variações morfológicas e flexionais, contudo, distinções de voz é caráter privativo dos verbos transitivos diretos.

Distinguem-se três vozes verbais na língua portuguesa, a ativa, a passiva e a reflexiva. A tradição gramatical propõe que, na voz ativa, o verbo atribua ao sujeito o papel de /agente/ e ao objeto direto o papel de /paciente/:

(16) A menina comeu um pedaço de bolo.

Mattoso Câmara (1981, p. 244) explica que a denominação “ativa” é decorrente do tratamento dado ao verbo, ou seja, quando este é considerado uma ação, uma atividade de determinado ser sujeito de quem parte o processo verbal.

Azeredo (2010, p. 270) acrescenta que a voz ativa é comum aos verbos transitivos e intransitivos e que o papel de /agente/ atribuído ao sujeito é apenas um dentre os possíveis. A voz ativa é expressa formalmente por um sintagma verbal simples, assim como não há um recurso gramatical particular que a determine, por isso, é considerada como a “forma não marcada do sistema de vozes”.

O verbo passivo, ao contrário do ativo, atribui ao sujeito o papel de /paciente/ e ao complemento direto o papel de /agente/. Em outras palavras, esta é a forma explícita de se atribuir ao paciente da ação verbal o papel de sujeito da oração (Azeredo, 2010, p. 273).

(17) As roseiras são podadas pelo jardineiro.

¹¹⁵ Castilho (2010, p. 253) assim define os papéis temáticos (ou semânticos): “são traços semânticos atribuídos por um predador ao seu escopo”. Segundo o autor, os papéis temáticos dispõem de uma base cognitiva universal, diferindo das categorias estritamente sintáticas que possuem particularidades nas diferentes línguas naturais. Não há, também, uma correspondência biunívoca entre as funções sintáticas de sujeito, complemento e adjunto e os papéis semânticos de agente, beneficiário, passivo, entre outros que lhes são atribuídos. Para maiores detalhes, ver Castilho (2010, p. 253-258).

A voz passiva, própria dos verbos transitivos diretos, é formalmente marcada pelo verbo auxiliar *ser* seguido do *particípio* do verbo principal; esta, portanto, constitui a formação passiva padrão¹¹⁶.

O mesmo conteúdo objetivo expresso pela voz passiva pode ser veiculado por meio de sua forma ativa correspondente:

(18) O jardineiro poda as roseiras.

Perini (2003, p. 218) alerta para o fato de que esta correspondência é parcial, pois apesar de toda passiva possuir uma ativa correspondente, a recíproca não é verdadeira, uma vez que há verbos que não admitem o traço de passividade, como o verbo *ter*, típico de construções ativas¹¹⁷.

Azeredo (2010, p. 274) ensina que se as sentenças (17) e (18) forem comparadas fora de contexto, estas podem ser consideradas formas diferentes para o mesmo significante, todavia, há motivações discursivas ou pragmáticas que selecionam uma ou outra forma. A construção passiva possui a particularidade de realçar o paciente e permitir a omissão do real agente da ação verbal, como em:

(19) As roseiras são podadas.

(20) Podam-se as roseiras.

Na frase (20), chamada de passiva sintética ou pronominal (Azeredo, 2010, p. 274), o agente do processo verbal encontra-se obrigatoriamente indeterminado, isto é, trata-se de uma estratégia sintática de indeterminação do sujeito /agente/, pois o item “roseiras” é considerado o sujeito sentencial /paciente/. Certos linguístas prevêm a estrutura ativa “poda-se roseiras”, em que o constituinte “roseiras” é classificado como objeto direto e o sujeito sentencial /agente/ encontra-se indeterminado.

No terceiro tipo, a voz reflexiva, o verbo atribui ao sujeito o papel de /agente/ e /paciente/, simultaneamente:

(21) A menina enfeitou-se para a festa.

¹¹⁶ Castilho (2010, p. 436) distingue entre a voz passiva típica (ou padrão) e resultativa, formada pelo verbo *estar* + *particípio do verbo principal*. Segundo o mesmo autor (p. 437), a forma passiva resultativa é mais frequente em narrativas, textos de instrução e em outras situações em que se precise tirar consequências de um estado de coisas anterior.

¹¹⁷ Se excluído seu emprego no sentido de “considerar”, como, por exemplo, *ele é tido por louco*.

Nesta, o sujeito e o objeto são correferenciais (Castilho, 2010, p. 437), em que “menina” e “se” referem-se ao mesmo indivíduo. A voz reflexiva é característica dos verbos transitivos direto, assim como a voz passiva.

Considerações minuciosas acerca das vozes do verbo português podem ser encontradas em qualquer gramática da língua, recomenda-se a verificação em Castilho (2010), Azeredo (2010), Perini (2003) por disponibilizarem ao leitor uma visão que, embora perpassasse as proposições normativas, descreve o português brasileiro sob o prisma das análises linguísticas contemporâneas.

Passa-se agora à gramática árabe, com o intuito de investigar se esta língua apresenta distinções de voz, assim como as línguas indo-europeias, que possibilitem estabelecer uma correspondência direta com os verbos ativos e passivos portugueses.

Quanto à relação entre o predicado e o sujeito sentencial, a teoria gramatical segmenta os verbos em المبنى للمعلوم *almabnī lil-maʿlūm* e المبنى للمجهول *almabnī lil-majhūl*. Estes termos podem ser traduzidos, de modo literal, por “o construído para o conhecido” e “o construído para o ignorado”, respectivamente.

O primeiro termo refere-se àquelas construções em que o sujeito agente aparece explícito, determinado, ou seja, é conhecido tanto pelo falante quanto por seu interlocutor.

(22) *kasara aš-šubāka.*
Ele quebrou a janela.

(23) *mašāt albintu fīl-ḥadīqati.*
A menina caminhou pelo jardim.

Observa-se que o sujeito é conhecido e determinado em ambas as sentenças acima, mesmo que em (22) sua posição não esteja sintaticamente preenchida em árabe, pode ser recuperada no pronome chamado “oculto”¹¹⁸, diferentemente de (23), em que o item “menina” representa o sujeito sentencial.

Orações deste tipo são denominadas em árabe de *almabnī lil-maʿlūm*. Pode-se afirmar que esta classe represente a forma não marcada, uma vez que abarca todas as orações em que o sujeito sentencial é semanticamente conhecido pelo falante e por seu

¹¹⁸ Conhecido, em árabe, pelo termo ضمير مُستتر *damīr mustatir*, “pronome oculto”, é depreendido por meio da flexão verbal e não por um lexema explícito na frase.

interlocutor. Assim como a forma ativa portuguesa, que inclui tanto os verbos transitivos quanto os intransitivos, a construção sentencial árabe *almabnī lil-maʿlūm* abrange tanto os verbos *lāzim* – intransitivos (23) como *mutaʿadin* – transitivos (22).

O segundo termo indica aquelas sentenças onde o sujeito agente não é expresso, é ignorado, consciente ou inconscientemente. Quando um falante árabe utiliza a construção *almabnī lil-majhūl*, ou ele não sabe quem praticou a ação expressa pelo verbo ou não é de seu interesse comunicá-lo. Se o agente da oração for mencionado, a construção *almabnī lil-maʿlūm* deve ser usada (Cowan, 2007, p. 67). Não se observa correspondência semântica entre sentenças *almabnī lil-maʿlūm* e *almabnī lil-majhūl*, ao contrário do que o ocorre em português, em que uma oração passiva possui sua correspondente ativa, comunicando o mesmo conteúdo objetivo (Azeredo, 2010, p. 274).

Em português, é possível afirmar que as orações abaixo (24) e (25) veiculam o mesmo conteúdo, ainda que a escolha por uma ou outra tenha motivações discursivas ou pragmáticas específicas. O mesmo não pode ser dito das orações árabes (26) e (27), pois na última não há menção quanto ao sujeito /agente/ da ação verbal de escrever. Tem-se aí uma indeterminação do sujeito.

(24) O escritor famoso escreveu este livro.

(25) Este livro foi escrito pelo escritor famoso.

(26) *kataba alkātibu almašhūru haḍā alkitaba*. (igual a 24)

(27) *kutiba haḍā alkitabu*. (Escreveu-se este livro./ Este livro foi escrito.)

É importante citar que apenas as orações que possuem verbo transitivo podem ser transpostas da forma *almabnī lil-maʿlūm* para a *almabnī lil-majhūl*. Esta exigência também é vigente na língua portuguesa, quando da transformação da voz ativa para a passiva, esta característica é uma das motivações para que os gramáticos não árabes designem estas formas pela terminologia “ativa” e “passiva”.

No entanto, Corriente (1992, p. 162) critica os gramáticos não árabes que costumam utilizar os termos “voz ativa e passiva” em suas línguas. Segundo o autor, esta terminologia possui o inconveniente de coincidir apenas parcialmente com o conteúdo semântico dos termos *almabnī lil-maʿlūm* e *almabnī lil-majhūl*, por esse motivo que a opção terminológica do gramático espanhol foi a única que destoou das outras presentes na ficha que será analisada em seguida.

Morfologicamente, o verbo *almabnī lil-maʿlūm* difere do *almabnī lil-majhūl* somente pelo paradigma vocálico, tanto do presente do indicativo¹¹⁹ quanto do pretérito perfeito.

Considerando os pontos acima apresentados, destacam-se as seguintes características, formalizadas na tabela 8, que visam auxiliar a designação destes dois termos árabes em português:

	Português		Árabe	
	Voz ativa	Voz passiva	<i>almabnī lil-maʿlūm</i>	<i>almabnī lil-majhūl</i>
Semelhança	Forma não marcada	Verbos transitivos direto	Forma não marcada	Verbos transitivos
Diferença	Sujeito /agente/	Sujeito /paciente/	O sujeito é conhecido, determinado. Pode ser /agente/ ou /paciente/	Sujeito ignorado, indeterminado. Sujeito /paciente/

Tabela 8: Semelhanças e diferenças entre a voz ativa/ passiva árabe e portuguesa

¹¹⁹ A construção do verbo *almabnī lil-majhūl*, no presente, é feita colocando o *ḍamma* na primeira consoante radical e o *fatḥa* na penúltima, como, por exemplo, *yuktabu* (“é escrito”). E no pretérito perfeito, basta colocar o *ḍamma* na primeira consoante radical e o *kasra* na penúltima, como em *kutiba* (“foi escrito”).

6.1 الفِعْلُ الْمَبْنِي لِلْمَعْلُوم – *alfi^{cl} almabnī lil-ma^{cl}lūm*

Termo		Possível correspondência em Pt	Proposta de padronização	
الْمَبْنِي لِلْمَعْلُوم <i>almabnī lil-ma^{cl}lūm</i>		Voz ativa	Voz ativa	
DT: “O verbo <i>almabnī lil-ma^{cl}lūm</i> é aquele cujo sujeito é conhecido.” ¹²⁰		DT: “Costuma-se dizer que na voz ativa o sujeito pratica a ação, é o agente.”	TL¹²¹: 1. Sabido. Ativo (verbo). 2. Conocido, determinado. Activo, agentivo [gr].	
Ex.: <i>kasara alwaladu aš-šubāka.</i> (O menino quebrou a janela.)		Ex.: Laura penteia Clarisse. O menino quebrou a janela.	Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 569. 2. Corriente, 1991, p. 531.	
Fonte: Almarī, 2002, vol. 1, p. 55.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 270.		
Pt₁₇₇₄	Activo	Es₁₉₉₂	<i>Agentivo</i>	Voc₁₉₀₈ <i>Voix active</i>
Pt₂₀₀₇	Ativo	Fr₁₉₁₁	<i>Actif</i>	Dic₁₉₇₃ <i>Active voice</i>
In₁₈₅₉	<i>Active</i>	In₁₉₆₅	<i>Active</i>	Dic₁₉₈₃ <i>Active voice</i>
In₂₀₀₅	<i>Active</i>			

A ficha terminológica acima mostra que houve consenso quanto à padronização do termo *almabnī lil-ma^{cl}lūm*, uma vez que a maioria dos autores não árabes pesquisados tenha adotado como correspondente o termo “voz ativa”. A exceção foi o gramático espanhol Corriente que preferiu *agentivo* à “voz ativa” para designar o termo em estudo, justificando que tanto o termo “voz ativa” quanto “voz passiva” coincide apenas parcialmente com o conteúdo semântico dos verbos *almabnī lil-ma^{cl}lūm* e *almabnī lil-majhūl* (Corriente, 1992, p. 162).

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2007), “agentivo” apresenta duas acepções linguísticas. Na primeira é tido como “relativo a agente”, na segunda, reflete o “caso ou declinação que exprime o agente (aquele que pratica a ação)”. Já a DT do termo árabe em análise define-o como “aquele cujo sujeito é conhecido” e não aquele

¹²⁰ Tradução nossa de: "العفل المبني للمعلوم هو الذي يُعْرَفُ فاعله." (*alfi^{cl} almabnī lil-ma^{cl}lūm huwa allaḍi yu^{cl}rafu fā'iluhu.*)

¹²¹ O lexema المبني, presente em ambos os termos, significa exatamente “o construído”, como já foi traduzido anteriormente, não foi incluído neste campo da ficha.

cujo sujeito é o agente da ação expressa pelo verbo, definição correspondente à voz ativa portuguesa.

Observe as sentenças abaixo:

(28) *la'iba al'awlādu kurata-l-qadami.*

Os meninos jogaram bola.

(29) *infataḥa albābu.*

A porta abriu-se.

Ambos os verbos acima são tratados, em árabe, como *almabnī lil-ma'ālūm*, tanto o padrão vocálico dos verbos *la'iba* (“jogar”) e *infataḥa* (“abrir-se”) quanto o sujeito sentencial presente e conhecido confirmam esta informação. Em (28), o sujeito “os meninos” efetivamente corresponde ao /agente/ do verbo “jogar”, porém em (29), não se pode afirmar que “a porta” seja apenas o /agente/ da ação “abrir-se” e sim seu /agente/ e /paciente/, isto porque o verbo *infataḥa* pertence à forma derivacional VII que denota o conceito reflexivo-passivo (Gomes, 2011, p. 66).

Para o processo verbal *almabnī lil-ma'ālūm*, o que importa é que o sujeito sentencial seja conhecido e determinado pelo falante e por seu interlocutor, sendo ele agente da ação verbal, como ocorre na voz ativa portuguesa e encontra-se ilustrado em (28), ou não, como presente no exemplo (29) onde o sujeito “porta” não representa apenas o agente da ação “abrir”.

Retorna-se, portanto, ao termo adotado pelos outros autores, considerando a já mencionada explicação de Câmara (1981, p. 244). Este afirma que o verbo chamado de “ativo” é tido como uma ação, uma atividade de determinado ser. Esta explicação para os verbos ativos portugueses coincide com os verbos *almabnī lil-ma'ālūm*, que, embora possam denotar conceito reflexivo-passivo, informam uma ação.

Por isso, propõe-se que seja adotada, em língua portuguesa, a terminologia **voz ativa** para designar o termo árabe *almabnī lil-ma'ālūm*.

6.2 الفِعْلُ الْمَبْنِي لِلْمَجْهُول – *alfi'el almabnī lil-majhūl*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
الْمَبْنِي لِلْمَجْهُول <i>almabnī lil-majhūl</i>		Voz passiva		Voz passiva	
DT: “O verbo <i>almabnī lil-majhūl</i> é aquele cujo sujeito não é conhecido.” ¹²²		DT: “Por sua vez, a voz passiva se caracteriza formalmente pela presença do verbo auxiliar <i>ser</i> seguido de <i>participio</i> e semanticamente por atribuir ao sujeito, regularmente, o papel de paciente ou ser afetado pelo processo que o verbo exprime; (...).”		TL: 1. Ignorado, desconhecido, anônimo. Verbo passivo <i>Gram.</i> 2. <i>Desconocido. Voz passiva [gr].</i>	
Ex.: <i>kusira aš-šubāku.</i> (A janela foi quebrada.)		Ex.: Clarisse é penteada por Laura.		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 608. 2. Corriente, 1991, p. 131.	
Fonte: Almārī, 2002, vol. 1, p. 55.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 271.			
Pt₁₇₇₄	Passivo	Es₁₉₉₂	<i>Voz no-agentiva</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Passif</i>
Pt₂₀₀₇	Passivo	Fr₁₉₁₁	<i>Passif</i>	Dic₁₉₇₃	<i>Passive voice</i>
In₁₈₅₉	<i>Passive</i>	In₁₉₆₅	<i>Passive</i>	Dic₁₉₈₃	<i>Passive voice</i>
In₂₀₀₅	<i>Passive</i>				

Se a análise deste termo árabe fosse iniciada pelas definições terminológicas apresentadas, poderia ser declarado que os termos *almabnī lil-majhūl* e “voz passiva” não representam processos linguísticos correspondentes, no entanto, esta discussão ultrapassa o conteúdo das definições na busca de indícios que justifiquem o porquê que nove entre dez autores pesquisados utilizaram o termo “passivo” a fim de designar os verbos *almabnī lil-majhūl*.

Verificou-se que a tendência em relacionar verbos *almabnī lil-majhūl* com a voz passiva das línguas indo-europeias remonta, pelo menos, ao século XVIII, quando a primeira gramática árabe em português foi escrita em (1774). Frei Abrantes (1774, p. 162) não tece grandes considerações acerca desta estrutura, demonstra apenas como se

¹²² Tradução nossa de: "العفل المبني للمجهول هو الذي لا يُعرفُ فاعله." (*alfi'el almabnī lil-majhūl huwa alladī lā yu'rafu fā'iluhu.*)

dá a alteração flexional da forma ativa para passiva, assim como determina quais os tempos e os modos que se adaptam a tal construção.

Wright (1859, p. 45) enumera quatro situações que seleccionam o uso do verbo *almabnī lil-majhūl*, são elas:

- a) Quando Deus ou algum ser superior é indicado como autor do ato;
- b) Quando o sujeito agente é ignorado ou não conhecido ao certo;
- c) Quando o enunciador não deseja nomeá-lo;
- d) Quando a atenção do interlocutor está mais direcionada à pessoa afetada (paciente) pelo fato do que no agente da ação.

Soma-se aos usos anteriores uma quinta possibilidade, citada por Corriente (1992, p. 163) e por Haywood & Nahmad (1965, p. 144), trata-se das sentenças impessoais, como os verbos *yuqālu* (“diz-se”), *dukira* (“mencionou-se”).

Das cinco possibilidades de uso descritas acima, verifica-se que, com exceção da primeira, o denominador comum é a omissão do agente da ação. A teoria gramatical árabe prescreve o uso da forma *almabnī lil-majhūl* quando não se sabe ou não é de interesse citar o agente da ação verbal. Quando o mesmo é mencionado, “não se pode usar a voz passiva” (Cowan, 2007, p. 67), prefere-se, então, a forma ativa do verbo. Por esse motivo, Périer (1911, p. 201) afirma que a estrutura *almabnī lil-majhūl* é pouco usada em árabe. Em português, a voz passiva abre o precedente para a omissão do sujeito /agente/, uma vez que a voz passiva “aparece quando se deseja ressaltar o resultado de uma ação anterior” (Castilho, 2010, p. 437) e não seu agente. Este pode ser introduzido na sentença passiva padrão por meio do complemento preposicionado chamado de agente da passiva, ou nem mesmo ser mencionado, como ocorre nas passivas pronominais (ou sintéticas), nas quais o agente encontra-se obrigatoriamente indeterminado (Azeredo, 2010, p. 274).

Devido a influências das línguas indo-europeias, Corriente (1992, p. 162) e Haywood & Nahmad (1965, p. 143) alertam para o fato de que é possível encontrar na língua árabe contemporânea sentenças formadas com verbo *almabnī lil-majhūl*, em que o agente da ação esteja presente e seja introduzido pelos sintagmas preposicionados *مِنْ طَرَفٍ min ṭarafī* e *مِنْ قِبَلٍ min qibali* (“por parte de”), contudo, estes não constituem usos genuínos árabes, são frutos de traduções, mais comuns em textos jornalísticos.

Ryding (2005, p.657) propõe que, em árabe, há duas maneiras de se expressar as construções passivas, uma flexional ou interna e a outra derivacional. A passiva flexional refere-se exatamente ao processo expresso pelo termo *almabnī lil-majhūl*. Chama-se flexional ou interna porque depende da flexão interna do verbo, isto é, da alteração de seu padrão vocálico.

A passiva derivacional indica as três formas verbais derivadas¹²³ que veiculam um significado reflexivo-passivo, apesar de pertencerem à estrutura verbal ativa, ou seja, aquela cujo sujeito sentencial é conhecido e determinado. Ryding (2005, p. 657) salienta que tais formas verbais refletem um estado resultativo do objeto, como ilustrado na oração abaixo:

(30) *fataḥtu albābu fa'infataḥa.*

Abri a porta e ela se abriu.

Wright (1859, p. 46) adverte que o conceito passivo expresso pelo tipo flexional e derivacional não podem ser tomados como idênticos, este é considerado como efetivo ou resultativo, como Ryding explicita; enquanto aquele é a forma tida como *puramente passiva*.

Corriente (1992, p. 162) optou pela terminologia *não-agentivo* para designar o termo árabe *almabnī lil-majhūl*. Esta atende à delimitação proposta pela DT árabe, cujo sema principal é sujeito /agente/ não ser conhecido, determinado. O sujeito sintático que aparece neste tipo de estrutura sentencial é denominado, na teoria gramatical, *na'ib alḥā'il* – “o substituto do sujeito”, o que na realidade indica o sujeito /paciente/, ou seja, não agentivo.

Verifica-se, então, que o processo verbal *almabnī lil-majhūl* constitui uma estratégia de indeterminação do sujeito /agente/ da ação verbal e que, na verdade, o sujeito sentencial apenas preenche esta posição sintática. Da mesma forma acontece com a voz passiva pronominal (ou sintética) portuguesa que funciona como estratégia de indeterminação do sujeito /agente/. A fim de se manter um paralelismo didático entre a terminologia proposta para o termo anterior *almabnī lil-ma'ālūm* – voz ativa, sugere-se

¹²³ As três formas verbais derivadas que denotam o conceito reflexivo-passivo são a forma V – *تَفَعَّلَ* *tafa'cāla*, a forma VII – *اِنْفَعَلَ* *infa'āla*, e a forma VIII – *اِفْتَعَلَ* *ifta'āla*. Para maiores detalhes, ver Gomes (2010, p. 64).

que seja mantido o termo **voz passiva**, uso já padronizado entre a maioria dos autores pesquisados, na tarefa de designar os verbos *almabnī lil-majhūl*.

7. الأفعال الناقصة – *al'af'āl an-nāqiṣa*

Termo	Possível correspondência ₁ em Pt	Possível correspondência ₂ em Pt	Proposta de padronização:
أَفْعَالٌ نَاقِصَةٌ 'afāl nāqisa	Verbo defectivo	Verbo de ligação	Verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes
DT: “São verbos que introduzem frases nominais (<i>sujeito</i> e <i>predicativo</i>), levam o <i>sujeito</i> para o caso nominativo (...) e o <i>predicativo</i> para o caso acusativo (...).”	DT: “Chamam defectivos os verbos a que faltam algumas formas do paradigma.”	DT: “Estes verbos, que jamais exprimem ação, denominam-se ‘verbos de ligação’ (também conhecidos como ‘verbos copulativos’ ou ‘verbos predicativos’), mas em alguns pontos se assemelham aos verbos auxiliares: formam um conjunto limitado de elementos e indicam basicamente diferenças aspectuais no sentido de ‘conceptualização do estado e coisas’.”	TL: 1. Defectivo (verbo). 2. <i>Defective</i> [gr].
Ex.: <i>kāna alwaladu marīḍan.</i> (O menino estava doente.) <i>'aṣḥaba alwaladu marīḍan.</i> (O menino ficou doente.) <i>ma zālla alwaladu marīḍan.</i> (O menino continua doente.)	Ex.: <i>Colorir:</i> Eu coloro* o desenho. <i>Demolir:</i> Eu demolo* a casa velha.	Ex.: As águas <i>são</i> turvas. As águas <i>estão</i> turvas. As águas <i>ficam</i> turvas. As águas <i>continuam</i> doentes.	Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 706. 2. Corriente, 1991, p. 779.
Fonte: Almfarī, 2002, vol. 2, p. 50.	Fonte: Azeredo, 2010, p. 183.	Fonte: Azeredo, 2010, p. 213.	

Pt ₁₇₇₄	Verbos deficiente	Es ₁₉₉₂	<i>Verbos modificadores</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Verbes incomplets (كان et ses analogues)</i>
Pt ₂₀₀₇	As “irmãs” de <i>kāna</i>	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbes d’existence (كان et ses analogues)</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Incomplete, defective or relative kāna</i>
In ₁₈₆₂	<i>Incomplete, defective or relative kāna</i>	In ₁₉₆₅	<i>The verb كان kāna and its sisters</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Defective verbs</i>
In ₂₀₀₅	<i>Defective verbs</i>				

O termo *nāqiṣ* é polissêmico em árabe, pois pode referir-se tanto à constituição morfológica de certos verbos, quanto à função de outros verbos. El-Daḥaḥ (1997, p. 346), autor de *A Pocket Dictionary of Arabic Grammatical Nomenclature*, registra ambas as acepções.

A terminologia relacionada à morfologia foi tratada quando da análise dos verbos *aṣ-ṣaḥīḥ* e *almuṭal*, na seção 1.2.3. Decidiu-se, nesta dissertação, designar o verbo *nāqiṣ* por meio da terminologia “verbos com و ou ي como 3ª radical” ao invés de seguir a tendência dos gramáticos não árabes em chamá-lo de “verbo defectivo”.

O termo أفعال ناقصة *ʾafʿāl nāqiṣa*, ou os verbos *nāqiṣa*¹²⁴ refere-se a um grupo delimitado de verbos que se diferencia dos demais da língua porque não possuem a capacidade de referenciar um acontecimento, uma ação, restando-lhe como única função referenciar o tempo. Por este motivo que, segundo Alḥatīb & Jaṭal (1992, p. 91), tais verbos introduzem as frases nominais, pois estas não contêm a marcação de temporalidade, sendo responsáveis apenas pela descrição do sujeito por meio do

¹²⁴ O termo *nāqiṣa* constitui o plural de *nāqiṣ*, quando este é utilizada como adjetivo de *fīl* (verbo) diz-se *fīl nāqiṣ*, no singular, e *ʾafʿāl nāqiṣa*, no plural.

predicativo, assim como ocorre nas sentenças predicativas portuguesas, cujo verbo é o de ligação.

Corriente (1992, p. 227) afirma que além do traço temporal, estes verbos acrescentam à oração um matiz semântico de índole aspectual. Observe os exemplos abaixo:

(31) ***kāna*** *alwaladu marīdan.*

O menino estava doente. (atributo adquirido)

(32) ***ʿaṣbaḥa*** *alwaladu marīdan.*

O menino ficou doente. (atributo resultativo)

(33) ***ma zāla*** *alwaladu marīdan.*

O menino continua doente. (atributo persistente)

Nos três exemplos acima, traços aspectuais diferentes foram acrescentados às sentenças na medida em que os verbos *nāqiṣa* (em negrito) foram substituídos.

Ao introduzir as frases nominais, os verbos *nāqiṣa* modificam a declinação do predicativo, que originalmente deve estar no nominativo, passa a acusativo. Eis a principal função deste grupo de verbos no âmbito sintático.

Verifica-se que gramáticos árabes e não árabes empregam esta característica sintática como definição destes verbos. Considera-se, portanto, inadequado tal posicionamento, pois a alteração do caso nominativo para o acusativo do constituinte predicativo é uma consequência da inserção dos verbos *nāqiṣa* na frase nominal e não a característica essencial dos mesmos.

O lexema *nāqiṣ* pode ser traduzido por “deficiente, falho, imperfeito, incompleto” (Sabbagh, 2010, p. 706). Estes verbos são assim chamados, na teoria gramatical, por dois motivos, primeiro por não serem capazes de referenciar o fato e, segundo, pela incompletude de seu significado, ou seja, eles necessitam do predicativo para que seu sentido na frase seja completo (Almaʿrī, 2002, p. 40).

Neste sentido, os gramáticos árabes seccionam estes verbos em três grupos:

- a) Aqueles que se conjugam no presente do indicativo, no pretérito perfeito e no imperativo¹²⁵. São eles: كَانَ *kāna* (ser/estar), أَصْبَحَ *'aṣbaḥa* (amanhecer¹²⁶; tornar-se, vir a ser; ficar), أَمْسَى *'amsā* (anoitecer; ficar; tornar-se), ظَلَّ *dalla* (permanecer), بَاتَ *bāta* (ficar; tornar-se), صَارَ *šāra* (ficar; tornar-se).
- b) Aqueles que se conjugam apenas no presente do indicativo e no pretérito perfeito¹²⁷. São eles: مَا زَالَ *mā zāla* (continuar, permancer), مَا بَرَحَ *mā bariḥa* (continuar), مَا فَتَى *mā fati'a* (continuar), مَا انْفَكَّ *mā 'anfakka* (continuar).
- c) Aqueles chamados de جامِدة *jāmida* ou inflexíveis, porque são conjugados somente no pretérito perfeito, são eles: لَيْسَ *laysa*¹²⁸ (não ser/não estar), مَا دَامَ *mā dāma* (continuar, durar).

Devido à semelhança no comportamento sintático destes verbos, são também conhecidos na teoria gramatical árabe pelo sintagma terminológico أَخَوَاتُ كَانَ *'aḥawāt kāna*, “as irmãs de *kāna*”, literalmente.

Certos verbos *nāqiṣa* podem funcionar como verbos auxiliares, o verbo *kāna* é o exponencial, pois correntemente participa da formação dos tempos compostos. A forma verbal árabe correspondente ao pretérito imperfeito do indicativo português é formada pelo verbo *kāna* no pretérito perfeito seguido pelo presente do indicativo do verbo principal, como em:

(34) *kuntu 'aqra'u kaṭīran ṭiwāl ṭufūlatī.*

¹²⁵ Chamados de تَامَّةُ النَّصْرِفِ *tāmma at-taṣarruf* ou “conjugação completa”.

¹²⁶ A acepção “amanhecer” do verbo *'aṣbaḥa* e “anoitecer” de *'amsā* refere-se à mudança de estado que o indivíduo pode sofrer durante a noite até a manhã e durante o dia até a noite, respectivamente, contudo, este significado caiu em desuso, conforme Cowan (2007, p. 174) afirma em nota, sendo mais utilizado com o sentido indicado acima.

¹²⁷ Chamados de نَاقِصَةُ النَّصْرِفِ *nāqisa at-taṣarruf* ou “conjugação incompleta”.

¹²⁸ Embora o verbo *laysa* siga apenas o paradigma do pretérito perfeito, semanticamente denota o presente do indicativo, sendo traduzido por “não ser, não estar”.

Eu costumava ler muito ao longo da minha infância.

Se o verbo principal após *kāna* estiver conjugado no pretérito perfeito, como em (35), a construção expressa uma ação passada acabada, anterior a outra ação também passada, que corresponde ao pretérito mais-que-perfeito (simples/composto) da língua portuguesa.

(35) *kāna qad waṣala as-saḡīru masā' aljum'ati.*

O embaixador tinha chegado sexta a noite.

De acordo com Ryding (2005, p. 636) os verbos *mā zāla* e *ṣāra* também podem ser usados como verbos auxiliares, o primeiro com o sentido de continuidade e o segundo denotando o início de ação do verbo principal ou sua continuação. Ambos devem ser seguidos pelo presente do indicativo do verbo principal.

Após analisar a ficha terminológica apresentada acima, observa-se que, à primeira vista, o termo árabe *'aḡāl nāqiṣa* nada tem em comum com os termos portugueses “verbo defectivo” e “verbo de ligação”. As definições terminológicas do termo principal e dos possíveis correspondentes em língua portuguesa não mostram nenhuma interseção sêmica, porém, se forem consideradas as explicações acerca dos verbos *nāqiṣa* aqui delineadas, serão evidenciados aspectos semelhantes tanto com os “verbos defectivos” quanto com os “verbos de ligação”, os quais se encontram resumidos a seguir, na tabela 9:

Semelhanças		
<i>'af'āl nāqiṣa</i>	Verbo defectivo	Verbo de ligação
Não exprimem ação	---	Jamais exprimem ação
Introduzem frases nominais (sujeito+predicativo)	---	Participam de sentenças predicativas, unem o sujeito a seu atributo (predicativo)
Indicam diferenças aspectuais	---	Indicam diferenças aspectuais
Podem atuar como verbos auxiliares	---	Assemelham-se aos verbos auxiliares
Falta a significação completa, necessitando do predicativo	Falta a forma de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ¹²⁹	---
Falta a conjugação do imperativo e/ou do presente do indicativo	Falta o subjuntivo presente e a 2ª pessoa singular do imperativo	

Tabela 9: Semelhanças entre *'af'āl nāqiṣa*, verbo defectivo e verbo de ligação

Percebe-se que o termo *'af'āl nāqiṣa* compartilha mais semelhanças com o “verbo de ligação” do que com o “verbo defectivo”, no entanto, os termos *defective*/“defeituoso”, designando os verbos *nāqiṣa*, figuram 50% das obras pesquisadas, além dos dicionários que registram tal acepção para o campo linguístico. Acredita-se que a correspondência *'af'āl nāqiṣa* e *defective verbs* tenha-se originado da tradução literal do verbete *nāqiṣ*, que admite este sentido.

Na língua portuguesa, não se verifica uma correspondência entre os verbos *nāqiṣa* e os defectivos, a única semelhança é que, ao primeiro, falta uma significação completa e, ao segundo, a forma de 1ª pessoa singular do presente do indicativo. Por essa razão, desaconselha-se empregar o termo “defectivo” para denominar, em português, os verbos em estudo.

Os verbos *nāqiṣa* e os de ligação (ou predicativos) compartilham aspectos importantes que justificariam sua adoção na tarefa de designar estes verbos árabes, todavia há diferenças profundas no funcionamento destes dois grupos de verbos. Os verbos *nāqiṣa*, ao introduzirem frases nominais, modificam a declinação do predicativo e até mesmo sua terminologia, que passa a ser chamado de *ḥabar kāna* (“o predicativo de *kāna*”), por exemplo. Esta é a característica sintática mais importante de todos os verbos *nāqiṣa*. Tal processo não acontece com os verbos de ligação, até porque não há diferenciação de casos em português. Assim, descarta-se, também, o termo “verbo de

¹²⁹ Mattoso Câmara (1981, p. 90) explica que “a inexistência da flexão é uma questão de desuso, o que faz essa flexão ser abolida da norma linguística e ser considerada contrária à eufonia.”

ligação”, a fim de evitar mal entendidos que prejudiquem a apreensão deste item gramatical árabe por parte do estudante brasileiro.

Corriente (1992, p. 227) optou por incluí-los nos chamados *verbos modificadores*, porque modificam o sintagma verbal, acrescentando à predicação certas nuances semânticas de traços temporais e aspectuais. Neste grupo, ele reuniu não apenas o verbo *kāna* e seus semelhantes (quanto ao comportamento sintático), mas também os verbos por ele chamados de incoativos e de possibilidade, os quais não correspondem aos verbos *nāqiṣa*.

Périer (1911, p. 195), Machuel (1908, p. 60), Haywood & Nahmad (1965, p. 274) e Cowan (2007, p.173) optaram pelo emprego do sintagma terminológico أَخَوَات *’aḥawāt kāna*, “as irmãs de *kāna*”, adaptado às suas línguas de chegada. Périer e Machuel optaram por utilizar o lexema *analogues* ao invés de “irmãs” em francês.

Como não foi evidenciada uma correspondência direta entre os termos árabe *’af’āl nāqiṣa* e os portugueses “verbo defectivo” e “verbo de ligação”, acredita-se que seja mais coerente seguir a orientação de quatro dentre os dez autores supracitados e adotar, em português, o sintagma terminológico **verbo *kāna* e seus semelhantes** para designar o termo árabe em questão. Acredita-se que esta será uma terminologia aparente ao leitor especializado que buscar tal informação.

8. الفِعْلُ الْمُجَرَّد والمَزِيد – *alfʿl almujaṛrad wa almazīd*

Ao estudar os termos árabes الْمُجَرَّد *almujaṛrad* e المَزِيد *almazīd*, que se referem à formação dos verbos, observou-se que, da teoria gramatical que os envolve, revelam-se características morfológicas semelhantes aos da língua portuguesa. Tais semelhanças podem ser explicadas sob a ótica da corrente linguística gerativa. Neste sentido, Katamba (1994, p. 9) afirma que

“Reconhecidamente, as línguas diferem entre si, mas as diferenças estruturais entre elas ocorrem dentro de um limite bastante estreito, sancionado pela Gramática Universal¹³⁰. (...) no que diz respeito à formação de palavras, princípios de construção muito similares são recorrentes nas línguas. A faculdade linguística da mente é essencialmente a mesma em todos os seres humanos. Por isso que as línguas podem diferir umas das outras dentro de limites predeterminados pela neurologia e fisiologia do cérebro humano, que determina a natureza da Gramática Universal.”¹³¹ (Tradução nossa)

Katamba prossegue explicando que a diferença entre as gramáticas adquiridas por falantes do inglês e do árabe, por exemplo, pode ser atribuída à experiência individual, isto é, à realidade linguística a que cada criança é submetida. Esta seleciona a gramática específica de uma língua determinada, que varia dentro do limite previsto pela Gramática Universal.

Isto sugere, então, que as línguas naturais compartilham características estruturais que permitem ao pesquisador estabelecer paralelos teóricos que auxiliam a descrição linguística e sua análise contrastiva. Sendo assim, verificou-se a importância de delimitar conceitos árabes e portugueses presentes na gramática de ambas as línguas e pertinentes ao estudo dos dois termos árabes em questão. Os conceitos a serem delimitados são raiz, radical e afixo. A partir deste ponto, será possível estabelecer os

¹³⁰ De acordo com Chomsky, a Gramática Universal é a faculdade da mente que determina a natureza tanto da aquisição linguística em uma criança e quanto da competência linguística. (Katamba, 1994, p. 8)

¹³¹ “Admittedly, languages differ from each other, but the structural differences between them occur within the fairly narrow range sanctioned by Universal Grammar. (...) with regard to word-formation, very similar word-building principles recur in languages after languages. The language faculty of the mind is essentially the same in all humans. Hence languages can only differ from each other within the limits predetermined by neurology and physiology of human brain, which determine the nature of Universal Grammar.”

paralelos necessários à análise terminológica e padronização de ambos termos árabes em língua portuguesa.

Katamba (1994, p. 41) define raiz como “o núcleo irredutível de uma palavra¹³², com absolutamente nada mais a ele ligado”. Trata-se da parte sempre presente, mas com possíveis modificações, nas várias manifestações de um lexema¹³³. Como exemplo, apresenta-se o lexema português AMAR que possui como raiz *am-* e encontra-se presente nos vocábulos¹³⁴ “amarei”, “amante”, “amados”, “amador”. Azeredo (2010, p. 143) compartilha da visão acima e define “raiz” como sendo o morfema¹³⁵ que serve de base mórfica da palavra e que responde por seu núcleo semântico.

As definições propostas por Mattoso Câmara (1981, p. 205) e Lima (2002, p. 193) não destoam das citadas acima, contudo, ambos os autores acrescentam que, ao lado do conceito sincrônico de raiz já mencionado, há o conceito diacrônico da gramática histórica indo-europeia. Segundo Mattoso Câmara, gramática histórica define raiz como o segmento fônico originário correspondente a um morfema indo-europeu. Com a evolução das línguas indo-europeias, no entanto, as raízes genuínas desfizeram-se ou modificaram-se sensivelmente, incorporando elementos mórficos distintos. Por exemplo, o lexema português COMER já não apresenta mais a raiz indo-europeia *-ed*, que aparece no latim *comedere*. Sincronicamente, a raiz portuguesa é *com-*, que corresponde diacronicamente ao prefixo latino. Por isso, Mattoso conclui que importa ao estudo do português apenas o conceito sincrônico de raiz.

Lima (2002, p. 193) considera que, para efeitos da análise elementar da estrutura das palavras em português, não se busca ascender à determinação das raízes, parte-se geralmente do radical, definido pelo mesmo gramático como “o morfema que funciona como o segmento lexical da palavra, opondo-se ao segmento que lhe assinala (por meio de outros morfemas) as flexões e a derivação.” De acordo com Katamba (1994, p. 45), o radical é a parte da palavra que ocorre antes de qualquer afixo flexional/derivacional ser a ele adicionado, como, por exemplo, *pedrinha*, em que [pedr-]

¹³² “Unidade autônoma constituída de um ou vários morfemas.” (Azeredo, 2010, p. 143)

¹³³ Lexema é o item lexical abstrato listado no dicionário, como, por exemplo, LER. As formas “leu”, “lia”, “lerei” são as manifestações textuais concretas do lexema LER. (Katamba, 1994, p. 18)

¹³⁴ Vocábulo designa as diferentes formas que um lexema ou palavra gramatical pode assumir no texto, em virtude de sua especificação morfossintática. (Azeredo, 2010, p. 142)

¹³⁵ Katamba (1994, p. 20) esclarece que o termo “morfema” é usado para indicar a menor unidade indivisível com conteúdo semântico ou função gramatical com a qual as palavras são formadas.

representa o radical (e a raiz) deste lexema e [-inha] é o morfema derivacional que indica diminutivo. Ao contrário do exemplo acima, há vocábulos em que a raiz e o radical não são coincidentes. Em *cantarolar*, por exemplo, a raiz é [cant-] e o radical é [cantarol-].

Quanto aos afixos ou morfemas derivacionais, Azeredo (2010, p. 143) explica que estes “juntam-se a bases léxicas (morfemas lexicais) para a criação de novos lexemas”. Em português, há dois tipos de afixos, os *prefixos*, que são aqueles inseridos antes do radical, e os *suffixos*, aqueles que se inserem após o radical, como em *transformar* e *felicidade*, respectivamente.

A perspectiva da análise morfológica árabe difere das propostas teóricas contemporâneas, o que, a princípio, inviabilizaria um paralelo estrito entre conceitos árabes e portugueses. Ryding (2005, p. 44) explica que em fins do século VIII e início do IX d.C., os primeiros gramáticos árabes desenvolveram teorias morfológicas sofisticadas que divergem das teorias linguísticas ocidentais, entretanto, como este trabalho destina-se, em primeiro lugar, aos leitores especialistas brasileiros, optou-se por seguir a linha de análise da linguística ocidental, sem perder o ponto de vista árabe.

A teoria gramatical árabe-árabe emprega dois termos distintos, a saber, جُنْر *jidr* ou أَصْل *’aṣl*, a fim de designar o conceito de raiz. Como mencionado anteriormente na seção 1., a grande maioria dos verbos árabes possui raiz triconsonantal, porém as quadriconsonânticas não são de rara existência (Wright, 1859, p. 27). Ao lado destas, Ryding (2005, p. 47) inclui as raízes com cinco consoantes¹³⁶, fruto de empréstimos linguísticos recentes. Lipiński (1997, p. 201) salienta que a presença das raízes biconsonantais nas línguas semíticas não pode ser negada, há no Árabe Moderno Padrão uma quantidade reduzida de palavras bilíteras as quais só podem ser explicadas à luz de uma investigação diacrônica. Sendo assim, serão consideradas nesta pesquisa apenas as raízes constituídas por três ou quatro consoantes.

Na visão árabe, a raiz de um verbo derivado, por exemplo, corresponde à origem tri ou quadriconsonantal do mesmo. Para se descobrir a essência do verbo, é

¹³⁶ Há, na língua, raízes quadriconsonantais genuínas, fruto de reduplicação de raízes bilíteras, como *w-s-w-s* e *h-m-h-m*. Há também aquelas raízes de quatro e cinco consoantes que entraram na língua árabe por meio de empréstimos recentes, como a raiz *t-l-f-n* que dá o verbo telefonar e *b-r-n-m-j*, que dá o verbo programar. (Ryding, 2005, p. 47)

preciso desnudá-lo, retirando todos os morfemas derivacionais e flexionais que o compõem. Tais morfemas representam as *أَحْرُفُ الزِّيَادَةِ* *'aḥruf azziyāda*, as “letras de acréscimo”¹³⁷, em tradução literal, responsáveis pela derivação e/ou flexão do verbo.

Segundo Lipiński (1997, p. 201), a maioria das palavras das línguas semíticas é analisada como sendo uma combinação de três consoantes e uma ou mais vogais. Esta concepção foi fortemente defendida no século X, por Ḥayyudj de Fez, cujas ideias são comumente seguidas até hoje. De acordo com esta análise tradicional, as três consoantes, chamadas de *radicais*, formam a menor unidade lexical da língua e constituem a sua *raiz*. Assume-se que este elemento semântico básico seja especificado a partir do momento que as *'aḥruf azziyāda*, “letras de acréscimo”, são acrescidas a ele. Assim, as “letras de acréscimo” ou restringem o significado da raiz, servindo como morfema lexical, como em *kitāb* (livro), ou determinam sua categoria gramatical, atuando como morfema gramatical¹³⁸, como em *kataba* (ele escreveu).

A raiz árabe *k – t – b*, por exemplo, carrega o sentido abstrato relacionado à “escrita”. Todos os verbos ou nomes dela derivados estarão dentro deste campo semântico. Observe abaixo:

RAIZ abstrata – “escrita”	←	ك ت ب <i>k t b</i>
Escrever (ele escreveu) ¹³⁹ – a forma verbal mais próxima à raiz		كَتَبَ <i>kataba</i>
Manter correspondência, escrever a		كَاتَبَ <i>kātaba</i>
Fazer escrever, ditar		أَكْتَبَ <i>'aktaba</i>
Inscrever-se, registrar-se		اِكْتَتَبَ <i>'iktataba</i>
Escritor		كَاتِبَ <i>kātib</i>
Livro		كِتَابَ <i>kitāb</i>

¹³⁷ Há uma técnica tradicional árabe utilizada para memorização das “letras de acréscimo”, trata-se da frase *سَأَلْتُمُونِيهَا* *sa'altumūnīhā* (“você me perguntaram isto”), que reúne todos os itens capazes de alterar a morfologia de raízes, por meio do mecanismo de derivação ou flexão. Os morfemas derivacionais e flexionais que compõem esta oração são: /' / *hamza*, /t/ *tā'*, /m/ *mīm*, /n/ *nūn*, /s/ *sīn*, /y/ *yā'*, /w/ *wāw*, /l/ *lam*, /h/ *hā'*, as vogais breve /a/, /u/ e /i/, as vogais longas /ā/, /ū/ e /ī/, e o diacrítico *šadda* / ˤ /, que indica duplicação de consoante.

¹³⁸ Azeredo (2010, p. 143) explica que os morfemas pertencem a duas ordens principais: morfema lexical, aquele que serve de base/radical de um lexema, e morfema gramatical, aquele que pode ser base de uma palavra gramatical (**outr-o**, **minh-a**, **el-a**) ou ocupar posição periférica (**en**-capuz-**ar**, feli-**cidade**).

¹³⁹ Como não há infinitivo em árabe, considera-se a forma mais próxima à raiz como se fosse o infinitivo, contudo, se traduzida literalmente refere-se a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito.

Lipiński (1997, p. 202) reitera que a raiz, como menor unidade lexical, seja ela bi/tri/quadriconsonantal, consiste apenas na base abstrata de uma família de palavras de uma língua, não existindo como uma realidade viva no idioma falado, devido a sua constituição se dar somente por consoantes, o que a torna impronunciável. Ao contrário do que ocorre em português, por exemplo, em que há bases mórficas – raízes, que correspondem a morfemas livres, isto é, aqueles que sozinhos constituem palavras, como em *mar*, *feliz*, *capuz*, *capim* (Azeredo, 2010, p. 143).

Ryding (2005, p. 45), representante da teoria linguística gerativa, considera que a morfologia árabe baseia-se em morfemas descontínuos interligados, expressos pela raiz consonantal e pelo paradigma¹⁴⁰, que consiste no modelo que os vocábulos derivados seguem, sendo formado tanto pelo padrão vocálico (das vogais breves) quanto pelas *’aḥruf azziyāda* ou “letras de acréscimo”, conforme a ilustração abaixo:

Para Ryding (2005, p. 47-48), a raiz árabe consiste em um morfema preso – porque não pode ocorrer isoladamente, visto ser composta apenas por consoante o que a torna impronunciável, e descontínuo – por aceitar inserções internas. Trata-se do núcleo semântico ao redor do qual uma ampla possibilidade de vocábulos pode ser derivada, de acordo com o paradigma no qual for inserido. Como foi dito acima, o paradigma é também um morfema preso e descontínuo, constituído por uma ou mais

¹⁴⁰ É costume encontrar nas análises linguísticas sobre a língua árabe a afirmação de que os morfemas descontínuos consistem na raiz consonantal e no padrão vocálico, como se verifica em Schramm (1962, pp. 360-375). Preferiu-se utilizar o termo “paradigma” ao invés de “padrão vocálico”, nesta dissertação, porque há consoantes que participam da formação destes padrões ou modelos os quais serão interligados com as raízes consonantais.

¹⁴¹ Gomes (2011, p. 61) afirma que os paradigmas de derivação verbal foram formulados por gramáticos árabes dos séculos VII e VIII d.C. e chamados por eles de وَزْن *wazn* – “métrica, padrão”. Os arabistas convencionaram chamá-los de formas numeradas por algarismos romanos I a XV. Cada espaço em branco marcado pelo símbolo *underline* () representa o local onde as consoantes radicais serão colocadas.

vogais e certas consoantes, as “letras de acréscimo”, e as posições fixas que receberão as consoantes radicais da raiz, as quais são chamadas na teoria gerativa de *slots* (do inglês “espaço”). O paradigma geralmente possui significado gramatical, como, por exemplo, em *kātib* – escritor, cujo paradigma _ ā _ i _ representa o agentivo do verbo.

Na teoria gramatical árabe descrita por ocidentais, o termo radical refere-se a cada consoante que compõe a raiz, seja ela bi, tri ou quadriconsonantal (Cowan, 2007, p. 63) e (Lipiński, 1997, p. 202). Verifica-se, então, que a definição árabe para o termo radical diverge da mesma proposta para o termo português, caracterizando-se assim uma situação de polissemia.

Os afixos ou morfemas derivacionais representam as *’aḥruf azziyāda* – as “letras de acréscimo”, na tradição árabe. Tais consoantes e vogais (breves e longas) podem, de acordo com o paradigma, ocorrer antes, dentro ou depois da raiz, constituindo o *prefixo*, o *infixo* e o *sufixo*, respectivamente. Katamba (1994, p. 44) afirma que o infixo é um morfema característico das línguas semíticas, como o árabe e o hebraico, por exemplo.

Após a explanação acerca dos três conceitos selecionados, observe a tabela contrastiva abaixo:

	RAIZ	RADICAL	AFIXO
Língua Árabe	Menor unidade lexical, composta por três ou quatro consoantes	Cada consoante que compõe a raiz	Prefixo, infixo e sufixo
Língua Portuguesa	Núcleo não segmentável de uma palavra	Morfema lexical ao qual se ligam morfemas derivacionais ou flexionais. Também é chamado de base	Prefixo e sufixo

Tabela 10: Raiz, radical e afixo em árabe e português

8.1 مُجَرَّد – *mujarrad*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>mujarrad</i> مُجَرَّد		Raiz		Primitivo	
DT: “São aqueles [verbos] cujas consoantes são primitivas e não se soma à raiz letra alguma. São divididos em <i>mujarrad</i> tríltero e <i>mujarrad</i> quadríltero.” ¹⁴²		DT: “Raiz é o morfema originário e irreduzível que contém o núcleo significativo comum a uma família linguística ¹⁴³ .”		TL: 1. <i>Unaugmented, first stem of the verb (gram.) Abstract, absolute. Bare, denuded. Pure, mere.</i> 2. Despojado, desprovido, abstraído, privado. Nu, pelado.	
Ex.: <i>kataba</i> (escrever) <i>darasa</i> (estudar) <i>tarjama</i> (traduzir)		Ex.: <i>pedri-inha</i> <i>pur-a</i> <i>pedr-ada</i> <i>pur-íssima</i> <i>a-pedr-ejar</i> <i>de-pur-ar</i>		Fonte: 1. Al-Mawrid, 1995, p. 978. 2. Sabbagh, 2011, p. 606.	
Fonte: Almārī, 2002, vol. 10, p. 18.		Fonte: Lima, 2002, p. 193.			
Pt₁₇₇₄	Simple e nu Primitivo	Es₁₉₉₂	<i>Raiz triconsonántica/ cuadriconsonántica simples</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Primitif (verbe)</i>
Pt₂₀₀₇	Simple de três ou quatro radicais	Fr₁₉₁₁	<i>Primitif</i>	Dic₁₉₇₃	<i>Unaugmented</i>
In₁₈₅₉	<i>Ground form Form I</i>	In₁₉₆₅	<i>Simple Root form of the verb</i>	Dic₁₉₈₃	<i>Abstract</i>
In₂₀₀₅	<i>Base form Form I Stripped</i>				

Literalmente traduzido por “nu”, “desprovido”, “simples”, “abstrato”, o termo árabe *mujarrad* representa a forma verbal morfológicamente mais simples (Ryding, 2005, p. 434), isto é, a mais próxima à raiz consonantal de três ou quatro letras.

Ao cotejarem-se as definições terminológicas apresentadas, verifica-se que não há semas em comum que sugira a padronização deste termo árabe pelo termo português

¹⁴² Tradução nossa de: المجَرَّد ما كانت حروفه أصلية ولم يُرَدَّ عليها حرفٌ ويقسم إلى المجَرَّد الثلاثي، والمجَرَّد

الرباعي. *almujarrad mā kānat ḥurūfahu ‘ašliya walam yujad ‘alayhā ḥarfīn wayuqassimu ‘ilā almujarrad at-tulāṭī wa-lmujarrad ar-rubā‘ī.*

¹⁴³ “Pertencem à mesma família as palavras que possuem o mesmo radical, que, às vezes, coincide com a raiz.” (Lima, 2002, p. 215)

“raiz”. Viu-se acima que o conceito de raiz em ambas as línguas são semelhantes na medida em que contém a significação lexical de determinado grupo de palavras, entretanto, em português, a raiz consiste em uma unidade não segmentável, já em árabe, este núcleo significativo pode ser intercalado por outro morfema, chamado de paradigma, que acrescentará novos sentidos à base mórfica original.

Dentre os sete gramáticos não árabes estudados, apenas dois deles, a saber, Haywood & Nahmad (1965, p. 151) e Ryding (2005, p. 434) dissertaram sobre o termo *mujarrad*, tecendo considerações interessantes sobre ele e sua contraparte, o verbo *mazīd*.

O panorama terminológico presente na ficha acima permite observar que, apesar de não haver um tratamento homogêneo, todas as opções de termos apresentadas perpassaram características inerentes ao termo *mujarrad*. Abrantes (1774, p. 130), Haywood & Nahmad (1965, p. 151), Corriente (1992, p. 149), Cowan (2007, p. 138) salientam a simplicidade morfológica desta forma verbal. Abrantes (1774, p. 139) emprega, também, o termo “primitivo” repetidas vezes a fim de designar a forma mais simples de determinada “conjugação derivada”, em suas palavras.

Wright (1859, p. 27) e Ryding (2005, p. 434) chamam-na de forma base ou forma I, referindo-se a primeira forma das derivações verbais, isto é, àquela mais próxima à raiz verbal, seria o mesmo que dizer a forma mais simples do verbo. Esta opção é coerente com a gramática árabe, no entanto, não foi priorizada nesta dissertação devido à estratégia didática do paralelismo terminológico entre os termos.

Périer (1911, p. 15) e Machuel (1908, p. 19) empregam o termo “primitivo” para designar os verbos *mujarrad*, os quais de fato o são, se for considerada a definição de Mattoso Câmara (1981, p. 205) na qual afirma que o vocábulo primitivo é aquele cujo morfema lexical corresponde ao radical primário ou à raiz, em alguns casos. Por exemplo, “escrever” corresponde ao verbo árabe *kataba*, cujo morfema lexical e a raiz são *k -t-b*.

Cachia (1973, p. 82) registrou o termo *unaugmented* ou “não aumentado”, isto é, esta forma verbal não é aumentada/derivada por nenhuma das “letras de acréscimo”. A ideia central é esta, no entanto, “não aumentado” representa um termo opaco aos especialistas brasileiros.

Bakalla *et al.* (1983, p. 88) optaram pela acepção “abstrata”, um sentido possível do lexema, contudo distante da realidade linguística deste termo.

Desta forma, sugere-se que seja adotado em português o termo **primitivo** a fim de designar o termo árabe *mujarrad*, porque, além de este ser transparente ao leitor brasileiro, não remete a um conceito português conflitante com outro árabe, uma vez que primitivo, em ambas as línguas, é tudo aquilo que “coincide com sua origem” (Houaiss, 2007).

8.2 مَزِيد – *mazīd*

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
<i>mazīd</i> مَزِيد		Derivado		Derivado	
DT: “O verbo <i>mazīd</i> é o verbo <i>mujarrad</i> com a afixação de uma das ‘letras de acréscimo’ ou com a duplicação de uma de suas consoantes radicais originais.” ¹⁴⁴		DT: “Por sua vez, os que provêm de outras palavras se chamam derivados.”		TL: 1. Derivado. 2. <i>Augmented. Derived stem of a verb.</i>	
Ex.: <i>takātaba</i> (corresponder-se) <i>darrasa</i> (ensinar)		Ex.: pôr – transpôr ceder – exceder, preceder		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 633. 2. Al-Mawrid, 1995, p. 1028.	
Fonte: Almārī, 2002, vol. 10, p. 18.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 157.			
Pt₁₇₇₄	Conjugação derivada	Es₁₉₉₂	<i>Verbo de raiz triconsonântica/ cuadriconsonântica derivado</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Verbe dérivé</i>
Pt₂₀₀₇	Verbo derivado	Fr₁₉₁₁	<i>Formé dérivé</i>	Dic₁₉₇₃	<i>Augmented</i>
In₁₈₅₉	<i>Derived form</i>	In₁₉₆₅	<i>Derived form</i>	Dic₁₉₈₃	---
In₂₀₀₅	<i>Augmented Extended verb form (II-X)</i>				

Ao contrário do verificado em sua contraparte, a ficha terminológica do verbo *mazīd* apresenta homogeneidade nas escolhas dos termos. Observa-se que sete entre os dez autores optaram por qualificar o verbo *mazīd* com o adjetivo “derivado”. Dois dentre eles, a saber, Cachia (1973, p. 11) e Ryding (2005, p. 434) chamaram-no de *augmented*, ou “aumentando”, termo em paralelo ao proposto para o verbo *mujarrad* – *unaugmented*.

Se o verbo *mujarrad*, ou primitivo, segundo nossa proposta de padronização, é aquele morfologicamente mais simples, o termo *mazīd* designa todos os verbos cuja forma é morfologicamente mais complexa (Ryding, 2005, p. 434). Tal complexidade

¹⁴⁴ Tradução nossa de: "الفِعْلُ الْمَزِيدُ: مَا زِيدَ فِيهِ عَلَى الْمُجَرَّدِ بِأَحَدِ أَحْرُفِ الزِّيَادَةِ إِمَّا التَّضْعِيفِ." (*alf'īl al-mazīd: mā zayd fīhi 'alā al-mujarrad bi'aḥd 'aḥruf azziyād 'imā at-taḍ'īf.*)

advém da afixação das *'aḥruf azziyāda*, ou “letras de acréscimo”, à raiz verbal, gerando verbos derivados.

As raízes trilíteras apresentam quinze paradigmas derivacionais, denominados pelos arabistas de formas (I-XV), das quais a primeira corresponde à forma primitiva e as cinco últimas são de raríssima ocorrência no Árabe Moderno Padrão (Wright, 1859, p. 27) e (Gomes, 2011, p. 59). Já as raízes quadrilíteras apresentam apenas quatro possibilidades de paradigmas derivacionais. Cada paradigma citado acrescenta novos nuances de sentido à raiz, formando novos verbos. Teoricamente, todos os paradigmas derivacionais podem ser aplicados às raízes existentes na língua, contudo, na prática, nenhuma raiz lexical conjuga-se em todas as formas (Ryding, 2005, p. 434) e (Gomes, 2011, p. 59)¹⁴⁵.

A forma I, chamada também de forma base, por conta da simplicidade de sua estrutura, representa a forma verbal mais próxima à raiz abstrata, representando outra maneira de designar o verbo *mujarrad*. A partir desta forma I, são afixados os morfemas derivacionais que constituirão os quinze paradigmas derivacionais verbais possíveis na língua árabe.

Então, se o verbo *mujarrad* consiste na forma base/primária/primitiva da qual os verbos *mazīd* são derivados, e denominou-se o termo *mujarrad* de “primitivo”, logo se sugere que seja adotado o termo **derivado** a fim de designar em português o verbo *mazīd*. Tal proposta de padronização não se pauta apenas no silogismo acima, mas também se fundamenta em ambas as definições terminológicas apresentadas, nas quais é possível constatar coincidência de semas, mesmo a portuguesa sendo mais abrangente que a árabe.

¹⁴⁵ Para uma descrição das nuances semânticas das formas derivacionais, ver Gomes (2011).

9. أَفْعَالُ الْمُقَارَبَةِ وَالرَّجَاءِ وَالشُّرُوعِ – ‘afāl almuqāraba wa ar-rajā’ wa aš-šurīf

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
أَفْعَالُ الْمُقَارَبَةِ وَالرَّجَاءِ وَالشُّرُوعِ 'afāl almuqāraba, ar-rajā' wa aš-šurīf		Verbo auxiliar		Verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade	
DT: “(…) como se este verbo fosse um dos verbos semelhantes a <i>kāna</i> , porque executam sua função sintática, isto é, introduzem frases nominais, levando o sujeito nominal para o nominativo e o predicativo para o acusativo.” ¹⁴⁶		DT: “(…) auxiliares são os verbos que precedem o verbo principal com a função de exprimir os conteúdos gramaticais ¹⁴⁷ acima referidos.”		TL: 1. a. Aproximação; b. Esperança; c. Advento. 2. a. <i>Approach</i> ; b. <i>Hope, expectation</i> ; c. <i>Beginning</i> .	
Ex.: <i>kāda/ 'awšaka</i> <i>ʾasà</i> <i>'aḥaḍa/ bada'a/ šarā'a</i>		Ex.: O agricultor <i>começa</i> a colher bananas. O agricultor <i>pode</i> colher bananas.		Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 666/329/395. 2. Al-Mawrid, 1995, p. 1.085/577/ 668.	
Fonte: Almārī, 2002, vol. 2, p. 53.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 203.			
Pt ₁₇₇₄	Verbos de vizinhança	Es ₁₉₉₂	<i>Verbos modificadores</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Verbe de approximité</i>
Pt ₂₀₀₇	As “irmãs” de <i>kāna</i>	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbe de possibilité</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Verb of appropinquation</i> <i>Verb of beginning</i>
In _{1859/1862}	---	In ₁₉₆₅	<i>Verb kāda</i> <i>Verb asà</i>	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	---				

Segundo a tradição gramatical árabe, os verbos em questão são divididos em três grupos a partir de seu valor semântico. Os verbos *muqāraba* indicam a **aproximação** do acontecimento expresso pelo verbo principal. Os verbos *rajā'* referem-

¹⁴⁶ Tradução nossa de: (...) فَكَأَنَّ هَذَا الْفِعْلَ مِنَ الْأَفْعَالِ النَّاقِصَةِ لَذَلِكَ تَعْمَلُ عَمَلَهَا، أَي أَنَّ هَذِهِ الْأَفْعَالُ تَدْخُلُ "faka'anna haḍa alfi'l min al'afāl an-nāqisa liḍalik ta'malu 'emalahā, 'ay 'anna haḍihi al'afāl tadḥul 'alā aljumla al'ismiya fatarfa'u almuḥtada' wa yusammā 'ismuhā, wa inṣubu alḥabar wa yusammā ḥabaruhā).

¹⁴⁷ De acordo com Azeredo (2010, p. 202), os conteúdos gramaticais “abrange as noções de tempo/modo, número/pessoa e outras duas ordens de variações: a ‘estrutura interna’ do processo (aspecto e desdobramentos da ação) e a ‘atitude enunciativa’ (modalidade)”.

se à **expectativa** da ocorrência da ação expressa pelo verbo principal. E os verbos *šurīf* designam o **início** de um processo expresso pelo verbo principal.

Os gramáticos consultados, a saber, Alma^crī (2002, vol. 2, p. 53), Alḥaṭīb & Jaṭal (1993, p. 96) e Alḥawṣ (1987, p. 157), concordam quanto à descrição gramatical e ao número de itens verbais classificados em cada grupo. Alḥawṣ, no entanto, insere outros exemplos de verbos menos usados. Decidiu-se citar, nesta dissertação, apenas os mais frequentes.

Os verbos *muqāraba* são كَادَ *kāda* e أَوْشَكَ *’awšaka*, ambos possuem a mesma significação – “estar a ponto de, estar prestes a” (Sabbagh, 2011, p. 547/116). Podem ocorrer tanto no presente do indicativo quanto no pretérito perfeito.

O verbo *rajā’* mais frequente é عَسَى *usā* que quer dizer “talvez, quiçá, eu espero” (Al-Mawrid, 1995, p. 761). Seu uso mais frequente se dá na 3ª pessoa masculina singular do pretérito perfeito, embora remeta a uma significação do presente indicativo ou futuro (Haywood & Nahmad, 1965, p. 269).

Alḥaṭīb & Jaṭal (1993, p. 96) afirmam que *šurīf* é todo o verbo que indica o princípio de uma ação. Consistem nos chamados verbos incoativos ou inceptivos em português. Há, contudo, exemplos predeterminados de verbos empregados nesta função e que assumem o sentido de “começar, iniciar, pôr-se a” (Sabbagh, 2011, 395), são eles, بَدَأَ *bada’*, أَخَذَ *’aḥaḍa*, شَرَعَ *šara’a*. É interessante notar que, por exemplo, o verbo *’aḥaḍa* possui outro significado principal – “pegar, tomar”, porém quando é utilizado nesta função, incorpora o sentido deste grupo de verbos.

E como o estudante/pesquisador reconhecerá tal uso específico? Por meio da sintaxe. Estes três grupos de verbos possuem uma sintaxe particular, já apresentada na definição terminológica proposta. Trata-se de verbos cujo comportamento sintático assemelha-se a *kāna*, por introduzirem frases nominais, modificando a sintaxe original do predicativo do sujeito (de nominativo passa a acusativo). Por esse motivo, alguns dos gramáticos não árabes pesquisados incluem o estudo destes verbos no capítulo reservado a *kāna* e seus semelhantes.

Há, entretanto, uma diferença fundamental e determinante entre os verbos *muqāraba*, *rajā*, *ʾšurīʿ* e *kāna* (e seus semelhantes). Estes introduzem as frases nominais, modificando o caso do predicativo do sujeito, o qual pode ser representado por um adjetivo ou uma oração, como mostra os exemplos abaixo:

(36) *kāna alwaladu mujtahhidan.*

O menino era estudioso.

(37) *kāna alwaladu yadrusu liʾimtiḥāni.*

O menino estava estudando para a prova.

No primeiro exemplo, *mujtahhidan* representa o predicativo do sujeito que se encontra no caso acusativo. Já no segundo, o adjetivo foi substituído pela oração *yadrusu*, literalmente “ele estuda”, que passa a ocupar o lugar sintático de acusativo.

Os verbos *muqāraba*, *rajā*, *ʾšurīʿ*, da mesma forma, introduzem uma frase nominal, modificando o caso do predicativo do sujeito, contudo, sua posição sintática acusativa somente poderá ser preenchida por uma oração, como nos exemplos abaixo:

(38) *kāda akāmu yantahī.*

O ano está prestes a terminar.

(39) *ʾaḥaḍa attalju yanhamiru.*

A neve começou a cair em abundância.

Em (38), a oração *yantahī*, literalmente “ele termina”, ocupa a posição sintática acusativa. Igualmente ocorre em (39), em que a oração *yanhamiru* (“ele cai em abundância”) completa o sentido da oração maior iniciada pelo verbo *ʾaḥaḍa* e ocupa a posição sintática acusativa do predicativo do sujeito.

Outra característica importante destes verbos consiste na possibilidade/impossibilidade de virem seguidos pela conjunção أَنْ 'an. Os verbos *muqāraba* e *rajā'* podem ou não vir seguidos por esta conjunção, já os verbos *šurīṭ*; obrigatoriamente, não podem ser sucedidos pela mesma. A presença ou ausência desta conjunção não implica mudança de significado.

Observe a tabela 11 abaixo, em que constam os principais traços destes verbos:

	Exemplo	Valor semântico	Tempo verbal	Conjunção 'an
Verbos <i>muqāraba</i>	<i>kāda</i> <i>'awašaka</i>	Aproximação do evento principal	Presente do indicativo ou pretérito perfeito	Com ou sem
Verbos <i>rajā'</i>	<i>'asā</i>	Expectativa do evento principal	Pretérito perfeito	Com ou sem
Verbos <i>šurīṭ</i>	<i>'aḥaḍa</i> <i>bada'</i> <i>šarāa</i>	Início do evento principal/incoativo	Pretérito perfeito	Absolutamente sem

Tabela 11: Características principais dos verbos *muqāraba*, *rajā'* e *šurīṭ*

Dentre os autores pesquisados, Abrantes (1774, p. 305), Périer (1911, p. 82), Haywood & Nahmad (1965, p. 269), Corriente (1992, p. 227) e Cowan (2007, p. 173) discutem o comportamento destes verbos, ou simplesmente notificam sua existência por meio de exemplos. Verifica-se, também, que nos vocabulários/dicionários terminológicos pesquisados, dois autores apresentaram termos correspondentes somente à categoria dos verbos *muqāraba*.

Abrantes (1774, p. 305) reserva um parágrafo para a explicação destes verbos que chamou de “verbos de vizinhança”. Segundo ele, a justificativa para esta terminologia está na sua significação. De fato, os verbos *muqāraba* possuem o significado de “estar perto”, mas no sentido de “estar prestes a” acontecer algo no sentido temporal, e não no sentido de proximidade física que justifique o termo adotado pelo gramático português. Como sua explanação é bastante reduzida, não é possível ao leitor especializado desfazer o mal entendido gerado.

Pérrier (1911, p. 82) escreve um pequeno parágrafo acerca do verbo *ʿasā*, denominado-o como “verbo de possibilidade” a partir de sua tradução. Haywood & Nahmad (1965, p. 269) falam sobre os verbos *ʿasā* e *kāda*, nesta ordem e sem apresentar sua respectiva terminologia árabe - *rajāʿe muqāraba*. Cowan (2007, p. 173), por sua vez, inclui o verbo *kāda* nos exemplos dados para explicar o verbo *kāna* e seus semelhantes, sem nem ao menos discorrer separadamente sobre as diferenças existentes entre estes verbos como explicitado acima.

Corriente (1992, p. 227) inclui estes três grupos de verbos dentro da seção que chamou de “verbos modificadores”, subdivididos em três:

- a. Verbos “ser” e “tornar-se”, em que agrupou *kāna* e seus semelhantes, bem como os verbos *muqāraba* (*kāda*/*ʿawšaka*);
- b. Verbos incoativos, ou seja, ou verbos *šurīʿ*;
- c. Verbos de possibilidade, isto é, os verbos *rajāʿ*.

Com esta classificação e terminologia, acredita-se que o gramático abrangeu a diferenciação semântica entre estes verbos, exceto no grupo a., em que apresenta apenas a tradução literal dos verbos *kāda* e *ʿawšaka*, sem explicações sintáticas. Ao leitor iniciante pode parecer que tanto os verbos *kāda* e *ʿawšaka* quanto *kāna* e seus semelhantes possuem o mesmo uso.

Corriente (1992, p. 228) considera que todos esses verbos listados funcionam como auxiliares e ocupam a posição normal do verbo na sentença, isto é, antecedendo o sujeito ao qual, geralmente, seguirá o verbo principal modificado semanticamente.

O posicionamento sintático dos “verbos modificadores” descrito por Corriente assemelha-se ao descrito por Azeredo (2010, p. 203) para os verbos auxiliares portugueses que, de acordo com a definição terminológica acima, “são aqueles que precedem o verbo principal com a função de exprimir os conteúdos gramaticais”, denotando as noções aspectuais (constante, progressiva, incoativa, reiterativa, iterativa) e as atitudes enunciativas (possibilidade, permissão, obrigação, necessidade), como ilustrado nos exemplos abaixo:

- (40) A chuva *começa a cair* forte. (aspecto incoativo)
- (41) A chuva *está prestes a cair*. (aspecto iminente)

- (42) A moça *está varrendo* o quintal. (aspecto progressivo)
- (43) A moça *pode varrer* o quintal. (possibilidade/permissão)
- (44) A moça *deve varrer* o quintal. (possibilidade/obrigação)

Outro argumento que confirmaria a designação dos verbos árabes em análise pelo termo “auxiliar” encontra-se em Castilho (2010, p. 445), o qual diz que, quando dois verbos ocorrem em adjacência e selecionam o mesmo sujeito, o primeiro verbo é o auxiliar e o segundo é o verbo principal (ou pleno) auxiliado. De fato, nos exemplos (38) e (39), vê-se dois verbos selecionando um único sujeito.

Acredita-se que designar os verbos *muqāraba*, *rajāʾ* e *šurīʿ* pelo termo “auxiliar” seja problemático, porque o verbo *kāna* e seus semelhantes também possuem esta capacidade, isto é, em determinados contextos podem atuar como verbos auxiliares como descrito na seção 7.

Desta forma, sugere-se que os verbos *muqāraba*, *rajāʾ* e *šurīʿ* sejam designados, em português, pelo sintagma terminológico **verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade**.

10. أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ – 'afāl almadh wa ad-dam

Termo		Possível correspondência em Pt		Proposta de padronização	
أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ		Ø		Verbos de elogio e depreciação	
'afāl almadh waq-damm					
DT: “Os verbos <i>madh</i> e <i>damm</i> são verbos invariáveis, utilizados apenas no pretérito perfeito para construir a estrutura de elogio e depreciação. Cada estrutura seleciona obrigatoriamente um atributo de elogio ou depreciação.” ¹⁴⁸				TL: 1. a. Elogio, louvor; b. Censura, crítica, repreensão, reprovação, vitupério. 2. a. <i>Alabanza, loa, elogio</i> ; b. <i>censura, reproche, crítica</i> .	
Ex.: <i>nīma/ ḥabbaḍā</i> <i>bi'sa/ lā ḥabbaḍā</i>				Fonte: 1. Sabbagh, 2011, p. 620/320. 2. Corriente, 1991, p. 712/270.	
Fonte: Alḥawṣ, 1987, p. 216.					
Pt ₁₇₇₄	Verbos de louvar e vituperar	Es ₁₉₉₂	Verbos <i>nīma/ ḥabbaḍā y bi'sa/ lā ḥabbaḍā</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Verbes de louange et blâme</i>
Pt ₂₀₀₇	Verbos <i>nīma</i> (<i>nīmat</i>) e <i>bi'sa</i> (<i>bi'sat</i>)	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbes de louange et blâme</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Verbs of praise and blame</i>
In ₁₈₅₉	<i>Verbs of praise and blame</i>	In ₁₉₆₅	---	Dic ₁₉₈₃	---
In ₂₀₀₅	---				

¹⁴⁸ Tradução nossa de: أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ: أَفْعَالٌ جَامِدَةٌ تَأْتِي عَلَى صُورَةِ الْمَاضِي فَقَطْ لِإِنْشَاءِ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ، وَلَا بُدَّ
 "أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ: أَفْعَالٌ جَامِدَةٌ تَأْتِي عَلَى صُورَةِ الْمَاضِي فَقَطْ لِإِنْشَاءِ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ، وَلَا بُدَّ
 'afāl almadh waq-dam: 'afāl jāmidā ta'tī 'alā šūra almādī faqaṭ li'inšā' almadh waq-dam wa lā budda lahā min maḥṣūṣ bilmadh 'aw ad-dam.)

De acordo com a tradição gramatical árabe, os termos *madḥ* e *ḍamm* referem-se a uma estrutura frasal específica que exalta ou deprecia o sujeito sentencial. Almafī (2002, vol. 8, p.40), por exemplo, utiliza o sintagma terminológico *ʿuslūb almadḥ waḍ-ḍamm*, literalmente “estilo/ gênero *madḥ* e *ḍamm*”, ao invés de chamá-los unicamente de “verbos”, já que os mesmos exigem uma forma particular de emprego.

A definição terminológica presente na ficha acima informa que os verbos *madḥ* e *ḍamm* são invariáveis e conjugam-se apenas no pretérito perfeito. Segundo Alḥawṣ. (1987, p. 216), isto se dá porque estes verbos apresentam-se em um único estilo e indicam um fato, um estado que não exige mudança temporal, ou seja, o elogio ou a depreciação de algo/alguém não necessita da marcação do tempo ou modo.

Os verbos específicos que veiculam a ideia *madḥ* e *ḍamm* são:

Verbos <i>madḥ</i>	نِعَمَ <i>nīma</i>	حَبَّأَ <i>ḥabbadā</i> ¹⁴⁹	“ser bom”, “que excelente é...”
Verbos <i>ḍamm</i>	بُئِسَ <i>bi’sa</i>	لَا حَبَّأَ <i>lā ḥabbadā</i>	“ser mau”, “que mau é...”

Tabela 12: Verbos *madḥ* e *ḍamm*

Estes quatro verbos acima elencados flexionam-se apenas na 3ª pessoa singular masculina e feminina, embora Corriente (1992, p. 257) afirme que as formas femininas sejam raras e opcionais. Wright (1859, p. 97), por sua vez, salienta que ocasionalmente podem ocorrer as formas verbais de 3ª pessoa masculina dual e plural.

O autor supracitado (1859, p. 97) observa ainda que a vocalização original dos verbos *nīma* e *bi’sa* é, respectivamente, *naīma* e *ba’isa*. O gramático justifica a mudança vocálica, pautando-se em um fenômeno fonético que abrange os verbos do tipo *fāila* e *faula*, cuja segunda radical é um fonema faríngeo ou laríngeo. Neste caso, a vogal breve da segunda radical é transferida para a primeira, exatamente como ocorre com os verbos *nīma* e *bi’sa*¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Os verbos *ḥabbadā* e *lā ḥabbadā* constituem uma fusão do verbo *habba* (“fazer-se querido”) com o pronome demonstrativo *dā* (“este”). A partícula *lā* anteposta ao verbo corresponde a sua negativa.

¹⁵⁰ As consoantes *ʿayn* e *hamza* que ocupam a segunda radical dos verbos *nīma* e *bi’sa* são classificadas, fonologicamente, como consoante faríngea, fricativa, sonora e consoante laríngea, oclusiva, surda, respectivamente. (Jubran, 2004, p. 23)

Corriente (1992, p. 256) trata destes verbos no capítulo reservado ao estudo das orações exclamativas. Para o gramático espanhol, os verbos *madh* e *damm* servem para exclamar os conceitos de excelência e seu contrário. Tais verbos podem vir seguidos de:

- a) Um sujeito determinado:

n̄ma al'ustādu. Que bom professor!

bi'sa arrajulu alkāḍibu. É mau o homem mentiroso.

- b) Por um acusativo de especificação¹⁵¹:

bi'sa jawāban. Que resposta má!

- c) Por uma subordinada nominalizada por *mā*:

n̄ma mā fāalta. Que bem o que você fez!

Cowan (2007, p. 173), após tratar dos verbos de “surpresa e admiração”, inclui uma nota modesta a respeito dos verbos *n̄ma* e *bi'sa*, sem dissertar acerca de suas características principais.

Embora Périer (1911, p. 82) escreva um reduzido parágrafo, neste há os traços determinantes sobre o tema, bem como os quatro exemplos de verbos que veiculam a ideia *madh* e *damm*. O gramático francês selecionado designa estes verbos árabes pelo sintagma terminológico *verbes de louange et de blâme*.

Dentre os dez autores pesquisados, três deles, a saber, Ryding (2005), Haywood & Nahmad (1965) e Bakalla *et al.* (1983) não discorreram sobre os verbos em questão. Os sete autores restantes tocaram no assunto, mesmo que alguns tenham o feito reduzidamente. Cinco dentre estes sete autores, a saber, Abrantes (1774, p. 306), Wright (1859, p. 97), Machuel (1908, p. 56), Périer (1911, p. 82), Cachia (1973, p. 12/59), pautaram sua escolha terminológica na tradução do termo árabe *'afāl almadh wa ad-dam* para suas línguas de chegada. Corriente (1992, p. 256) e Cowan (2007, p. 173) optaram por utilizar os principais representantes deste grupo - verbos *n̄ma* e *bi'sa* – na tarefa designá-lo.

Acredita-se que a tradução tenha sido opção majoritária, pois não há em português, francês, inglês, nem em espanhol, fatos gramaticais que viabilizassem comparação entre estas línguas e o árabe, com relação a estes verbos específicos.

¹⁵¹ Chamado, em árabe, de تَمْيِيز *tamyīz*.

Por isso, sugere-se que seja observada, em língua portuguesa, a tendência seguida pela maioria dos gramáticos e dicionaristas não árabes pesquisados, isto é, que seja adotado o sintagma terminológico **verbos de elogio e depreciação** a fim de designar o termo árabe *'afāl almadh wa ad-dam*. O sintagma terminológico sugerido, pode não remeter a nenhuma comparação gramatical com a língua portuguesa, contudo, é aparente ao leitor especializado brasileiro.

Neste terceiro capítulo, analisaram-se dez termos principais e dezesseis termos secundários, segundo os princípios metodológicos estabelecidos no capítulo anterior. Todos os termos investigados fazem parte do domínio morfossintático do verbo árabe, embora observe-se que determinadas terminologias refletem a mistura de critérios classificatórios originada na designação elaborada pelos primeiros gramáticos árabes.

A padronização terminológica proposta no presente capítulo teve como princípio motivador o público alvo, isto é, o leitor especializado brasileiro. Espera-se que os termos sugeridos sejam aparentes e auxiliem didaticamente o ensino de língua árabe no Brasil. O capítulo seguinte contém a sistematização dos vinte e seis termos organizados em forma de glossário, de acordo com a definição de Barros (2004): uma “lista de unidades terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas”.

Capítulo IV

Glossário da Terminologia Verbal Morfossintática

O glossário¹⁵² elaborado possui as seguintes características principais:

- a. Não apresentar definições;
- b. Listar as unidades terminológicas verbais árabes do domínio gramatical morfossintático;
- c. Apresentar seus equivalentes em língua portuguesa.

Reitera-se que este glossário terminológico destina-se aos leitores especializados brasileiros, em primeiro lugar, sejam eles pesquisadores ou estudantes de língua árabe. Acredita-se que este material de consulta também seja útil aos leitores especializados de além-mar, visto que, em Portugal, há tradição no estudo da língua árabe devido ao legado linguístico, histórico, cultural deixado por este povo durante os séculos em que estiveram ativamente presentes na Península Ibérica. Espera-se que o produto deste trabalho terminológico possa auxiliar também os arabófonos que tenham a língua portuguesa como objeto de estudo.

Chegou-se ao total de vinte e seis termos árabes, os quais serão listados no glossário árabe-português e organizados considerando sua ordem alfabética árabe. A ordem sistemática foi previamente seguida quando da análise dos mesmos. A disposição dos termos, isto é, sua direção da leitura será, portanto, da direita para a esquerda, segundo a ordem da escrita árabe. O termo principal estará em **negrito**, sendo seguido por sua transliteração em *italico* e pela proposta de padronização em português.

Considerou-se, nos termos árabes compostos, a primeira letra tanto do primeiro vocábulo quanto do segundo a fim de se precisar a ordem alfabética. Não foi levado em consideração o artigo definido *al*, presente em alguns termos, no momento da ordenação.

¹⁵² Adotou-se, nesta dissertação, a definição de Barros (2004, p. 144) para o termo “glossário”, como mencionado no capítulo I.

Já o glossário português-árabe contará com o termo principal em **negrito**, que corresponde à proposta de padronização, o equivalente em árabe e sua transliteração em *itálico*. A ordenação destes verbetes seguirá a ordem alfabética portuguesa.

Passa-se, agora, aos glossários terminológicos:

1. Glossário Árabe-Português da Terminologia Verbal Morfossintática

Verbos com و ou ي como 2ª radical	<i>'ajwaf</i>	أَجَوْف
Verbos de elogio e depreciação	<i>'aḡāl almadḥ waḍ-ḍam</i>	أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ
Verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade	<i>'aḡāl almuqāraḇa war-rajā' waš-šurī'</i>	أَفْعَالُ الْمُقَارِبَةِ وَالرَّجَاءِ وَالشُّرُوعِ
Verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes	<i>aḡāl nāqiṣa</i>	أَفْعَالُ نَاقِصَةٍ
Triconsonântico simples	<i>sālim</i>	سَالِمٌ
Puramente consonântico	<i>ṣaḥīḥ</i>	صَحِيحٌ
Verbo	<i>fi'l</i>	فِعْلٌ
Imperativo	<i>fi'l al'amr</i>	فِعْلُ الْأَمْرِ
Intransitivo	<i>lāzim</i>	لَازِمٌ
Verbo com duas semiconsoantes intercaladas	<i>laḡīf maḡrūq</i>	لَفِيفٌ مَفْرُوقٌ
Verbo com duas semiconsoantes consecutivas	<i>laḡīf maḡrūn</i>	لَفِيفٌ مَقْرُونٌ
Pretérito Perfeito	<i>māḍīn</i>	مَاضٍ
Voz passiva	<i>almabnī lil-maḡhūl</i>	الْمَبْنِي لِلْمَجْهُولِ
Voz ativa	<i>almabnī lil-ma'ḡlūm</i>	الْمَبْنِي لِلْمَعْلُومِ
Transitivo	<i>muta'addīn</i>	مُتَعَدٍّ
Verbos com و ou ي como 1ª radical	<i>miṭāl</i>	مِثَالٌ

Primitivo	<i>mujarrad</i>	مُجَرَّد
Derivado	<i>mazīd</i>	مَزِيد
Futuro	<i>mustaqbal</i>	مُسْتَقْبَل
Apocopado	<i>muḍāri^c majzūm</i>	مُضَارِع مَجْزُوم
Presente do indicativo	<i>muḍāri^c marfū^c</i>	مُضَارِع مَرْفُوع
Subjuntivo	<i>muḍāri^c manṣūb</i>	مُضَارِع مَنْصُوب
Duplicado	<i>muḍā^{cc}af</i>	مُضَعَّف
Consonântico-semiconsonântico	<i>mu^{ct}al</i>	مُعْتَل
“Hamzado”	<i>mahmūz</i>	مَهْمُوز
Verbos com و ou ي como 3 ^a radical	<i>nāqiṣ</i>	نَاقِص

2. Glossário Português-Árabe da Terminologia Verbal Morfossintática

Apocopado	مُضَارِعٌ مَجْزُومٌ	<i>muḍāri^c majzūm</i>
Consonântico-semiconsonântico	مُعْتَلٌ	<i>mu^ctal</i>
Derivado	مَزِيدٌ	<i>mazīd</i>
Duplicado	مُضَعَّفٌ	<i>muḍa^{cc}af</i>
Futuro	مُسْتَقْبَلٌ	<i>mustaqbal</i>
“Hamzado”	مَهْمُوزٌ	<i>mahmūz</i>
Imperativo	فِعْلُ الْأَمْرِ	<i>fīl al'amr</i>
Intransitivo	لَازِمٌ	<i>lāzim</i>
Presente do indicativo	مُضَارِعٌ مَرْفُوعٌ	<i>muḍāri^c marfū^c</i>
Pretérito Perfeito	مَاضٍ	<i>māḍin</i>
Primitivo	مُجَرَّدٌ	<i>mujarrad</i>
Puramente consonântico	صَحِيحٌ	<i>ṣaḥīḥ</i>
Subjuntivo	مُضَارِعٌ مَنصُوبٌ	<i>muḍāri^c manṣūb</i>
Transitivo	مُتَعَدٍّ	<i>muta^caddin</i>
Triconsonântico simples	سَالِمٌ	<i>sālim</i>
Verbo	فِعْلٌ	<i>fī^cl</i>
Verbo com duas semiconsoantes consecutivas	لَفِيفٌ مَفْرُوقٌ	<i>lafīf mafrūq</i>

Verbo com duas semiconsoantes ligadas	لَفِيفٌ مَّقْرُونٌ	<i>lafīf maqrūn</i>
Verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes	أَفْعَالٌ نَاقِصَةٌ	<i>afʿāl nāqiṣa</i>
Verbos com و ou ي como 1ª radical	مِثَالٌ	<i>miṭāl</i>
Verbos com و ou ي como 2ª radical	أَجَوَفٌ	<i>ʾajwaf</i>
Verbos com و ou ي como 3ª radical	نَاقِصٌ	<i>nāqiṣ</i>
Verbos de elogio e depreciação	أَفْعَالُ الْمَدْحِ وَالذَّمِّ	<i>ʾafāl almadḥ wad-dam</i>
Verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade	أَفْعَالُ الْمُقَارَبَةِ وَالرَّجَاءِ وَالشُّرُوعِ	<i>ʾafāl almuqāraba war-rajāʾ waš-šurīʿ</i>
Voz ativa	الْمَبْنِيُّ لِلْمَعْلُومِ	<i>almabnī lil- maʿlūm</i>
Voz passiva	الْمَبْنِيُّ لِلْمَجْهُولِ	<i>almabnī lil- majhūl</i>

Considerações Finais

Neste trabalho, discutiu-se a terminologia morfossintática do verbo árabe proposta pela teoria gramatical e presente nos manuais contemporâneos de ensino desta língua para nativos e estrangeiros. Revisou-se como este conjunto de termos foi transmitido para quatro línguas modernas – inglês, francês, espanhol e português, por meio da análise de sete gramáticas do árabe escritas por arabistas de nacionalidades diversas e pertencentes a épocas diferentes.

Verificou-se que a terminologia genuína árabe adotada pelos primeiros gramáticos é coerente com cada processo linguístico descrito. Mesmo que no estágio atual da língua não fosse possível identificar o embasamento teórico para determinado termo, a um breve olhar diacrônico desvendavam-se as razões pelas quais os linguístas fizeram tal opção. A título de exemplo, tem-se o termo *muḍārġ*, que em tradução literal quer dizer “semelhante, similar”. Como esclarecido na nota 86, este termo foi proposto por Sībawayhi em fins do século VIII, sinalizando a semelhança existente entre este grupo de verbos e os nomes declináveis. Para este gramático, os diacríticos marcadores de caso eram “semelhantes” aos marcadores modais presentes nos verbos *muḍārġ*.

Observou-se que, embora os termos adotados pelos gramáticos não árabes em suas línguas maternas sejam fruto de reflexão linguística (conclusão a partir da descrição gramatical de cada autor), todos perpassam o significado literal do termo árabe genuíno, ainda que a tradução não seja o produto final.

Dos vinte e seis termos em análise, constatou-se que dez já possuíam um uso vernáculo padronizado nas línguas abordadas. Oito terminologias já padronizadas foram mantidas em língua portuguesa, por acreditar ser pertinente e aparente ao leitor especializado brasileiro e lusófono em geral. Foi verificada, também, correspondência gramatical entre esses processos linguísticos árabes e portugueses. Os termos padronizados e mantidos são:

verbo	<i>fīl</i>
subjuntivo	<i>muḍārʿ manṣub</i>
futuro	<i>mustaqbal</i>
imperativo	<i>fīl al'amr</i>
intransitivo	<i>lāzim</i>
transitivo	<i>mutaʿaddīn</i>
voz ativa	<i>mabnī lil-maʿlūm</i>
voz passiva	<i>mabnī lil-majhūl</i>

Apenas dois termos padronizados não foram mantidos, pois não eram eficientes em demonstrar ao leitor suas diferenças específicas. Foram sugeridos termos aparentes ao público alvo e mais eficientes na tarefa de designar a característica principal destes verbos. Não se observou nenhum item gramatical português que viabilizasse uma correspondência direta ou indireta com ambos os itens árabes. São eles:

verbos com duas semiconsoantes consecutivas	<i>laḥīf maqrūn</i>
verbos com duas semiconsoantes intercaladas	<i>laḥīf mafrūq</i>

Dos dezesseis termos restantes cujos usos não se encontram padronizados nas quatro línguas de chegada investigadas, cinco apresentam correspondência com processos gramaticais portugueses que propiciaram a sugestão de novos termos direcionados ao leitor especializado brasileiro, tendo como base de contraste a própria língua portuguesa. São eles:

pretérito perfeito	<i>māḍīn</i>
presente do indicativo	<i>muḍārʿ marfūʿ</i>
apocopado	<i>muḍārʿ majzūm</i>
primitivo	<i>mujarrad</i>
derivado	<i>mazīd</i>

Os últimos onze termos cujos usos não se encontram padronizados e não há possibilidade de correspondência gramatical com o português são:

puramente consonântico	<i>ṣaḥīḥ</i>
triconsonântico simples	<i>sālim</i>
duplicado	<i>muḍāʿaf</i>
“hamzado”	<i>mahmūz</i>
consonântico-semiconsonântico	<i>miṭṭal</i>
verbos com و ou ي como 1ª radical	<i>miṭāl</i>
verbos com و ou ي como 2ª radical	<i>ʾajuaf</i>
verbos com و ou ي como 3ª radical	<i>nāqiṣ</i>
verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes	<i>afʿāl nāqiṣa</i>
verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade	<i>ʾafʿāl almuqāraba war-rajāʾ</i> <i>waš-šurīʿ</i>
verbos de elogio e depreciação	<i>ʾafʿāl almadḥ waḍ-ḍam</i>

Para os termos acima, duas possibilidades se levantaram: ou algum termo não padronizado, contudo, aparente ao público pretendido foi adaptado em português, ou foi criada uma terminologia nova e específica para o leitor brasileiro cujo interesse de pesquisa e estudo seja a língua árabe.

Considera-se relevante retormar alguns pontos já discutidos ao longo da dissertação. O primeiro deles refere-se à regularidade flexional dos verbos. Todo paradigma flexional árabe é previsto e regular, o que implica variação da raiz é a presença do *wāw* ou *yāʾ* entre as consoantes radicais, bem como o padrão vocálico de determinada forma verbal. Por isso, evitou-se empregar a terminologia “regular” ou “irregular” para as tipologias das raízes verbais.

O segundo ponto relaciona-se às denominadas *ʾaḥruf aʿilla*, ou “letras fracas”. Para os árabes, o *wāw* e o *yāʾ* possuem um duplo estatuto funcional. Podem, juntamente ao *ʾalif*, desempenhar o papel das vogais longas, ou compor ao lado das “consoantes fortes” a constituição das raízes verbais e nominais. Em árabe, a dupla função é imediatamente reconhecida na palavra em foco. Os conflitos podem ser gerados nas

análises não árabes a partir da adaptação de conceitos estrangeiros, como vogal, consoante e semiconsoante/semivogal.

Quanto ao tramento dado às categorias de tempo, modo e aspecto verbal, optou-se pela perspectiva tempo-específica para a padronização das terminologias em português, mesmo concordando que a língua árabe seja genuinamente aspecto-específica. Há dois motivos preponderantes para esta preferência, o primeiro pauta-se no objeto de estudo desta pesquisa – a língua contemporânea, constantemente influenciada por outras línguas modernas tempo-específicas. O segundo motivo é exatamente a aproximação de conceitos e terminologias do leitor alvo deste trabalho, falante nativo de uma língua cuja categoria de tempo é bem determinada.

Outro ponto a ser retomado refere-se à voz passiva como estratégia de indeterminação do sujeito /agente/ em ambas as línguas. Observou-se que tanto em português como em árabe, a voz passiva do verbo é utilizada com a intenção discursiva de não informar o sujeito /agente/ da ação verbal. Além disso, o árabe demonstra-se semanticamente mais coerente neste quesito, se comparado à língua portuguesa. Diz-se: “o menino nasceu”, utilizando a voz ativa portuguesa e "وُلِدَ الْوَلَدُ" *wulida alwaladu* (lit. “o menino foi nascido”), empregando a voz passiva árabe. O verbo “nascer”, em língua árabe, apresenta-se apenas na voz passiva, pois aquele que nasce será sempre /paciente/.

Não há consenso entre os gramáticos árabes quanto aos “verbos de elogio e depreciação”. Alguns não os consideram verbos e sim um “estilo”, por serem invariáveis e de uso limitado. No entanto, decidiu-se mantê-los entre os verbos árabes, porque há outros na língua também invariáveis, como o verbo *laysa*, e porque partiu-se da classificação de manuais árabes voltados ao ensino da língua para estrangeiros, os quais abarcam o estudo destes verbos.

Dicionários bilíngues, glossários especializados, entre outras obras de referência são fundamentais no processo de aquisição de uma língua estrangeira e devem ser vistos como obra didática básica (Barros, 2004, p. 73). Por esse motivo, espera-se que este trabalho sirva, ainda que modestamente, de ferramenta didática no ensino do árabe no Brasil e entre a comunidade lusófona interessada no tema, assim como auxilie o estudante no percurso de aprendizagem desta língua cuja a expressividade é inegável no cenário internacional, seja por motivos políticos,

diplomáticos, comerciais ou simplesmente culturais e linguísticos. Seus falantes nativos ultrapassam a marca de 270 milhões de pessoas, divididas em mais de vinte países, além de ser uma das seis línguas oficiais da ONU, juntamente com o inglês, francês, espanhol, russo e chinês.

Acredita-se ainda que a pertinência deste material alcance os leitores árabes que desejam aprender (ou estejam aprendendo) a língua portuguesa. Há iniciativas governamentais para a implementação do ensino regular de língua portuguesa em alguns países árabes, como, por exemplo, Líbano, Síria, Marrocos, devido à contínua integração destes povos com o Brasil ou Portugal. Foi refletindo sobre esta realidade que se decidiu apresentar a ordem português-árabe dos mesmos termos listados no glossário árabe-português.

A decisão pelo enfoque na classe verbal foi motivada por um interesse particular, mas, sobretudo, pela necessidade de se restringir o escopo desta pesquisa. A importância de se estudar as terminologias gramaticais árabes ultrapassa os limites do verbo. Sugerimos, portanto, que haja prosseguimento neste trabalho terminológico e seja aprofundado e ampliado para as classes dos nomes e das partículas. Gostaríamos que esta pesquisa sirva de ponto de partida para que outros pesquisadores inconformados com a carência de estudos na padronização terminológica desta área, produzam outras ferramentas didáticas para o ensino de árabe no Brasil.

Referências Bibliográficas

- AD-DĪN °AM °ALĪ, Tāj. *Annūr lmuḍī 'fī lqawā'id wali 'rāb walbalāḡah wal'urūd wali 'mlā.* Damasco: Dār Ifīkr, 2006.
- ALḤATĪB, Ḥasām & JAṬAL, Muṣṭafā. *Alluḡatu al'arabiyatu liḡayri almutaḥaṣiṣīn - alkitābu al'alwalu.* Damasco: Mudīriyat alkitub almaṭbū'āt aljamiyat, 1992-1993.
- ALḤAWṢ, 'Aḥmad. *Qiṣatu-li'rāb, 'uslūb mutaṭawwir fī-lqawā'id wa-li'rāb.* Damasco: Aṭṭab'at arrābi'at, 1987.
- ALMA°RĪ, Šawqī. *Almawsū'a an-naḥawyya lmaysara: bi'uslūb ta'alīmī mutamayazī.* Damasco: Dār lḥārit, 2002, v. 1-10.
- ABRANTES, Fr. António Baptista. *Instituições da língua arabiga para o uso das Escolas da Congregação da Terceira Ordem.* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1774.
- AL-KAROURI, AbdulMuneim M. *The inflectional morphology of verbs in classical arabic.* Khartoum University Press, 1996.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. "O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina." In: *TRADTERM.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, v. 9, p. 211-222.
- ALVES, Maria Ieda. "Terminologia e neologia." In: *TRADTERM.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, v. 9, p. 53-70.
- AUGUSTO DIAS, Cláudia. "Terminologia: conceitos e aplicações." In: *Ci. Inf.* Brasília: jan./abr. 2000, v. 29, n.1, p. 90-92.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* São Paulo: Publifolha, 2010, 3. ed.
- BAALBAKI, Ramzi. Review of books: *Al-Mubarrad's refutation of Sībawayhi and the subsequent reception of the kitāb* by Monique Bernards. In: *Journal of American Oriental Society.* American Oriental Society, v. 119, n. 3, 1999, p. 532-533.
- BAALBAKI, Dr. Rohi. *Al-Mawrid, A modern Arabic-English dictionary.* Beirut: Dar El-Ilm LilMalayin, 1995.

- BACCIN, Paola G. *Italianismos na terminologia gastronômica na cidade de São Paulo: um modelo de glossário*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2003.
- BAKALLA, Dr. Muhammad *et al.* *A dictionary of modern linguistic terms: English-Arabic & Arabic-English*. Beirut: Librairie du Liban, 1983.
- BARBOSA, M. Aparecida. “Dicionário, vocabulário, glossário: concepções.” In: *Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*/Ieda Maria Alves (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, 2. ed., p. 23-45.
- BARROS, Lúcia A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999, 37. ed.
- BELMOUHOU, Rachid. *Larousse langues orientales. Lire et écrire l’arabe*. Paris: Larousse, 2006.
- BATESON, Mary Catherine. *Arabic language handbook*. Washington: Center for Applied Studies, 1967.
- BORGES, Marlise F. “Identificação de sintagmas terminológicos em Geociências.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p.431-433.
- BULOS, Afif A. *The Arabic trilateral verbs: A Comparative Study of Grammatical Concepts and Processes*. Beirut: Khayats, 1965.
- CACHIA, Pierre. *Dictionary of Arabic grammatical terms, Arabic-English/English-Arabic*. Beirut & London: Librairie du Liban & Longman, 1973.
- CAMARA, J. Mattoso Jr. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010, 1. ed.
- CINTRA, Anna Maria Marques *et al.* “Linguagens documentárias e terminologia”. In: *Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*/Ieda Maria Alves (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, 2. ed., p.17-22.
- COMPANY, Houghton M. *The american heritage dictionary*. Boston: New York, 1991, 2nd College Edition.
- CÔRREA, Roberto Alvim. *Dicionário escolar francês-português/português-francês*. Rio de Janeiro: FENAME/Ministério da Cultura, 1970, 5. ed.

- CORREIA, Margarita. “Neologia e terminologia”. In: *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998, p. 59-74.
- CORRIENTE, F. *Diccionario Arabe-Español*. Barcelona: Editorial Herder, 1991, Tercera Edición.
- _____. *Gramática Árabe*. Barcelona: Editorial Herder, 1992.
- COWAN, David. *Gramática do árabe moderno: uma introdução*/ David Cowan: tradução de Safa A. A. Jubran. São Paulo: Globo, 2007.
- DEMAI, Fernanda M. *Um dicionário terminológico da área de ortopedia técnica: descrição e análise*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.
- EL-DAHDAH, Antoine. *A pocket dictionary of Arabic grammatical nomenclature*. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 1997.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FINATTO, Maria José B. “Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação”. In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001a, pp. 434-435.
- _____. “Microestrutura no dicionário terminológico: bases teóricas e orientações metodológicas em direção ao seu tratamento formal”. In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001b, p. 285-296.
- GAUDEFROY-DEMOMBYNES, M. & BLACHÈRE, R. *Grammaire de L'Arabe Classique*. Paris: Librairie Orientale et Américaine, 1937.
- GOMES, Elias M. *Mil e um verbos árabes: uma proposta lexicográfica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2011.
- HAYWOOD, J. A. & NAHMAD, H. M. *A new Arabic grammar of written language*. London: Lund Humphries, 1965.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- HOURLANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- JUBRAN, Safa Abou-Chahla. “Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa.” In: *Tiraz*. USP, Ano 1 (2004). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p. 16-29.
- _____. *Árabe e Português: Fonologia Contrastiva*. São Paulo: Edusp/Fapesp/CEAR, 2004.
- KATAMBA, Francis. *Modern linguistics morphology*. London: Macmillan Press, 1994.
- KELLY, Page H. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*./ Page Kelly; tradução de Marie Ann Wangen Krahn. São Leopoldo, 1998, 7. ed.
- KRIEGER, Maria da Graça; & FINATTO, Maria José Borcomny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça. “A face linguística da Terminologia.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 22-32.
- KRIEGER, Maria da Graça. “O termo: questionamentos e configurações.” In: *TRADTERM*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, n. 7, p.111-140.
- KRIEGER, Maria da Graça. “Sobre Terminologia e seus objetos”. In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 34-38.
- _____. “Terminologia revisitada.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 47-60.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002, 42. ed.
- LIPÍŃSKI, Edward. *Semitic languages, outline of a comparative grammar*. Leuven: Peeters, 1997.
- LOGUERCIO, Sandra D. “Da falta de equivalência à paráfrase.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 415-421.
- MACIEL, Anns Maria Becker. “Pertinência pragmática e nomenclatura de um dicionário terminológico.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001a, p. 275-284.

- MACIEL, Anns Maria Becker. “Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001b, p. 39-46.
- MCCARTHY, John J. *Formal problems in semitic phonology and morphology*. Doctoral dissertation (1979), MIT (distributed by IULC, republished New York. Garland, 1982b).
- MACHUEL, L. *Principaux termes techniques de la grammaire Arabe*. Tunis : Société Anonyme d’Imprimerie Rapide, 1908.
- MOHAMMAD, Mahmoud Dawood. *The semantics of tenses and aspects in English and Modern Standard Arabic*. Dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of Georgetown University in partial fulfillment for the degree of Doctor of Philosophy in Applied Linguistics. Washington: 1982.
- MOURA, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió : EdUFAL.
- OWENS, Jonathans. “Models for interpreting the development of Medieval Arabic Grammatical Theory.” In: *Journal of the American Oriental Society*. v. 111, Nº 2 (Apr. - Jun., 1991) p. 225-238.
- PAIVA, Maria Helena. “Unidades monoverbais e pluriverbais, diacronia e tratamento informático no corpus metalinguístico do português quinhentista.” In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. v. 1, 2006, p. 107-142.
- PÉRIER, Augustin. *Nouvelle grammaire Arabe*. Paris: Editeur Ernest Leroux, 1911.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- PIETROFORTE, Antônio V. S. & LOPES, Ivã C. “A semântica lexical.” In: *Introdução à Linguística II: princípios de análise*/ José Luiz Fiorin (org.). São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-135.
- ROMAN, André. *Grammaire de l’arabe*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- RYDING, Karin C. *A Reference Grammar of Modern Standard Arabic*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- SABBAGH, Alphonse Nagib. *Dicionário Português-Árabe*. Beirut : Librairie du Liban Publishers, 2004.
- SABBAGH, Alphonse Nagib. *Dicionário Árabe-Português*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional & Almadena Editora, 2011.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006, 27.ed.

- SCHRAMM, Gene. "An outline of Classical Arabic Verb Structure." In: *Linguistic Society of America*. Language, v. 38, n. 4, (Oct – Dec 1962), p. 360-375. Disponível em: <www.jstor.org/stable/410672>. Acesso em 18 mar. 2010.
- SILVA, Eloiza Teresinha F. da. *Dicionário técnico bilíngue inglês-português da subárea do Check-list*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001, 4ª ed.
- SMART, J.R. *Arabic*. UK: Teach yourself books, 1986.
- SOUSA, Fr. João de. *Vestigios da lingua arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes portuguezes, que tem origem arabica*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 1789.
- SUBHI, Hamawi (compilação). *Al-Munjed fī-Luġat al-ʿArabyyat al-Muʿāširat*. Beirut: Dār al-Mašriq, 2001, 2ª edição.
- VARGENS, João Baptista M. & CAFFARO, Paula da C. (org.). *Arabismo: um tema e suas representações no Brasil e em Portugal*. Rio Bonito: Almadena, 2010.
- VERSTEEGH, Kees. *Landmarks in linguistic thought III: The Arabic Linguistic Tradition*. London and New York: Routledge, 1997.
- _____. "Linguistic Contacts between Arabic and Other Languages." In: *Arabic*, T. 48, Fasc. 4, *Linguistique Arabe: Sociolinguistique et Histoire de la Langue*. Brill, 2001, p. 470-508.
- _____. "The Arabic Terminology of Syntactic Position." In: *Arabia*, T. 25, Fasc. 3, Brill, 1978, p. 261-281.
- VON KEMNITZ, Eva-Maria. *Portugal e o Magrebe (séculos XVIII/XIX)*. Pragmatismo, inovação e conhecimento nas relações diplomáticas. Portugal: Coleção Biblioteca Diplomática do MNE – Série D & Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2010.
- ZEKRI, Mostafa & BAPTISTA, Jorge. *Manual de Iniciação ao Árabe*. Portugal: Serviços Gráficos da Universidade do Algarve, 2002.

WEHR, Hans. *A dictionary of modern written Arabic*. New York: Spoken Language Services Inc, 1976, 3rd edition.

WIGHTWICK, Jane & GAATAR, Mahmoud. *Verbs and Essentials of Grammar*. New York: MacGraw Hill, 2008.

WRIGHT, William. *A grammar of the Arabic language*. London: Convent Garden, v. I (1859) e v. II (1862)